



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



**OS SENTIDOS DO TRABALHO NA TUTORIA A DISTÂNCIA: BUSCANDO  
COMPREENSÕES À LUZ DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**FABIO ALEXANDRE DZIEKANIAK**

**RIO GRANDE - RS  
2014**

**FABIO ALEXANDRE DZIEKANIAK**

**OS SENTIDOS DO TRABALHO NA TUTORIA A DISTÂNCIA: BUSCANDO  
COMPREENSÕES À LUZ DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vanise dos Santos Gomes

**RIO GRANDE - RS  
2014**

## AGRADECIMENTOS

O caminho que percorri nesta escrita não foi solitário. Estive acompanhado de pessoas que possibilitaram que eu acreditasse na minha capacidade e incentivaram-me a continuar, muitas vezes sem mesmo entender o que significava fazer um mestrado ou escrever uma dissertação. E essas pessoas foram aprendendo, assim como eu, a compreender o sentido dos estudos, das escritas, das transcrições, das entrevistas, simplesmente ouvindo. Nos momentos mais angustiantes, eu pude falar para desabafar e elas ouviam atentas, transmitindo uma energia que me alimentava e motivava a continuar. Porque elas acreditam em mim!

Então, agradeço profundamente à minha mãe Iara Cristina Alexandre por ser uma mãe MARAVILHOSA, por estar sempre ao meu lado, por me incentivar sempre, por me amar!

Ao meu amor, Alisson Lima, em quem encontrei amor, parceria, apoio, amizade, compreensão. Obrigado por estar ao meu lado.

Ao meu pai Luiz; a minhas irmãs Bianca e Natalia; a meu irmão Mario; a minha avó Isa; a minhas tias e primos; a minhas irmãs de coração Marta, Helen e Mariane. Todos vocês sempre me apoiaram e acreditaram no meu potencial. Amo todos vocês!

À amiga Sabrina Barreto, por ser minha eterna madrinha.

A trajetória de escrita não seria a mesma se eu não tivesse encontrado pelos caminhos da docência minha orientadora Vanise dos Santos Gomes. Obrigado por acreditar em mim, por me oportunizar grandes experiências!

Às amigas que caminharam comigo durante os dois anos de mestrado: Ana Paula Fioravante e Suzana Kaiser, vocês foram nota 10! Compartilhei com vocês todos os momentos do curso e cresci muito com nossas conversas.

Aos amigos da SEaD com quem aprendi a ser um profissional da Educação a Distância. Em especial: Ana Moura, Berenice Vaniel, Cleusa Pereira, Joice Esperança, Joanalira Magalhães, Maria Simone Hornes, Sabrina Pereira, Aline Freire.

Às grandes companheiras do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade que, gentilmente, aceitaram participar da minha pesquisa: Ana Laura Salcedo, Arlete da Costa, Danieli Formentin, Fernanda Farias e Ingrid Wally. Obrigado por todas as experiências que vivenciamos juntos no curso.

Às professoras Suzane Vieira, Claudia Cousin e Heloisa Azevedo pela leitura atenta e contribuições durante o processo de escrita. Muito obrigado a todos!

## RESUMO

A presente pesquisa está vinculada à linha Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores(as) (EAEFE), do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA/FURG. O estudo foi realizado com cinco tutoras a distância que atuaram no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, oferecido na modalidade a distância pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, a partir do Programa Universidade Aberta do Brasil, entre os anos de 2010 e 2012. A pesquisa buscou compreender que sentidos atribuem ao trabalho de tutoria, realizado no referido curso de especialização, os tutores a distância que dele fizeram parte. Assim, justifica-se por propor debate acerca da situação a que estão sujeitos esses profissionais, estando inseridos em um contexto de exploração, terceirização e prestação de serviços em educação, visto que a Educação a Distância, que não é institucionalizada, contribui para a manutenção do Sistema Capitalista, reproduzindo a precarização do trabalho docente. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, sendo os dados produzidos por meio de diálogo dirigido com questões que versavam a respeito das experiências das tutoras com a Tutoria a Distância. Para realizar a análise dos dados coletados, foi utilizada a Análise Textual Discursiva (ATD) (Moraes e Galiazzi, 2007), metodologia que possibilitou a compreensão dos discursos dos sujeitos. Os diálogos traçados entre os relatos das tutoras e teóricos como Antunes (2009), Mattar (2012), Loureiro (2004), entre outros, possibilitaram a construção de compreensões sobre o trabalho dos tutores no contexto do Modo de Produção Capitalista, vinculando, assim, a pesquisa ao campo de discussões da Educação Ambiental. Neste estudo, três categorias emergiram do processo de análise, denominadas: Tutoria a distância - questões que influenciam as condições de trabalho; Os sentidos do tempo na Tutoria a Distância - limites do tempo dentro e fora do trabalho; Tutoria a distância e o relacionamento com os estudantes - desafios do trabalho e da aprendizagem na EaD. Nesse sentido, foram tecidas reflexões sobre o trabalho na sociedade capitalista a partir da teoria marxista e suas relações com a organização da Educação a Distância, pensando na posição que ela assume no cenário educacional brasileiro e considerando as implicações do modo de produção capitalista na organização do trabalho da tutoria em EaD. Nas três categorias, os sujeitos elencaram desafios, dificuldades e as satisfações relacionadas com as experiências vivenciadas na tutoria a distância. Os resultados mostraram que os sujeitos da pesquisa consideram-se pertencentes ao processo de aprendizagem, desempenhando ações educativas que as caracterizam como professoras, pois como tutoras desempenham funções docentes no processo de formação dos educandos. Também fica evidente que as tutoras não identificam o trabalho na tutoria como um trabalho precarizado, embora essa atividade esteja constituída na lógica de exploração e terceirização da mão de obra trabalhadora. Além disso, houve a confirmação de que a realização das atividades de tutoria intensifica a jornada de trabalho e de que ele é organizado em cima do tempo livre das tutoras.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Educação a Distância. Tutoria. Trabalho.

## ABSTRACT

This research is linked to the online Environmental Education: Education and Training of Teachers (the) (EAEFE), the Graduate Program in Environmental Education - PPGA / FURG. The study was carried out with five distance tutors who acted in the course of Specialization in Youth and Adult Education in Diversity offered in distance mode by the Federal University of Rio Grande - FURG, from the Open University of Brazil Program, between 2010 and 2012 the research sought to understand the meanings attributed tutoring work, done in that specialization course, the distance tutors who were part of it. Thus, it is justified by proposing debate about the situation that these professionals are subject, being inserted in a context of exploitation, outsourcing and service delivery in education, as distance education, which is not institutionalized, contributes to the maintenance the Capitalist System, reproducing the casualization of teaching. This study is characterized as a qualitative research, and the data produced through dialogue driven with questions that focused about the experiences of tutors with Tutoring Distance. To perform the analysis of the collected data was used to Textual Discourse Analysis (DTA) (Moraes and Galiuzzi, 2007), a methodology that allowed us to understand the subjects' discourse. The dialogues drawn between the reports of the tutors and theorists like Antunes (2009), Mattar (2012), Loureiro (2004), among others, allowed the construction of understandings about the work of the tutors in the context of the Capitalist Mode of Production, binding, thus the research to the field of environmental education discussions. In this study, three categories emerged from the analysis process, called: Tutoring distance - issues that affect working conditions; The sense of time in the Distance Tutoring - limits the time in and out of work; Distance tutoring and relationships with students - challenges of working and learning in distance education. In this sense, reflections on the work were woven in capitalist society from a Marxist theory and its relations with the organization of Distance Education, thinking of the position it takes in the Brazilian educational scenario and considering the implications of the capitalist mode of production in the organization of work of tutoring in distance education. In three categories, subjects challenges, difficulties and satisfactions related experiences in distance tutoring. The results showed that the subjects consider themselves belonging to the learning process, performing educational activities that characterize them as teachers, for teachers as tutors play roles in the students' education process. It is also evident that tutors do not identify the work in mentoring as a precarious job, although this activity is constituted in the logic of exploitation and outsourcing of manpower working. Furthermore, there was confirmation that the realization of the mentoring activities intensifies the workday and it is organized on the free time of the tutors.

Keywords: Environmental Education. Distance Education. Mentoring. Work.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1 RESGATANDO A HISTÓRIA .....</b>	<b>10</b>
1.1 As razões de ser da pesquisa .....	10
1.2 Aspectos iniciais sobre a EaD e especificidades da Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade .....	14
<b>2 METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>	<b>25</b>
2.1 Os caminhos da pesquisa .....	26
2.2 Problema de pesquisa.....	28
2.3 Objetivos .....	28
2.4 Sujeitos da pesquisa .....	29
2.5 Produção de dados .....	32
2.7 Análise de dados .....	35
<b>3 CONTRIBUIÇÕES PARA O ENTENDIMENTO SOBRE TRABALHO .....</b>	<b>39</b>
3.1 Trabalho na teoria Marxista .....	39
3.2 Em busca da identidade do trabalho na tutoria a distância .....	45
<b>4 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.....</b>	<b>50</b>
4.1 Contextualizando a Educação a Distância .....	50
4.2 Sistema Universidade Aberta do Brasil .....	52
4.3 A tutoria a distância .....	54
<b>5 CONSTRUINDO COMPREENSÕES SOBRE O TRABALHO NA TUTORIA A DISTÂNCIA.....</b>	<b>62</b>
TUTORIA A DISTÂNCIA: SOBRE O TRABALHO E A DOCÊNCIA .....	64
OS SENTIDOS DO TEMPO NA TUTORIA A DISTÂNCIA: LIMITES DO TEMPO DENTRO E FORA DO TRABALHO .....	84
TUTORIA A DISTÂNCIA E O RELACIONAMENTO COM OS ESTUDANTES: DESAFIOS DO TRABALHO E DA APRENDIZAGEM NA EAD .....	106
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>132</b>
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

Início este trabalho relatando a satisfação de poder pesquisar uma temática com a qual me identifico muito, pois está relacionada a um momento de muitos encontros em minha vida profissional. Ao escrever sobre as experiências vivenciadas com a Educação a Distância, revisito minha primeira experiência profissional na área da educação, legitimando a realização pessoal no encontro com a docência.

Os espaços que tive a oportunidade de vivenciar na Educação a Distância possibilitaram o despertar de muitas inquietações que conduziram meu desejo de investigar essa modalidade de educação, considerando que as relações que estabeleci com as pessoas que também atuavam na EaD foram cruciais para a definição de minha temática de pesquisa.

Os desafios que permeiam as práticas educativas desenvolvidas pelos mais diferentes profissionais que atuam na Educação a Distância estão relacionados com a forma de organização à qual esta modalidade está sujeita. A realização de cursos a distância em Instituições de Ensino Superior públicas está vinculada ao Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB, programa do governo Federal que subsidia financeiramente a oferta dos cursos.

Nesse contexto, no ano de 2010, foi ofertado, pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, o curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, na modalidade a distância, do qual participei na função de Coordenador de Tutoria. Integrando a equipe do curso, estavam dez tutores a distância responsáveis pelo acompanhamento do processo de aprendizagem dos estudantes.

A aproximação existente entre o grupo de tutoras e a Coordenação de tutoria possibilitou que o trabalho realizado por elas pudesse ser acompanhado por mim em praticamente todos os momentos do curso. Assim, as experiências vivenciadas foram sendo socializadas, resultando no intenso convívio entre todos.

Neste sentido, diante dos conflitos e desafios vivenciados do início ao fim do curso, considereei pertinente refletir sobre as experiências desses sujeitos, dando voz a elas, com o objetivo de compreender os sentidos do trabalho na tutoria para as tutoras a distância que atuaram no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na

Diversidade. Para alcançar tal objetivo, entrevistei cinco tutoras do referido curso, que relataram suas experiências e os desafios no trabalho realizado na tutoria.

Desta maneira, encontro na Educação Ambiental Crítica, a partir de Loureiro (2004) e Guimarães (2004), suporte teórico para problematizar, ao longo desta escrita, as experiências vivenciadas pelas tutoras, possibilitando o tecimento de relações entre teoria e prática que direcionam para o entendimento acerca das problemáticas socioambientais evidenciadas no contexto de atuação das tutoras. Neste sentido, recorro a outros autores que debatem a respeito da organização e estrutura da Educação a Distância, destacando Dias e Leite (2010), Mattar (2012) e Valente e Moran (2011). Para teorizar sobre as compreensões do trabalho no contexto do Modo de Produção Capitalista, utilizo as contribuições de Antunes (2009). Também realizo debate acerca da função docente desenvolvida pelos tutores, encontrando em Arroyo (2010) suporte que suscita as reflexões.

Para contextualizar os leitores, dividi o trabalho em cinco capítulos, dissertando a respeito dos caminhos que percorri e das concepções teóricas que utilizo ao longo desta escrita.

No primeiro capítulo, abordo as reflexões que realizei ao longo de meu envolvimento com a Educação a Distância e com a Educação Ambiental, e que me conduziram desde a definição da temática de pesquisa até a realização deste estudo.

No segundo capítulo, realizo discussão a respeito dos caminhos metodológicos da pesquisa, caracterizada como um estudo qualitativo, bem como os métodos utilizados para a produção dos dados, no caso, diálogo dirigido a partir de quatro questões chave. Além disto, apresento as cinco tutoras participantes desta pesquisa, nomeadas ficticiamente como Alice, Daiane, Flávia, Ivana e Leila; e também contextualizo teoricamente o processo de análise dos dados, realizado por meio da Análise Textual Discursiva, cunhada por Moraes e Galiazzi e que contribuem para a construção das compreensões que objetivo com a pesquisa.

O terceiro capítulo possibilita ao leitor um aprofundamento teórico nas discussões sobre o trabalho no Modo de Produção Capitalista, à luz da teoria marxista, que é utilizada como elemento principal nas análises realizadas sobre o trabalho na tutoria a distância.



As discussões realizadas no quarto capítulo contemplam uma análise sobre os aspectos estruturais e pedagógicos da Educação a Distância realizada através da Universidade Aberta do Brasil, incluindo a legislação vigente que delibera a respeito da atuação do tutor no contexto do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos.

Para finalizar, apresento o quinto capítulo, constituído por três artigos que debatem, cada qual, sobre as categorias de pesquisa elencadas durante o processo de análise dos dados. No primeiro artigo, são discutidas as influências do Modo de Produção Capitalista no trabalho dos tutores a distância, caracterizando a atividade como um trabalho precarizado. No segundo artigo, são tecidas discussões sobre o tempo de trabalho necessário à tutoria e o quanto a atividade exige que os tutores abdicuem de seu tempo livre para cumprir com as demandas provindas da tutoria. No último artigo, abordo o relacionamento entre estudantes e as tutoras a distância, problematizando os desafios que a EaD apresenta a ambos nas especificidades de sua organização.

# **1 RESGATANDO A HISTÓRIA**

## **1.1 As razões de ser da pesquisa**

Para escrever as razões de ser desta pesquisa, considereei necessária a escrita de minha trajetória de vida, iniciando o relato a partir da entrada no Ensino Médio. Os momentos apresentados a seguir constituíram, pouco a pouco, o caminho que percorri até chegar ao Mestrado em Educação Ambiental. Assim, ao contar minha história de vida, conto também histórias que se entrecruzam no meu caminho; por isto, permito-me nesta primeira parte do trabalho, escrever de maneira mais leve e, às vezes, até um pouco coloquial, como um personagem que se descreve a partir de suas vivências.

Conversar e escrever é preciso! diz Mario Osório Marques, autor que contribuiu muito para a elaboração deste diálogo inicial sobre minha trajetória de vida. E seguindo as sábias palavras de Marques, vou tecendo minha história para tentar construir o caminho que me traz a elaboração dessa dissertação de mestrado. O primeiro conselho desse grande autor é: “quem quer acha”. Realmente, quando temos um assunto em mente, encontramos relação em tudo que fazemos, lemos, vivemos. Ou melhor, tentamos encontrar, às vezes é difícil, ou parece, mas no fundo sempre podemos encontrar algo que possa nos ajudar a pensar sobre o tema que estamos pesquisando.

Assim, Mário Osório tem me ajudado a escrever o que quero, pois suas palavras nos fazem refletir sobre as buscas incessantes do pensamento em indagar nossas ações com sentido de compreendê-las para melhor realizá-las. Desta maneira, escrever para pensar, como orienta o autor, possibilita que revisitemos constantemente o pensamento registrado no papel, demonstrando que a escrita pode ser outra forma de conversarmos com os outros e até conosco mesmos.

Por isto, o desejo de contar um pouco de mim, falar da minha trajetória e dizer por que estou pesquisando a Educação a Distância - EaD, a partir dos pressupostos da Educação Ambiental, vem no sentido de possibilitar um diálogo entre as experiências vivenciadas por mim na EaD com as experiências dos profissionais que participaram desta pesquisa.

Talvez alguns leitores possam se perguntar: Por que aproximar a Educação a Distância da Educação Ambiental? Este esclarecimento acontecerá ao longo do capítulo, porém alguns indícios são possíveis de serem destacados no momento. As experiências que vivenciei na Educação a Distância, somadas aos primeiros contatos com a Educação Ambiental, realizados a partir da inserção como aluno especial do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental, no ano de 2009, na disciplina de Seminário em Educação Ambiental, foram essenciais para que meus entendimentos sobre a sociedade capitalista aproximasse as duas temáticas.

Isto porque tenho encontrado na Educação Ambiental Crítica, a partir dos estudos de Loureiro e Guimarães, um potencial elemento educativo e reflexivo para a compreensão acerca das problemáticas da sociedade contemporânea. Neste sentido, tenho compreendido que a crise ambiental pela qual passamos não acontece somente no âmbito ecológico, pois envolve também questões socioeconômicas. Com a contribuição dos autores citados acima, vejo que a Educação Ambiental dialoga a respeito de ambas as esferas, considerando-as como dependentes uma da outra.

No mesmo movimento, também com a contribuição da Educação Ambiental Crítica, entendi que, para intervir em qualquer contexto social, é necessário compreendê-lo em sua totalidade, considerando de forma globalizada e complexa todos os fatores que influenciam na organização e no desenvolvimento da realidade que se apresenta. Desta maneira, ao refletir sobre as experiências que vivenciei com a EaD, também percebi que, para buscar compreensões acerca dos sentidos do trabalho na tutoria a distância, seria necessário estudar a EaD, entendendo como ela se constitui estando inserida na lógica do modo de produção capitalista.

Neste sentido, contarei, ao longo do trabalho, a construção de meus entendimentos sobre a Educação a Distância, mais precisamente sobre os sentidos do trabalho para os tutores a distância da EaD, considerando como embasamento teórico para esta compreensão a Educação Ambiental Crítica que se propõe a refletir sobre a sociedade do capital.

Voltando ao cenário inicial da pesquisa e tecendo lembranças sobre minha vida acadêmica, remonto uma história que começa no Colégio Técnico Industrial Prof. Mário Alquatti, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Rio Grande. Nesta escola de ensino médio, vivenciei minhas primeiras experiências com a educação a distância. Sem saber, ou melhor, sabendo, mas sem

nomeá-la como tal. Cursei Técnico em Informática concomitante ao Ensino Médio. Pouca experiência, pouca maturidade para tão cedo me profissionalizar, mas navegar é preciso, como nos ensina Mário Osório Marques. E foi neste mar que conheci o mundo das tecnologias.

Quatro anos de curso e nenhuma identificação com a parte técnica da informática. Vi que meu interesse profissional estava muito mais voltado para as relações interpessoais. E no movimento de escolha dos Projetos de Conclusão de Curso, me vi construindo um Ambiente Virtual de Aprendizagem! EducaNet foi o nome fictício que demos, Mariane, Helen e eu, ao nosso software que transmitia por meio de uma sequência de imagens, em tempo real, a aula que o professor dava a partir do computador principal. Claro, toda esta reflexão não estava pautada em conhecimentos pedagógicos, mas sim na visão técnica aprendida no curso de informática.

Só agora consigo pensar que aquele programa oferecia pouca interação com os alunos, pois eles podiam apenas marcar as dúvidas que tinham com relação ao assunto (marcar literalmente na tela, por meio do que chamamos de caneta marcadora). Nosso planejamento para o futuro seria a integração de diálogo entre os participantes, através do projeto de outras colegas, o que possibilitaria a conversa em tempo real entre professor e alunos (o programa desenvolvido por elas chamava-se ICTchê, fazendo alusão ao programa de mensagens instantâneas ICQ). Esse planejamento acabou não se concretizando, pois cada um seguiu caminhos profissionais diferentes.

Cabe ressaltar que a necessidade de interação por meio das tecnologias já havia sido percebida por nós em consequência da constante utilização dos *softwares* de mensagens instantâneas (MSN, IM, *Chat*) através da *Internet*, que revolucionou os meios de comunicação a partir da segunda metade da década de 90, e ainda a partir do lançamento, no ano de 2004, do *software* de interação via *Internet Orkut*, dando início à Era das Redes Sociais (RECUERO, 2004).

A partir de minha inserção no Curso de Pedagogia, no ano de 2005, pude entender que os processos de ensino-aprendizagem acontecem, dentre outras maneiras, através do diálogo e do compartilhar de experiências entre professores e alunos. Assim, como destaca Freire (1996), a afetividade também é essencial para que o educando sinta-se seguro no processo de ensinar/aprender. Com isto, considero importante mencionar que, durante minha formação docente, pensava ser impossível aprender à distância, pois imaginava que a educação ofertada por essa modalidade não poderia

acontecer dialogicamente e muito menos aproximar educando e educador com a possibilidade de tornar o contato entre ambos mais afetivo.

Hoje, minha percepção a respeito da Educação a Distância está completamente modificada, visto que, ao conhecer as potencialidades pedagógicas e respeitando as especificidades da modalidade em questão, compreendi que é possível realizar o processo formativo por meio da utilização de ferramentas tecnológicas que possibilitam a interação entre os indivíduos.

Assim, no ano de 2009, após ter concluído a graduação e ingressado como colaborador no Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização - NEEJAA, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, fui convidado a participar de um curso oferecido na modalidade de EaD. Por não conhecer essa modalidade de educação, a apreensão foi um sentimento que me acompanhou durante um longo período, até que alguns entendimentos pudessem ser construídos.

Existem muitas definições possíveis para a EaD, mas talvez a que mais se aproxime da organização encontrada comumente nas instituições de ensino é que a EaD

[...] é a modalidade de educação em que as atividades de ensino-aprendizagem são desenvolvidas, em sua maioria, sem que alunos e professores estejam presentes no mesmo lugar à mesma hora [...] (com) a presença de recursos de telecomunicações – que permitem a comunicação a distância entre o docente e os discentes – conectando estudantes, recursos e professores. (DIAS E LEITE 2010, p. 09)

Peters (2003) e Lévy (2008) nos dizem que o conceito de EaD vai além da definição organizacional em que acontece essa modalidade de educação. Para os autores, o processo educativo em EaD requer colaboração entre seus componentes, os quais podemos citar: coordenadores, professores, *designers*, revisores, tutores a distancia, tutores presenciais, estudantes e tecnólogos.

Considerando minha formação acadêmica na área pedagógica e inserção na Educação de Jovens e Adultos somadas aos meus conhecimentos em informática, surgiu, por indicação de uma professora do NEEJAA, a possibilidade de atuar no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade que seria oferecido na modalidade a distância a partir do Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB, financiado através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI e coordenado pela minha então orientadora Vanise dos Santos Gomes.

Segundo Dias e Leite (2010), a educação a distância - EaD é uma modalidade de educação em expansão e que vem constituindo uma outra cultura em que se diferenciam as concepções de educação e de aprendizagem, a partir dos meios disponíveis em cada época. Assim, ao ingressar como Coordenador de Tutoria do curso, tive a possibilidade de aprofundar meus conhecimentos a respeito da organização da EaD e das possibilidades que ela oferece no que se refere à formação de nível superior no contexto da Universidade Aberta do Brasil.

A oportunidade de atuar como Coordenador de Tutoria no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade fez-me chegar até a Secretaria de Educação a Distância – SEaD, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, onde comecei a desenvolver atividades na função supracitada, possibilitando a construção de aprendizagens sobre as questões que envolvem os processos pedagógicos para a realização de cursos em EaD.

Desta forma, considero importante relatar, em breve resumo, um pouco sobre a função que comecei a desempenhar, bem como a organização e o funcionamento dos cursos nessa modalidade.

## **1.2 Aspectos iniciais sobre a EaD e especificidades da Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade**

O trabalho com a tutoria exige que estejamos atentos às diferentes situações que os tutores (presenciais e a distância) vivenciam ao longo do processo de formação dos estudantes. Assim, atuar como Coordenador de Tutoria exige que desempenhemos uma série de atividades que vão desde o acompanhamento dos tutores na plataforma, até a realização dos processos de formação de tutores para atuação na EaD.

Desta maneira, apresento, a seguir, um conjunto de atribuições da função de Coordenador de Tutoria elaborados pelo MEC e dispostos nos Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância (2007), com as devidas adaptações realizadas pela SEaD/FURG, para atender as especificidades dos cursos oferecidos pela referida instituição de ensino:

- assessorar os professores pesquisadores e formadores na elaboração de propostas relacionadas aos componentes curriculares dos cursos;
- acompanhar as atividades acadêmicas dos cursos e a atuação dos professores, tutores e estudantes na plataforma institucional;
- participar de encontros periódicos com as coordenações de cursos, professores e tutores, e Coordenação da SEaD/FURG, a fim de articular as questões pedagógicas dos programas de EaD da FURG;
- planejar e participar dos processos seletivos de tutores, em conjunto com os coordenadores de curso;
- acompanhar o desenvolvimento dos cursos nos polos através de relatórios mensais dos tutores presenciais;
- organizar e coordenar um espaço digital de diálogo entre a SEaD/FURG e os estudantes, a fim de conhecer as demandas dos discentes dos cursos em oferta;
- participar de um dos Núcleos que compõem a SEaD/FURG, conforme orientação da Coordenação Geral da SEaD/FURG (no caso, Núcleo de Tutoria e Núcleo de Formação Integrada);
- cumprir carga horária de dezesseis horas semanais (quatro turnos) na sede da SEaD/FURG.

Ao desempenhar esta função no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, foi possível vivenciar muitas situações em diferentes momentos, visto que o contato interpessoal aconteceu com professores, tutores, estudantes e coordenação geral do início ao fim do curso, possibilitando o contato tanto com os aspectos pedagógicos quanto com os administrativos.

Também com o sentido de possibilitar entendimentos mais abrangentes a respeito da Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, realizado na modalidade a distância, apresento alguns aspectos essenciais na organização e no desenvolvimento do curso a partir das diretrizes estabelecidas pela UAB.

Os cursos em EaD vinculados à SEaD/FURG e oferecidos a partir do Sistema Universidade Aberta do Brasil estão embasados nas diretrizes estabelecidas pelos Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância (2007), do Ministério da

Educação – MEC. A organização curricular do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade foi definida por módulos com duração de dois a três meses e com duas disciplinas em cada módulo.

No módulo inicial do curso estava alocada a disciplina de Alfabetização Digital, ofertada a todos os alunos em caráter obrigatório. Essa disciplina possibilita ao educando os primeiros contatos com a plataforma de aprendizagem Moodle, pois explora os recursos disponíveis como fóruns de discussão, envio de tarefas, construção de hipertextos coletivos por meio da ferramenta Wiki, glossário, questionário, bate-papo, envio de mensagens entre outros recursos disponíveis, permitindo, dessa maneira, a realização do processo de formação dos alunos que optam por essa modalidade de educação.

Cada disciplina contava com um professor, responsável pela organização do material didático, e com um grupo de tutores a distância, que realiza o acompanhamento das atividades propostas pelo professor na plataforma de aprendizagem. Cada tutor a distância é responsável por atender um grupo de cinquenta estudantes. Geralmente, essa distribuição dá-se a partir da divisão dos alunos por Polo onde o curso é oferecido, considerando que os Polos localizam-se em diferentes municípios e que cursos a distância acontecem concomitantemente em quatro ou cinco Polos.

Cabe salientar, também, que cada Polo atende diversas instituições de ensino superior com diferentes cursos de graduação, pós-graduação, extensão e aperfeiçoamento. O curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade oferecido pela SEaD/FURG contemplou quatro Polos: Santa Vitória do Palmar com 48 alunos; São José do Norte com 36 alunos; São Lourenço do Sul, com 24 alunos; e Santo Antônio da Patrulha com 35 alunos, todos localizados no Estado do Rio Grande do Sul.

Em cada Polo atuava também um tutor presencial. Esse integrante é responsável por organizar, juntamente com as Coordenações dos Polos, os espaços para realização de encontros entre os alunos, manter contato com os estudantes para que os mesmos permaneçam presentes e atuantes na plataforma de aprendizagem, auxiliar quanto à utilização do Ambiente Virtual entre outras atribuições estabelecidas de acordo com as especificidades de cada curso.



Cabe salientar que tutores presenciais e a distância possuem atribuições diferentes na organização da EaD apresentada neste trabalho. O tutor presencial acompanha o estudante nos aspectos relacionados à organização do tempo, dificuldades com as tecnologias, sem interferir nos aspectos pedagógicos de cada disciplina, estando disponível no Polo, presencialmente, durante vinte horas semanais. Já o tutor a distância também trabalha vinte horas semanais, porém desempenha suas funções, principalmente, através do Ambiente Virtual de Aprendizagem, acompanhando o estudante na formação, debatendo e intervindo nas discussões, avaliando e interagindo em todos os aspectos pedagógicos do processo de aprendizagem.

Ainda considerando a organização do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, em cada disciplina eram realizados, geralmente, dois encontros presenciais por Polo, com a participação do professor da disciplina, que participava em todos os Polos, e do tutor a distância, que participava apenas no Polo onde atuava. No primeiro encontro, no início da disciplina, era realizada a apresentação do professor, do tutor e dos alunos, possibilitando a aproximação entre todos e firmando relações que tinham continuidade a partir da plataforma de aprendizagem.

A realização desse encontro era um dos aspectos que contribuía para o estabelecimento da humanização no processo de aprendizagem, pois a existência da distância física entre os sujeitos envolvidos nas ações educativas não limita a existência de interação entre eles. Assim, na EaD as estratégias para possibilitar a comunicação e afetividade no processo de interação entre os indivíduos é que precisam ser diferenciadas.

Mattar (2012) diz que o conceito de interação está relacionado com o processo de comunicação que vai além da simples transmissão de informações, exigindo reciprocidade entre os indivíduos e trocas que influenciam as ações de todos os envolvidos no processo. O autor explica que a complexidade do termo abrange, principalmente em educação, a relação entre as pessoas, diferenciando-se do termo interatividade que faz menção às relações estabelecidas entre os homens e as máquinas.

Neste sentido, é possível compreender que a interação acontece a partir do momento em que existe troca no processo de comunicação entre os sujeitos e que a interatividade acontece quando os mesmos se relacionam com as ferramentas digitais que são utilizadas como recursos comunicacionais na Educação a Distância. Porém, é necessário esclarecer que as considerações sobre interação no processo de aprendizagem

aqui apresentadas estão relacionadas ao modelo específico de organização da Educação a Distância realizada a partir das diretrizes estabelecidas pelo Sistema Universidade Aberta do Brasil e conforme descrito neste trabalho, podendo não caber para outros modelos de educação nomeados também como Educação a Distância.

Por conseguinte, a partir da vivência das atribuições desempenhadas entre os anos de 2009 e 2011 e das experiências vivenciadas no cotidiano da SEaD e do Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade com os tutores presenciais e a distância, comecei a pensar inquietantemente na formação continuada dos profissionais que atuam na EaD, pois planejando e desenvolvendo as atividades de formação com o grupo de tutores e professores questionava-me se tal formação realmente contribuía para a atividade profissional que exerciam. Isto porque, em diversos momentos, percebi pouco interesse nas atividades que eram desenvolvidas e ainda pouca mudança nas práticas de cada tutor.

As atividades compreendiam leituras de artigos e livros sobre interação nos fóruns de discussão, avaliação em EaD, o diálogo por meio da linguagem escrita que se apresenta como um grande desafio tanto para professores e tutores quanto para alunos, que acostumados com a dinâmica de aulas da educação presencial utilizam-se da oralidade para expressar suas ideias, análise de situações-problema vivenciadas pelos próprios tutores, entre outras.

A partir disto, pensei logo em investigar os processos de formação continuada, mas em seguida, ao refletir sobre a abrangência da temática, entendi que antes de investigar a formação precisaria compreender os sentidos do trabalho da tutoria.

Desta maneira, por entender que foram os tutores a distância do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos que realizaram o trabalho mais intenso na formação dos estudantes, pois os acompanharam durante todo o curso; eles foram responsáveis e dedicados com o processo de formação; e ainda, pelo contato bastante próximo que pude estabelecer com eles, quando atuava no curso como Coordenador de Tutoria, preferi priorizá-los como sujeitos desta pesquisa, com o objetivo de compreender os sentidos do trabalho na tutoria a distância.

Neste movimento, ao vivenciar a educação a distância e o curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, comecei a perceber que a contratação de profissionais como tutor a distância, tutor presencial, coordenador

de tutoria, professores e outras pessoas que trabalham para o funcionamento da EaD era realizada em regime de contratos temporários, pois todos estão vinculados somente em determinado período para atuarem por disciplina ou em um determinado curso oferecido na modalidade a distância.

Com vistas a diminuir essa situação de instabilidade gerada pela incerteza de continuidade na atuação, na Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, optamos por contratar tutores a distância que pudessem atuar durante todo o período de realização do curso e não somente nas disciplinas de cada módulo, somando, dessa maneira, dez tutores a distância fixos que atuavam em dois grupos de cinco tutores por módulo.

Ainda assim, existe a incerteza de continuidade, pois a oferta dos cursos oferecidos na modalidade a distância não é contínua, dependendo de aprovação e liberação de fomento para cada edição, o que também contribui para a manutenção da situação de prestadores de serviços aos profissionais que atuam como tutor a distância.

Isso acontece visto que a profissão, que não é institucionalizada, está alocada em uma organização que não permite que exista estabilidade para os sujeitos que dela participam, ou seja, a EaD desenvolvida nas Universidades Federais é regulamentada pelo programa Sistema Universidade Aberta do Brasil do Governo Federal, criado em 2007, para atender as demandas de educação superior em locais onde não existem universidades presenciais<sup>1</sup>.

Geralmente, os profissionais que participam dos processos seletivos para tutoria a distância são professores da rede básica de ensino ou discentes dos programas de pós-graduação das próprias instituições de ensino superior que oferecem os cursos nessa modalidade. Os tutores são contratados como bolsistas de pesquisa e eram pagos pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE até o ano de 2011 e posteriormente pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, para atuarem nas disciplinas de cada curso.

Embora essa temática seja problematizada ao longo do trabalho, considero importante, neste momento, realizar uma breve contextualização do cenário que permitiu a construção de minhas primeiras impressões acerca da tutoria a distância.

---

<sup>1</sup> O aprofundamento na regulamentação do Sistema Universidade Aberta do Brasil foi realizado no Capítulo 4 desta dissertação.

Assim, destaco como principais atribuições dos tutores a distância, estabelecidas pelos Referenciais de Qualidade para Educação a Distância do MEC e adaptadas pela Secretaria de Educação a Distância da FURG, para melhor atender as especificidades dos cursos oferecidos, as seguintes:

- acompanhar a aprendizagem dos alunos por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, que nesse caso é o Moodle;
- acompanhar os fóruns de discussão no ambiente e as tarefas realizadas pelos educandos;
- avaliar as atividades organizadas nas disciplinas;
- participar dos encontros presenciais realizados nos polos onde são oferecidos os cursos;
- participar de reuniões semanais com os professores das disciplinas do curso;
- participar de reuniões semanais de formação continuada com a coordenação de tutoria do curso;

Obviamente, cada curso tem uma organização diferenciada quanto ao trabalho dos tutores a distância. Na Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, curso do qual fizeram parte os sujeitos dessa pesquisa, as atribuições e funções desempenhadas seguiam os parâmetros estabelecidos a partir dos Referenciais de Qualidade para o Ensino Superior a Distância do MEC. Os tutores participavam de encontros presenciais nos polos, realizavam o acompanhamento dos estudantes por meio da plataforma de aprendizagem e reuniam-se com os professores responsáveis pelas disciplinas para discutirem a respeito das temáticas e atividades que seriam desenvolvidas ao longo da realização das mesmas.

Um diferencial desse curso foi a organização quanto a quantidade de horas de atuação dos tutores a distância. O curso compreendia 360 horas distribuídas em disciplinas de quinze, trinta, quarenta e cinco e sessenta horas. Como o pagamento do número de bolsas depende da carga horária das disciplinas (a cada quinze horas é paga uma bolsa), a Coordenação do Curso organizou a atuação dos tutores de forma que, ao final do curso, todos estivessem trabalhado a mesma quantidade de horas e consequentemente recebido a mesma quantidade de bolsas.

Esse cuidado na organização do pagamento de bolsas foi no sentido de possibilitar maior igualdade ao trabalho dos profissionais e só foi possível, conforme dito acima, em virtude da contratação dos tutores a distância para o curso e não para cada disciplina.

A partir de todas as vivências e experiências provindas do contato bastante próximo com os tutores a distância, comecei a perceber uma sobrecarga de trabalho nos tutores que atuavam no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade. Esses sujeitos, em sua maioria, exerciam atividade de professor da rede básica de educação, que exige planejamento prévio das aulas, constante busca de material, estudos intensos, cumprimento de carga horária extensa, que na maioria das vezes ultrapassa quarenta horas semanais, por considerar a demanda de trabalho exigido fora do ambiente da escola, entre outras questões que envolvem a vida profissional dos professores; ou, ainda, discentes de cursos de pós-graduação que necessitam de intensa dedicação aos estudos.

Na maioria dos casos, com a intenção de incrementar a renda familiar ou adquirir experiência docente no ensino superior, os sujeitos comprometeram-se com uma demanda de trabalho provinda do Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade que consumia grande parte de seu tempo com as atividades que acompanhavam a distância através da plataforma de aprendizagem e ainda exigia a disponibilização de pelo menos dois turnos semanais para encontros: uma reunião com o professor da disciplina e um encontro de formação com a coordenação de tutoria.

A tutoria acaba se tornando uma atividade extra para os tutores, garantindo incentivo financeiro em determinado período, porém por meio de aumento da carga de trabalho, que envolve a ocupação de tempo extra gerado e organizado em cima do tempo livre de cada um desses profissionais que já estão envolvidos com suas demandas de trabalho na rede básica de ensino.

Desta maneira, a organização do tempo e as demandas de trabalho passam a ser prioridade em uma vida sem sentido fora do trabalho. Essas características corroboram para a manutenção do sistema capitalista baseado na exploração e alienação do trabalhador, principalmente no caso de trabalhadores temporários, como são considerados os tutores a distância.

Para refletir sobre as situações apresentadas até então, trago uma contribuição de Loureiro (2004) a respeito da compreensão necessária para a superação dessa situação de exploração à qual estamos sujeitos na sociedade do capital. Ele diz que é preciso que se vá além do plano da sensibilização ou do mero reconhecimento da situação de vida desses sujeitos, pensando não apenas na mudança de comportamento individual, mas também na transformação de um cenário socioambiental em que a atuação política possibilite reflexões sobre o coletivo, com vistas a que todos possam usufruir dos mesmos direitos.

Na EaD, estamos vivenciando o processo de reconhecimento das problemáticas causadas pela exploração da mão de obra em educação e pela prestação de serviços através dos contratos temporários dos tutores. Assim, como diz o autor, é preciso que se vá além desse reconhecimento, caminhando para a reflexão e problematização de tais situações, possibilitando superações que contribuam para a melhora na vida desses profissionais e da sociedade em geral.

Para isso, os conflitos encontrados, as problematizações realizadas e as transformações sociais almeçadas caminham juntas. A Educação Ambiental nos ensina a refletir e agir contra a hegemonia imposta pelas classes dominantes, considerando o movimento social como porta-voz da expressão negativa do que está posto. É nesse sentido que escrevo este trabalho, com vistas a questionar a hegemonia do sistema, mas também apontar problemas e soluções para a situação de exploração e precarização em que vivem os tutores a distância.

Desta forma, no ano de 2012, ingresso como aluno no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – Mestrado, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, vinculando meu trabalho à linha de pesquisa Educação Ambiental: ensino e formação de educadores(as), com a intenção de contribuir para a formação de sujeitos<sup>2</sup> críticos conscientes de seus direitos e deveres socioambientais, na medida em

---

<sup>2</sup> Para pensar sobre a constituição de um indivíduo como sujeito, utilizo contribuições de Morin (2008) que diz:

“Para chegar à noção de sujeito, é preciso pensar que toda organização biológica necessita de uma dimensão cognitiva. [...] Essa dimensão cognitiva [...] é o tratamento de estímulos, de dados, de signos, de símbolos, de mensagens, que nos permite agir dentro do universo exterior, assim como de nosso universo interior, e conhecê-los. [...] a natureza da noção de sujeito tem a ver com a natureza singular [...] que cada um faz de si mesmo, por si mesmo e para si mesmo [...] é o ato pelo qual o sujeito se constitui posicionando-se no centro de seu mundo para lidar com ele, considerá-lo...”(p.120).

que compreendem criticamente as relações que se estabelecem nos processos educativos em Educação a Distância.

Pensando nestas questões, tenho procurado compreender quais são os sentidos do trabalho para os tutores que atuam na educação a distância. Assim, encontrei na Educação Ambiental suporte para analisar tais aspectos, visto que a Educação Ambiental caminha ao encontro de compreensões sobre as problemáticas causadas a partir da organização da sociedade na lógica do Modo de Produção Capitalista – MPC. Desta maneira, os estudos sobre o Sistema Capitalista e suas implicações sociais, principalmente no campo educacional, são desenvolvidos ao longo dessa pesquisa.

Ressalto ainda que este trabalho está pautado nos estudos sobre Educação Ambiental Transformadora, pois as concepções expressas por Loureiro acerca da educação como “elemento de transformação social inspirada no diálogo, no exercício da cidadania, no fortalecimento dos sujeitos, na superação das formas de dominação capitalistas e na compreensão do mundo em sua complexidade e da vida em sua totalidade” (2004, p.24) corroboram com meu entendimento sobre a temática.

Neste sentido, compreendo que as problematizações realizadas por Loureiro acerca da educação são cabíveis também para Educação a Distância, principalmente no que se refere às relações de trabalho estabelecidas com os profissionais que nela atuam, pois da maneira como se organizam tais relações, entendo que atendem à lógica do modo de produção capitalista, considerando o uso e descarte dos profissionais e a precarização do trabalho do tutor.

Por conseguinte, entendo que outras questões, que serão aprofundadas no decorrer dos capítulos, também merecem destaque no processo de compreensão acerca da atividade de tutoria: o tempo aligeirado na realização dos processos educativos, o uso e descarte da mão de obra encontrada nas relações de trabalho, a prestação de serviços em educação e a exploração e alienação do trabalho.

Todas estas vivências e reflexões fazem-me pensar a respeito da atual organização da Educação a Distância, o espaço que ela ocupa no cenário educacional brasileiro e as implicações do modo de produção capitalista na organização do trabalho

---

Assim, a constituição de um indivíduo como sujeito se dá pela interação entre “organização biológica” e “dimensão cognitiva” com o meio interior e exterior, desenvolvendo conhecimentos sobre si e sobre os outros, destacando que a participação social tem um peso grande nessa constituição.

de tutoria a distância. Assim, proponho-me a aprofundar tais reflexões, construindo compreensões que possibilitem contribuição para o processo educativo em EaD e principalmente para a atuação dos tutores na referida modalidade de ensino.



## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA

O que motiva a pesquisa é a busca pelo conhecimento! O conhecimento serve para que consigamos refletir sobre determinada temática, tornando-a complexa e contextualizado-a com o objetivo de compreender e transformar a realidade que se apresenta, tornando-a mais justa. Esta é a razão de ser da pesquisa. E fazemos isto o tempo todo em nossas vidas. Estamos sempre procurando descobrir algo para melhorar nossas condições de existência.

Na ciência, a busca pelo conhecimento nunca se esgota, pois, por mais entendido que seja um profissional sobre determinado assunto, ele nunca conseguirá esgotar todas as possibilidades de conhecimento sobre a temática, já que enquanto sujeito histórico limitar-se-á a desvendar os mistérios em determinada época, com determinadas condições, a partir de determinada perspectiva teórica.

Por isto, enquanto pesquisador, vejo-me contribuindo socialmente para a descoberta de novos conhecimentos, mas com a certeza de que são apenas pequenas partes de uma infinidade de conclusões a que se pode chegar durante o processo de pesquisa.

Cousin (2009) reflete a respeito das bases que fundamentam a produção de conhecimento em um paradigma emergente de ciência na pós-modernidade. A autora diz que, nesse movimento de busca pelo conhecimento na sociedade contemporânea, a necessidade por mudanças radicais é eminente, principalmente no campo da educação, pois a transformação constante da sociedade que vivenciamos, marcada pelo desenvolvimento científico e tecnológico, torna o conhecimento provisório e inacabado. Assim, a pesquisa carece de reflexão intensa se tiver como propósito a transformação da realidade que se propõe a investigar.

Desta maneira, a escolha pela pesquisa qualitativa como metodologia utilizada neste estudo é apenas um dos caminhos possíveis para compreender a participação do tutor a distância no trabalho docente em EaD, o que não limita interpretações a partir de outras abordagens metodológicas. Barcelos (2005) contribui para este entendimento, dizendo que:

Assim como os navegadores não podem abrir mão de seus mapas para se orientarem nas viagens, nós (pesquisadores) também não podemos

prescindir dos nossos. Da mesma forma que os mapas dos navegadores precisam dialogar com a realidade física territorial para, assim representá-la, nós, pesquisadores(as) em educação, também necessitamos de mapas que possibilitem dialogar com os territórios simbólicos daqueles e daquelas que habitam os espaços-tempos do processo educativo. (p.68)

Estou utilizando meus mapas, os que me constituem até então e aqueles que me comporão ao longo das descobertas. Construo o caminho enquanto o percorro. Aprendo duvidando e descobrindo que não existe, ao menos ainda, uma verdade absoluta sobre quaisquer temáticas que já tenha estudado, considerando que minha leitura é apenas uma possibilidade de entendimento sobre o trabalho dos tutores a distância na EaD.

Por isto, meu mapa não segue imutável, tal como os mapas utilizados pelos cartógrafos que representam a realidade territorial que está em constante mudança. Assim vejo também minha pesquisa e meus estudos, porque entendo que o que busco compreender é algo que muda a cada instante e que, ao finalizar meu estudo, tenho certeza de que outros pontos ainda estarão encobertos, esperando novas reflexões e análises que os despertarão para novos estudos.

## **2.1 Os caminhos da pesquisa**

O caminho percorrido até a realização deste estudo acontece na forma de encontro com um espaço em que se realiza educação, mas que foi por mim estigmatizado, antes mesmo de conhecê-lo, ou seja, Educação a Distância. Considero importante relatar este fato, pois, assim como eu, muitos outros profissionais da educação ou de fora dela assinalam a Educação a Distância como uma maneira de se fazer ensino, porém que não atende a expectativa no que se refere à aprendizagem, argumentando que a EaD não proporciona a interação necessária no processo educativo entre os principais sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem: professores e alunos.

Como característica pessoal, percebo que, em minha trajetória, o desconhecido me causa medo, negação ou rejeição e exatamente com estes sentimentos, me apercebi com relação à Educação a Distância logo que conheci superficialmente a modalidade de educação. Entretanto, ao assimilar os processos pedagógicos e organizacionais da EaD, realizados por meio das tecnologias, compreendi a complexidade da temática sobre seu

funcionamento e, assim, vivenciando e acreditando nesse processo educativo, encontrei o caminho que me conduziu nesta pesquisa.

Neste capítulo abordarei os caminhos que percorri na constituição e consolidação deste estudo como pesquisa científica, possibilitando que os entendimentos sobre o tema se tornassem mais complexos na medida em que a produção dos dados e a construção das compreensões foram sendo desenvolvidas.

Reigota (1996) diz que “não adianta só falar do meio ambiente, mas também mudar os comportamentos individuais e sociais” (p. 32). Assim, ao associar as discussões sobre Educação a Distância com os diálogos sobre Educação Ambiental, que são voltados para a análise das questões socioambientais, temos a oportunidade de problematizar esta outra forma de se fazer educação, que não a presencial, e que se estabelece a partir de uma organização específica que inclui a presença de professores e tutores e, além disso, um ambiente que não existe fisicamente, mas que proporciona a superação da distância, permitindo a realização do processo de ensino/aprendizagem.

Desta forma, confirmo a importância de refletirmos sobre os aspectos pedagógicos da EaD, priorizando, neste momento, a análise sobre o trabalho desenvolvido pelos tutores a distância do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, ressaltando a necessidade de problematizarmos as implicações sociais que esse trabalho tem gerado na sociedade, pensando na transformação dos sujeitos históricos que vivenciam a era digital e os impactos dessa outra cultura que interfere no desenvolvimento da ação educativa, na medida em que outras possibilidades se apresentam por meio da virtualização dos processos de formação.

Por isto me propus a investigar a Educação a Distância, porque, conforme dito no capítulo anterior com as vivências experienciadas, comecei a acreditar na possibilidade de educar a partir das mediações tecnológicas. Porém, para isto, foi necessário entender os trâmites que envolvem seu funcionamento e problematizar os aspectos que enxergamos como pontos frágeis da EaD.

Neste sentido, na condição de pesquisador, me vi comprometido com a problematização da realidade socioambiental, incluindo, também, a realidade apresentada aqui por meio de uma diferente configuração no campo educacional, ou seja, Educação a Distância. Assim, vivenciando essa modalidade através das diferentes

experiências relatadas anteriormente e principalmente com o Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, inquietou-me, especificamente, o trabalho da tutoria a distância desenvolvido pelos profissionais que atuaram no referido curso de Especialização e com os quais dialogo ao longo desta pesquisa com a intenção de compreender os sentidos atribuídos por eles à função que desempenharam.

Conforme exposições acima mencionadas, por considerar que o trabalho de tutoria a distância não garante estabilidade aos sujeitos que nele atuam e ainda por perceber uma sobrecarga de trabalho e pouca valorização financeira a esses profissionais, encontro na temática alguns questionamentos pertinentes:

- ✓ Por que esses profissionais procuraram a tutoria a distância?
- ✓ Que influências a tutoria a distância causou na vida profissional e pessoal desses tutores?
- ✓ De que maneira percebem a tutoria a distância no contexto educacional em que estavam inseridos?
- ✓ Que sentidos atribuem ao trabalho de tutoria a distância?

A partir destes questionamentos foi possível focar na elaboração de meu problema de pesquisa, conforme consta a seguir.

## **2.2 Problema de pesquisa**

Que sentidos atribuem ao trabalho de tutoria os tutores a distância do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, da FURG, oferecido na modalidade EaD?

## **2.3 Objetivos**

### **Objetivo Geral:**

- ✓ Compreender os sentidos do trabalho de tutoria para os tutores a distância que atuaram no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, oferecido na modalidade de EaD, pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, entre os anos de 2010 e 2012.

### **Objetivos Específicos:**

- ✓ Problematizar a percepção dos sujeitos da pesquisa com relação ao trabalho de tutoria a distância.
- ✓ Compreender o que dizem os tutores que atuaram no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade acerca das expectativas e objetivos de atuação na tutoria a distância.
- ✓ Refletir a respeito do tempo necessário para atuação na tutoria a distância e os impactos em suas vidas profissional e pessoal.
- ✓ Compreender a ação educativa desenvolvida pelos tutores a distância, refletindo sobre sua identidade profissional no contexto educacional em questão.
- ✓ Problematizar as relações de trabalho estabelecidas com os tutores a distância, considerando a situação contratual precarizada.

## **2.4 Sujeitos da pesquisa**

Considerando os caminhos percorridos por mim, relatados ao longo do primeiro capítulo, posso afirmar que, durante o período que antecede a realização desta pesquisa, tive a oportunidade de conviver e trabalhar com diversos profissionais. Alguns com mais intensidade na aproximação, outros com menos. Porém, foi no Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade que obtive as experiências mais significativas na Educação a Distância, pois vivenciei, senão todos, quase todos os momentos do curso.

Conforme dito anteriormente, na função de Coordenador de Tutoria, acompanhei constantemente os tutores a distância que atuaram, juntamente com os demais integrantes da equipe, no referido curso. Este contato intenso possibilitou o acompanhamento do trabalho desenvolvido por eles; mas também outras relações se estabeleceram, pois o convívio nos proporciona interações que nos revelam, para além da atividade profissional, um pouco mais sobre as pessoas.

Neste sentido, revelaram-se angústias, tristezas, alegrias, inseguranças, seguranças, motivações, desmotivações, satisfações, insatisfações entre outros sentimentos, afinal, antes da pura atividade profissional, não esqueçamos que convivemos com pessoas.

Desta maneira, vejo-me seduzido a tornar públicas as experiências vivenciadas com os tutores a distância durante o período de realização do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade por meio de pesquisa científica, focando nos sentidos atribuídos pelos tutores a distância ao trabalho de tutoria, para que essas experiências possam contribuir para melhorias no trabalho docente e na educação como um todo.

Assim, os sujeitos desta pesquisa foram cinco tutores a distância que atuaram no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, oferecido na modalidade a distância, entre os anos de 2010 e 2012, a partir do Sistema Universidade Aberta do Brasil, financiado através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão.

Em concordância com os relatos realizados no primeiro capítulo, os tutores a distância são profissionais indispensáveis no processo de mediação pedagógica em educação a distância, pois realizam importante papel no que se refere à aprendizagem dos estudantes, pois estão a frente do processo de formação, acompanhando os alunos nos diálogos, descobertas e reflexões sobre as aprendizagens construídas.

Desta maneira, constituiu-se o grupo de tutores do curso EJA na Diversidade. Um grupo comprometido com suas atividades e que acompanhou a oferta do curso do início ao fim. Contudo, como o percorrer de qualquer caminho é sempre incerto, por vezes ocorreram alterações no quadro de tutores, que foram substituídos por outros profissionais também qualificados e comprometidos.

Assim, os cinco sujeitos participantes desta pesquisa foram selecionados a partir dos seguintes critérios: 1- aceite de participação na pesquisa; 2- atuação desde o início do curso, tendo vivenciado, senão todo, ao menos metade da carga horária proposta pelo projeto político pedagógico do mesmo.

Os sujeitos que contemplaram os critérios descritos acima e aceitaram participar da pesquisa foram: Alice, Daiane, Flávia, Ivana e Leila. Utilizei nomes fictícios para designar cada uma das participantes. Como as participantes são mulheres, referi-me a elas no feminino durante a escrita do trabalho.

Esse grupo de sujeitos participou de toda a edição do curso e vivenciou todos os momentos, estando apto a narrar suas experiências, possibilitando que as compreensões sobre o trabalho da tutoria a distância pudessem ser construídas.

Realizo, então, uma descrição sobre cada uma das tutoras que aceitaram participar da pesquisa:

1. Alice: atua na Educação a Distância desde o ano de 2009. É formada em Pedagogia e possui Mestrado em Educação Ambiental. É professora na Rede Municipal de Educação, atuando, nos últimos anos, como coordenadora pedagógica. Durante a realização do curso, Alice trabalhava quarenta horas na educação básica e ocupava o turno da noite para realizar as atividades de tutoria.
2. Daiane: vivenciou a EaD desde o ano de 2003, atuando no curso TV Escola e também na primeira edição do curso de Pedagogia a distância. É formada em Pedagogia e professora na Rede Municipal de Educação. Durante a atuação no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos trabalhava quarenta horas como professora substituta na Universidade Federal do Rio Grande, além de vinte horas na rede básica, ocupando as madrugadas e finais de semana para a realização das atividades com a Educação a Distância.
3. Flávia: teve sua primeira experiência com a Educação a Distância no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos. É Pedagoga e professora na Rede Municipal e Estadual de Educação. Atuava na tutoria a distância no turno da manhã e trabalhava à tarde e à noite com a rede básica.
4. Ivana: também teve sua primeira experiência com a EaD na Especialização em Educação de Jovens e Adultos, embora já tivesse trabalhado com a plataforma de aprendizagem em outros projetos de que fazia parte. É formada em Química e

é professora na Rede Municipal de Educação, trabalhando quarenta horas em duas escolas diferentes e reservando o turno da noite para a tutoria a distância.

5. Leila: atualmente, é professora universitária, porém na época de realização do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos, atuava como professora da Rede Municipal de Educação. É formada em Química e possui Mestrado na mesma área. Sua primeira experiência com a EaD foi em 2010. Na época da tutoria, trabalhava quarenta horas com a rede básica e dedicava o turno da noite e os finais de semana para as atividades da Educação a Distância.

## **2.5 Produção de dados**

Conforme relatado anteriormente, a escolha pelo grupo de tutores a distância do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade como sujeitos desta pesquisa deu-se em função da intensa aproximação que se concretizou ao longo da realização do referido curso. Desta maneira, para que as experiências vivenciadas por eles na tutoria a distância pudessem ser relatadas, afirmando de antemão que se correlacionam em função da constituição coletiva de tal grupo, utilizei as contribuições da pesquisa qualitativa para a realização da produção de dados.

A escolha por pesquisas qualitativas na área da educação tem sido, nos últimos anos, uma opção muito utilizada para o processo de composição dos dados, principalmente na Educação Ambiental, refletindo com qualidade as questões que podem emergir das produção dos dados como potenciais elementos de análise. Segundo André (1995), a pesquisa qualitativa permite que o pesquisador compreenda, junto aos sujeitos de pesquisa, fatos e valores que estão mutuamente relacionados com o contexto das ações investigadas, tornando os sujeitos e o pesquisador agentes inteligentes que buscam interpretações motivadas por crenças, desejos e teorias.

Desta maneira, a busca do pesquisador pela legitimidade dos dados que integram os fenômenos acontece no movimento de dar sentido ao que é contado dentro do círculo de interesses da pesquisa, pois as histórias que foram selecionadas para serem recontadas pelo sujeito priorizam motivos e interesses, silenciam ou privilegiam vozes e reproduzem um tempo passado que quando é recontado assume diferentes significados (HART, 2005).



Por isto, o pesquisador tem a responsabilidade de conduzir o processo investigativo, visto que os interesses da pesquisa exigem que os dados apresentem significados tanto para quem relata, quanto para quem ouve. Assim, para Hart (2005), a pesquisa qualitativa como processo investigativo ganha verossimilhança na medida em que aprendemos a ouvir e reconhecer histórias pelo que elas são, procurando descobrir e trazer à tona pensamentos inconscientes e incompletos que auxiliem no processo de descrição da história, ampliando os elementos implícitos nos relatos dos sujeitos de pesquisa.

Neste sentido, a escolha do método qualitativo de coleta de dados reflete diretamente na fidelidade das informações que serão coletadas, pois o método é uma via para o nosso conhecimento, mas principalmente um caminho para organizar o pensamento do outro, possibilitando que comunique suas experiências em direção ao que desejamos para nossa pesquisa (HART, 2005).

Para a realização da produção de dados de minha pesquisa, optei por utilizar um diálogo dirigido com quatro questões que conduziam a conversa com cada uma das tutoras. Embora as questões conduzissem o diálogo, deixei que as tutoras relatassem suas experiências, tornando o processo suave e mais natural possível, sem que existisse a necessidade de interferir em suas falas.

O encontro com cada uma foi individual com data e hora marcadas previamente, atendendo aos dias e horários disponíveis para a realização do diálogo, que foi gravado e transcrito posteriormente.

As questões utilizadas como condutoras do diálogo foram:

- 1- Conta um pouco sobre tua história na Educação a Distância.
- 2- Que desafios percebes no trabalho na tutoria a distância?
- 3- Como organizaste tua carga horária para atuação na tutoria?
- 4- O que significa, para ti, o trabalho na tutoria a distância?

A partir destas questões, foi possível estabelecer um diálogo com as tutoras o qual caminhava ao encontro dos relatos de experiências vivenciadas por elas na tutoria a distância no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, sem desconsiderar as experiências anteriores que tiveram com a Educação a Distância,

pois entendo que, na realização do trabalho efetivo que desenvolveram no curso, suas vivências passadas influenciaram nas atividades que desempenharam.

Através das questões, possibilitei que cada entrevistada realizasse a construção de seu discurso, sem fragmentar seu pensamento a respeito das vivências mais relevantes acerca do trabalho na tutoria a distância. Conforme contribuições de Hart (2005), o desafio de quem conta suas experiências é exatamente contar quem é, em que acredita e o que é mais significativo no contexto da pesquisa.

A primeira questão tinha como objetivo identificar as experiências que as tutoras já haviam vivenciado com a tutoria, bem como as percepções que construíram ao longo de sua trajetória a respeito dessa modalidade de educação. Durante o processo de diálogo, esta questão possibilitou às tutoras a liberdade para expressarem suas opiniões a respeito da EaD de maneira geral, para posteriormente contextualizar suas falas iniciais com o trabalho desenvolvido no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade.

O diálogo pretendido com a segunda questão envolvia as experiências diretas, vivenciadas no curso supracitado, observando os principais desafios enfrentados durante o período de duração do curso. Ao procurar descobrir quais situações foram mais marcantes no desempenhar de funções das tutoras, me vi impelido a instigar as entrevistadas a desenvolver suas falas, visto que, quando utilizei o termo "desafios", foi entendido por elas que deveriam relatar somente os momentos negativos que vivenciaram, quando, ao contrário, meu desejo era de que falassem sobre todas as experiências, tanto positivas, quanto negativas.

Neste sentido, André (1995) fala que em pesquisas qualitativas, o contexto particular em que ocorre determinado fato é elemento essencial para a compreensão complexa da realidade que se investiga, sendo necessário considerar a subjetividade do sujeito, respeitando suas conexões com o passado e as reflexões que faz ao contar sua história. Desta maneira, ao intervir no processo de diálogo, esclarecendo conceitualmente o significado pretendido com a palavra "desafios", possibilitei que as tutoras revisitassem o passado, reorganizando seus pensamentos sem limitar o contexto da história nos aspectos negativos.

A terceira questão dialogada com as tutoras, embora objetiva, referindo-se à questão da organização do tempo para atuação na tutoria, revelou que o próprio tempo é

também um desafio para quem trabalha na tutoria a distância. A questão tinha como objetivo provocá-las a pensar na quantidade de atividades que desenvolviam simultaneamente durante o período em que trabalharam na Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade.

Para Hart (2005), a aplicação do método de pesquisa, com o estabelecimento de critérios e objetivos que se deseja alcançar no processo de produção de dados, possibilita que o sujeito reflita sobre seus próprios relatos, construindo sentidos que permitem ir além da simples resposta a determinada questão. Com este intuito, optei por utilizar, na última questão, palavras que orientassem o sujeito a alcançar sua subjetividade, elaborando um significado para o trabalho na tutoria a distância.

*A priori*, este questionamento intimidou as entrevistadas, pois exigia que refletissem a respeito de tudo que vivenciaram na tutoria a distância para formular um ou mais significados ao trabalho desenvolvido. Entretanto, relembrar as experiências que haviam sido relatadas nas três questões anteriores contribuiu para a construção deste significado, possibilitando que a última questão fechasse o momento do diálogo em forma de um apanhado geral sobre os sentidos do trabalho na tutoria a distância.

A realização do diálogo com questões que orientaram o processo de narração das experiências das tutoras a distância aproximou seus relatos do meu problema de pesquisa, possibilitando que a complexidade de entendimento sobre os sentidos que elas atribuem ao trabalho que desenvolveram na tutoria a distância pudessem ser construídos e aprofundados a partir do processo de interpretação dos dados produzidos.

O material obtido com as transcrições dos relatos formou o *corpus* de análise desta pesquisa, composto por cinco textos escritos que, ao serem submetidos à análise atenta por parte do pesquisador, possibilitaram a construção das compreensões almejadas acerca dos sentidos do trabalho na tutoria a distância para as cinco tutoras entrevistadas.

## **2.6 Análise de dados**

Para realizar o processo de interpretação dos dados produzidos a partir dos diálogos dirigidos, escolhi a Análise Textual Discursiva - ATD como ferramenta

metodológica para a realização de tal processo. Segundo Moraes (2005), esta metodologia possibilita aprofundamento nos processos discursivos expressos em documentos, visando a construção de compreensões e aprendizagens a partir da reconstrução dos discursos dos sujeitos da pesquisa.

A ATD vem sendo amplamente utilizada em pesquisas qualitativas em educação, em especial em Educação Ambiental, pois proporciona um entendimento amplo dos dados produzidos durante o processo de pesquisa, possibilitando ao pesquisador a construção de significados com base nos conhecimentos teóricos e experiências vivenciadas ao longo do processo de investigação, intensificando o entendimento sobre os dados coletados e o contexto sociopolítico e cultural da pesquisa.

Uma boa análise textual qualitativa é um processo que associa a preocupação com a qualidade formal a um investimento na qualidade política da pesquisa. Ainda que se constitua em um movimento auto-organizado e emergente, portanto que não pode ser planejado inteiramente de antemão, a análise textual pode constituir um modo de intervenção nos discursos culturais e sociais referentes aos fenômenos investigados, representando isso a qualidade política do processo. MORAES (2005, p.108)

Esta metodologia possibilita a imersão, interpretação e construção de significados sobre o material de análise que é chamado de *corpus* e representa as vozes de todos os sujeitos que participaram da pesquisa. Todo o processo de análise caminha para a construção de textos que utilizam os relatos dos sujeitos e as concepções teóricas e experiências do pesquisador para a construção de significados que possibilitem a sintetização das principais interpretações obtidas pela análise.

Segundo Moraes (2005), a Análise Textual Discursiva não garante neutralidade no processo de construção dos significados, pois ao realizar a imersão sobre o *corpus*, o pesquisador imediatamente realiza interpretações com base em suas teorias e ideias, o que não significa dizer que a leitura que se faz seja superficial ou descomprometida. Ao contrário, o autor demonstra que, nesse processo de imersão, o rigor na leitura pode revelar "significados dos quais nem o próprio autor esteve consciente" (p.88).

O autor explica que, para alcançar o nível de interpretação do *corpus* com vistas a desvelar elementos que possibilitem a construção de textos significativos para o contexto da pesquisa, é necessário seguir três etapas de análise do material. A primeira etapa, chamada de unitarização, acontece após a realização de leitura atenta e rigorosa dos documentos, abrangendo a fragmentação do texto em busca da identificação de

aproximações de significados na fala do entrevistado. Este processo foi realizado com cada um dos cinco textos obtidos a partir dos diálogos dirigidos, possibilitando uma interligação intensa com os relatos dos entrevistados e resultando na identificação de 436 unidades de significados.

A segunda etapa no processo de análise é nomeada como categorização e tem como propósito a classificação das unidades de significado em categorias que aproximam as unidades obtidas no processo anterior. No primeiro momento, obtive 47 categorias iniciais de análise, reunindo-as também por aproximação de significado entre elas e nomeando-as com uma palavra que representava os sentidos daquele agrupamento de unidades. Posteriormente, realizei novamente a aproximação de significados entre as categorias iniciais, compondo um bloco de 7 categorias intermediárias com amplitudes maiores na classificação dos elementos.

Por fim, a partir da junção das categorias intermediárias, por seus aspectos com maior semelhança, emergiram 3 categorias finais que englobavam mais elementos e que serviram como base para a escrita dos metatextos, última etapa no processo de interpretação do *corpus* e que consiste na elaboração dos textos de análise, reconstruindo e entrelaçando as histórias narradas pelos sujeitos a partir da perspectiva teórica assumida no trabalho, além das interpretações do pesquisador.

As categorias finais obtidas neste processo foram:

- 1- "Tutoria a distância: questões que influenciam as condições de trabalho", que problematiza a realização do trabalho desenvolvido pelos tutores a distância sob influências do Modo de Produção Capitalista.
- 2- "Os sentidos do tempo na Tutoria a Distância: limites do tempo dentro e fora do trabalho", que reflete a respeito da necessidade de organização do tempo de trabalho na tutoria a distância e para além dela.
- 3- "Tutoria a distância e o relacionamento com os estudantes: desafios do trabalho e da aprendizagem na EaD", que aborda a vinculação direta entre o trabalho do tutor a distância e as interferências no processo de aprendizagem dos estudantes.

Conforme Moraes (2005), a utilização dessa metodologia de análise proporciona ao processo de pesquisa maior fidelidade à interpretação que se faz sobre os discursos dos sujeitos, visto que são utilizados os próprios fragmentos das falas dos entrevistados para a construção das unidades de significado, categorias e metatextos de análise. Esse

aspecto contribui para a legitimação da cientificidade das pesquisas qualitativas em educação, considerando que as análises e interpretações realizadas respeitam as experiências vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa.

Ainda, segundo Moraes (2005), a qualidade dos textos obtidos reflete a qualidade do processo de análise; entretanto afirma que

[...] por mais que o pesquisador invista em seus textos, no entanto, é preciso que tenha consciência dos limites desse processo. Nenhuma análise pode abranger o fenômeno investigado em sua totalidade. Nenhum discurso pode ser descrito de modo integral. Os resultados de qualquer análise sempre apresentam apenas uma versão parcial e incompleta dos fenômenos investigados. (p.107)

Com isto, entendo que os textos escritos a partir do processo de análise do *corpus* da pesquisa não são um retorno ao texto original de cada um dos tutores a distância, mas sim a construção de compreensões que possibilitam entender de maneira complexa as reflexões que esses sujeitos fizeram a respeito do trabalho desenvolvido no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade. A interpretação crítica e problematizadora dos relatos das tutoras refletem os elementos científicos que integram o conjunto de conclusões que se pôde alcançar por meio da análise comprometida dos fenômenos investigados.

### **3 CONTRIBUIÇÕES PARA O ENTENDIMENTO SOBRE TRABALHO**

#### **3.1 O trabalho na teoria marxista**

Todos os setores da sociedade atendem e alimentam o sistema em que se constituíram. Essa afirmação explica muitas das contradições que encontramos no Modo de Produção Capitalista. Inclusive na educação.

Este capítulo aborda reflexões sobre o trabalho na teoria marxista, teorizando a respeito dos tipos de trabalho e das formas de organização do mesmo no Modo de Produção Capitalista, relacionando-o com a atividade realizada pelas tutoras a distância nos processos educativos da Educação a Distância. Assim, problematizo a educação como instrumento de reprodução do sistema capitalista e o trabalho na tutoria a distância que cada vez mais apresenta características do trabalho precarizado.

Neste sentido, a Educação Ambiental, que problematiza a sociedade do capital, tem contribuído para a compreensão dos processos educativos em EaD, mais precisamente na atuação de tutores a distância na referida modalidade. Essa realidade é mostrada a partir das concepções de educação libertadora, pautada no diálogo crítico, que tem suas raízes na dialética marxista e que há muito inspira grandes nomes como o próprio Marx, Gramsci, Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Miguel Arroyo entre outros, que buscaram e buscam na educação possibilidades para transformar nossa realidade, tentando proporcionar a todos justiça, igualdade de direitos e deveres, e ainda condições para diminuir os efeitos da opressão e alienação causadas pelo sistema capitalista (LOUREIRO, 2004).

Assim, as problematizações realizadas a partir da teoria marxista contribuem para refletirmos sobre a exploração através do trabalho, entendendo-o como o instrumento mais eficaz para a acumulação do capital pela classe dominante (ANTUNES, 2009). O modo de produção capitalista – sistema baseado na produção e consumo de bens materiais para a geração e acumulação de capital ou propriedade privada – nasceu a partir da criação de novas necessidades e possibilidades de desenvolvimento do homem pelo próprio homem, a partir da substituição de uma economia agrária por uma economia baseada na produção industrial concentrada nos centros urbanos.

Ainda, segundo Antunes (2009), outro aspecto que caracteriza o nascimento do sistema capitalista está baseado na alteração e subordinação dos valores de uso da matéria prima encontrada na natureza e do trabalho do homem à cultura instaurada do valor de troca, reproduzida pelo capital.

Assim, o trabalho realizado pelos homens assume outras características que se afastam da ideia de trabalho como razão da própria existência do homem. Conforme Antunes (2009), o trabalho no sentido ontológico é o fundamento do ser humano, ou seja, é atividade primeira para sua subsistência, adquirindo um caráter humanizador na medida em que transforma tanto a natureza quanto o próprio trabalhador que realiza a atividade laboral.

É através do trabalho que o homem se diferencia dos demais animais e é por meio dele que são realizadas todas as transformações na realidade. A transformação atinge tanto a natureza externa quanto o interior do homem, pois, ao modificar a natureza, está também modificando a si próprio, considerando o homem como parte da natureza (PEDROSA, 2007).

Da mesma maneira, o trabalho é fonte criadora e transformadora do cenário social construído pelo homem, pois a sociedade só existe porque o homem, por meio do trabalho, transformou a realidade e a criou.

Assim se dá a explicação sobre a diferenciação do homem e dos demais animais, pois por se constituir como um ser social que, por meio do trabalho, transforma a realidade conscientemente, de maneira planejada, atende as suas necessidades e conveniências. A transformação planejada da natureza pelo homem, acumulada ao longo da história, gera a produção de cultura.

A respeito do trabalho, Pedrosa (2007) utiliza-se de escritos de Marx e contribui, dizendo que:

Ao trabalhar, o homem transforma a natureza em produtos que satisfazem as necessidades da vida: necessidades do “estômago ou da fantasia”. Ao trabalhar, o homem cria a propriedade privada, cuja origem é a natureza. (p.85)

Conforme Lessa e Tonet (2011), a atividade que fazia do homem ser de sua própria existência através do atendimento de suas necessidades básicas e por meio do seu valor de uso, tornou-se sua prisão e garantiu ao sistema capitalista a oportunidade de



tornar o poder elegível a poucos, transformando o trabalho “em uma função social cujo objetivo é predominantemente produzir a propriedade privada” (2011, p.93).

O trabalho, inserido no contexto do sistema capitalista, adquire valor de troca, pois, segundo Antunes (2009) o resultado do trabalho produzido pelo trabalhador não será usufruído por ele mesmo, com o objetivo de satisfazer suas necessidades básicas, mas, sim, converter-se-á em mercadoria por meio da venda da força de trabalho ao empregador. Sendo assim, o trabalho deixa de atender as necessidades do trabalhador para vender sua força de trabalho, cedendo temporariamente ao capitalista o direito de dispor dela.

Por outro lado, Antunes (2009) também problematiza o trabalho, considerando a atividade humana como “potencial emancipador” que estrutura a humanidade e pode desestruturar o capital; e, ao mesmo tempo, “explora, aliena e infelicitiza o ser social” desestruturando a humanidade e dando mais força à estrutura do capital.

E complementa:

[...] essa contraditória processualidade do trabalho, que emancipa e aliena, humaniza e sujeita, libera e escraviza, converte o estudo do trabalho humano numa questão crucial de nosso mundo e de nossas vidas neste conturbado século XXI, cujo desafio maior é dar sentido autoconstituente ao trabalho humano e tornar nossa vida fora do trabalho também dotada de sentido. (Idem, p. 12)

Para Loureiro (2004), não basta apenas refletir sobre a natureza para alcançar níveis profundos de percepção sobre ela, se continuamos reproduzindo relações sociais de opressão e dominação. A Educação Ambiental reflete sobre a necessidade de intervir socialmente com o objetivo de alcançar mudanças radicais nas relações de produção no sistema capitalista, surgindo, como ação legítima para tal, os estudos sobre os estranhamentos nas relações de trabalho humano no Modo de Produção Capitalista.

Nesta perspectiva, Antunes (2011) caracteriza a classe trabalhadora como aquela que vende sua força de trabalho e incorpora um coletivo assalariado, denominado “classe-que-vive-do-trabalho”<sup>3</sup>. Assim, considerando a totalidade da “classe-que-vive-do-trabalho”, é possível encontrarmos dois núcleos que compõem essa classe: trabalhador produtivo e trabalhador improdutivo. Segundo Oliveira (2011), estudiosa da teoria marxista, o primeiro, destaca-se como aquele que sustenta o sistema capitalista,

---

<sup>3</sup> Termo utilizado por Ricardo Antunes (2011) para designar a classe trabalhadora que compõe a totalidade de trabalhadores assalariados.

estabelecendo valor ao capital e produzindo diretamente a mais-valia, conceito criado por Marx para caracterizar o sobretrabalho, ou seja, prolongamento da jornada de trabalho que ultrapassa o tempo que o trabalhador necessita para pagar o seu próprio salário. O valor excedente desse sobretrabalho gera a mais-valia.

Tomemos como exemplo o nosso tecelão. Para recompor diariamente a sua força de trabalho, esse operário precisa reproduzir um valor diário de três xelins, o que faz com um trabalho diário de seis horas. Isso, porém, não lhe tira a capacidade de trabalhar dez, doze ou mais horas diariamente. Mas, ao pagar o valor diário ou semanal da força de trabalho do tecelão, o capitalista adquire o direito de usar essa força de trabalho durante todo o dia ou toda a semana. Portanto, digamos que irá fazê-lo trabalhar doze horas diárias, ou seja, além das seis horas necessárias para recompor o seu salário, ou o valor de sua força de trabalho, terá de trabalhar outras seis horas, a que chamarei “horas de sobretrabalho”, e esse sobretrabalho se traduzirá em uma “mais-valia” e em um “sobre-produto. (OLIVEIRA, 2011, p. 7 *apud* MARX, 2004, p. 73)

Retomando a composição da classe trabalhadora, caracterizamos o trabalhador improdutivo como aquele que realiza suas atividades nos setores de serviços, ou seja, bancos, comércio, turismo, serviços públicos e outros serviços que não estão diretamente relacionados com a produção direta de mercadorias, mas cujos trabalhadores não deixam de ser assalariados (ANTUNES, 2009). Assim, esse grupo de trabalhadores gera apenas valor de uso por meio de sua força de trabalho, mas não valor de troca. O trabalhador improdutivo gera a mais-valia indiretamente.

Ainda, nas ideias do autor, é importante destacar que o trabalho ao longo do século XX e desde o início do século XXI adquiriu potencial intelectual e, assim, questões voltadas para a divergência entre trabalho manual e intelectual podem ser lançadas. Nesta perspectiva, Antunes (2009) destaca a presença da ciência no mundo do trabalho, problematizando a teoria do valor e a existência do trabalho abstrato como potencial atributo para a conversão do trabalho improdutivo em trabalho produtivo e ressignificando essas duas categorias que complementam a divisão da classe trabalhadora.

Conforme Antunes (2009), com o advento da tecnologia, o trabalho humano passa a ser realizado, também, por meio de maquinário que exerce atividades próprias da inteligência humana. Dessa maneira, a ciência vem sendo considerada como uma força de trabalho produtiva em ascensão, estabelecendo valor de troca ao trabalho abstrato intelectual, antes considerado como trabalho improdutivo, conforme destaca o autor. Entretanto, afirma também que a ciência nunca poderá ser considerada a principal

força de trabalho que impulsiona o capitalismo para geração de renda, pois existe uma relação de dependência entre o trabalho produtivo e a ciência que está diretamente ligada à geração de capital por se constituir e se concretizar por meio dele.

Por mais que a ciência interfira na realização do trabalho vivo<sup>4</sup>, às vezes sendo considerada inclusive como principal atributo do processo produtivo, estará sempre condicionada ao trabalho intelectual humano que, ao interagir com a máquina informatizada, acaba também por transferir parte dos seus novos atributos intelectuais e cognitivos à nova máquina que resulta desse processo de interação (Idem, p.123).

Nesse sentido, o Antunes (2009) diz que:

Não se trata de dizer que a teoria do valor-trabalho não reconhece o papel crescente da ciência, mas que a ciência encontra-se tolhida em seu desenvolvimento pela base material das relações entre capital e trabalho, a qual não pode superar. E é por essa restrição estrutural, que libera e mesmo impele a sua expansão para o incremento da produção de valores de troca mas impede o salto qualitativo societal para uma sociedade produtora de bens úteis segundo a lógica do tempo disponível, que a ciência não pode se converter na principal força produtiva. (p.122)

A acumulação do capital está diretamente ligada ao tempo de trabalho e ao valor de troca do que se produz. A lógica, obviamente simplificada, resume-se em: quanto de riqueza para o patrão, considerando-o como o detentor do capital, um trabalhador pode produzir em determinado tempo? O trabalho está intimamente ligado ao tempo de produção. Assim, “o trabalhador vai realizar sempre a mesma atividade, sempre com a mesma finalidade [...] o trabalhador está alienado de sua verdadeira humanidade pela sua inserção no trabalho” (LESSA E TONET 2011, p.93).

Desta maneira, conforme orientam Lessa e Tonet (2011), a essência da alienação do trabalho no capitalismo acontece na medida em que as pessoas se transformam em coisas, em mercadorias que adquirem um valor correspondente ao custo de sua produção e de sua força de trabalho. Como os custos dessa produção são sempre baixos, o valor estabelecido como pagamento por sua força de trabalho não é valorizada, pois precisa garantir apenas as condições mínimas de saúde e sobrevivência a esse trabalhador para que continue produzindo. As demais necessidades do homem trabalhador não são sequer reconhecidas.

Pedrosa (2007) diz:

---

<sup>4</sup> Termo utilizado por Antunes (2009) para nomear a força de trabalho humana. O antônimo do termo, ou seja, trabalho morto caracteriza o trabalho realizado pela máquina.

[...] trata-se da vida danificada, prejudicada, vida exteriorizada. Nela, [...] a essência do homem é invertida: a essência torna-se o trabalho, esse produto do capital que adquire um fim em si mesmo [...] produzir torna-se mais importante do que usufruir as conquistas do trabalho. (p.77)

Assim tem sido desde que o homem rendeu-se à lógica do sistema, ou melhor dizendo, desde que o homem, ao criar o sistema, rendeu-se a si mesmo, prejudicando sua própria vida. Neste sentido, ao problematizar o trabalho cabe uma revisão das noções de sujeito e objeto, além da relação entre natureza e sociedade.

Enquanto a natureza permanecer como objeto das ciências naturais e a sociedade como objeto das ciências sociais, o entendimento sobre ambas continuará bloqueado (Idem, p.78). A natureza é sujeito, o homem não é o único sujeito. Tal como encontramos na teoria marxista, podemos considerar que o trabalho é a relação do homem consigo mesmo e com a natureza; essa, por sua vez, existe também como sujeito autônomo que segue seus processos independentemente da interferência do homem.

Por isso, o homem, como parte que compõe a natureza, ao modificá-la por meio do trabalho, está modificando a si próprio. Assim, o que se busca é o rompimento das categorias de trabalho apresentadas anteriormente, buscando a efetiva existência do trabalho concreto, aquele que não gera a mais-valia e que produz coisas socialmente úteis. É o trabalho, no sentido ontológico, como citado no início do capítulo, trabalho como valor de uso, como meio pelo qual o homem se utiliza para sua própria sobrevivência.

Neste sentido, a Educação Ambiental possibilita que realizemos um enfrentamento político às bases do sistema capitalista, considerando a problematização das relações sociais estruturadas pelo capital como um dos elementos que contribuem para o estranhamento da lógica do Modo de Produção Capitalista. Loureiro (2004) afirma que "O que importa não é apenas entender e especular, mas agir e transformar" (p.115). Transformar a realidade conquistando direitos na esfera da vida social justa que contemple liberdade política, cultural, filosófica e também condições econômicas igualitárias, em um movimento de constituição social mútua.

Com as discussões sobre o trabalho na tutoria a distância, busco, através da Educação Ambiental, o entendimento sobre as formas de dominação do sistema capitalista na estruturação de uma função que atende à lógica do capital e desconsidera a

conquista de direitos e igualdade, conforme citado acima. No contexto da Educação a Distância, o trabalho da tutoria vem abrangendo as formas de exploração da mão de obra trabalhadora, agregando características que classificam a tutoria como um trabalho terceirizado e precarizado.

Com isto, corroboro com a perspectiva da Educação Ambiental Transformadora, que não é aquela que simplesmente interpreta, informa ou conhece a realidade, mas, sim, aprofunda-se na compreensão e teorização sobre a atividade humana, ampliando a consciência revolucionária dos indivíduos com fins a intervir qualificadamente na sociedade, com capacidade crítica e teórica para transformar a realidade. A EaD tem potencial político e social, e pode conquistar um espaço legítimo para a ampliação da educação no país, porém, os caminhos para tal precisam ser problematizados, teorizados e compreendidos para que a complexidade da ação educativa não seja mais uma ferramenta de reprodução do sistema capitalista, mas, sim, uma possibilidade de multiplicar reflexões críticas sobre os impactos desse sistema na estrutura socioambiental.

### **3.2 Em busca da identidade do trabalho na tutoria a distância**

Ao considerar a busca por um sentido autoconstituente do trabalho humano, inicio uma análise do trabalho docente e em especial do trabalho de tutoria a distância.

A função docente vivencia uma forte influência do capital na organização de sua atividade, visto que a educação, como serviço social, tem adquirido características de atendimento ao capitalismo, tornando-se mais uma esfera social que alimenta os moinhos do Modo de Produção Capitalista, abrangendo uma grande quantidade de trabalhadores assalariados.

A docência ao longo dos séculos vem sendo transformada pelo sistema capitalista, pois seu fim primeiro, que seria realizar o processo de ensino aprendizagem em busca da educação problematizadora que pensa a sociedade como ambiente de convívio e direito de todos, tem servido para o aumento das desigualdades sociais, na medida em que reproduz uma sociedade competitiva e injusta.

Não que a docência seja completamente responsável por essa postura, pois vem atendendo uma demanda social verticalizada que é imposta pelo próprio sistema, sendo ela, inclusive, uma das parcelas da sociedade que está visivelmente prejudicada por esse movimento de controle e dominação do capitalismo na medida em que vem perdendo a ciência de sua dimensão cultural e responsabilidade social crítica.

Neste sentido, percebemos que a docência a serviço do sistema sofre grande impacto no que se refere a sua valorização social. Baixos salários para professores, estrutura precária para escolas públicas, dificuldades no enfrentamento com a sociedade que impõe posturas profissionais à classe docente, impossibilitando e confundindo a afirmação da mesma como categoria de trabalho.

Arroyo (2010) afirma que:

Muitos saberes de muitos ofícios foram destruídos pela industrialização, pelo avanço das máquinas, da tecnologia, da incorporação do saber operário e do seu controle. Processos tensos de eliminação dos ofícios e dos artífices... Processos históricos de expropriação do saber operário. (p. 19)

A docência sofreu e sofre processo semelhante no que se refere à valorização social. A perda da identidade docente deu espaço para a “educação encarada como terra vadia, lote vago [...] onde para ensinar as primeiras letras qualquer um serve” (Idem, p.189). E complementa:

As classes trabalhadoras construíram uma cultura de classe. A cultura do trabalho. No processo de construção e legitimação da cultura do trabalho, do seu valor social, eles se constituíram. A classe trabalhadora foi e é um dos sujeitos culturais que mais marcaram o século XX em termos culturais. Construíram valores, o valor do trabalho, a dignidade de ser trabalhador. (Idem, p.190)

A categoria docente parece não se identificar com as heranças e valores das lutas da classe trabalhadora, pois mesmo se considerando trabalhadores em educação, os docentes continuam enraizados como árvores às práticas cotidianas da escola, reproduzindo uma ideologia hegemônica em suas ações, evidenciando em sua prática a perspectiva comportamentalista focada no indivíduo, objetivando uma finalidade “conteudística e informativa meramente de transmissão de conhecimento do professor ao aluno, normalmente realizada em atividades pontuais descontextualizadas da realidade socioambiental” (GUIMARÃES, 2004, p.13).

Essa postura passiva retrata a submissão dos sujeitos sociais que não refletem sobre as formas de dominação do capital e sobre as estratégias de persuasão do sistema

capitalista para alienar o trabalhador. Assim, os processos educativos baseados na transmissão do conhecimento exemplificam uma das formas de alienação que limita a capacidade reflexiva e constituição de posturas críticas dos indivíduos perante os problemas sociais que vivemos.

Vemos que muito se avançou, nos últimos anos, no que se refere à educação como direito de um coletivo que envolve não somente a classe profissional, mas também famílias, comunidades e a sociedade em geral. Essa conquista é fruto das lutas da classe docente, inclusive firmando a classe como categoria. Porém, ainda há muito para se conquistar com relação à identidade profissional do trabalhador em educação. “A cultura profissional de uma categoria não se altera enquanto a vida material dos profissionais e as práticas cotidianas e coletivas não se alteram” (ARROYO, 2010, p.191).

Nesse movimento, podemos pensar nas situações que trabalhadores da educação têm enfrentado em suas vidas profissionais. Professores têm sido utilizados como funcionários temporários em diversos setores do meio educacional. Como exemplo, podemos citar os contratos temporários no setor público, tanto na educação superior como em instituições estaduais e até municipais, em que professores não concursados têm seus salários diminuídos e outros benefícios negados, por não possuírem a formalidade exigida pela burocracia.

Outro exemplo que chama a atenção é a contratação de estagiários que exercem a mesma função dos profissionais da educação e recebem menos da metade do salário do professor, também com a negação de benefícios. A submissão dos indivíduos ao capitalismo, contribui para a retroalimentação do sistema dominante, pois na medida em que estágios e contratações temporárias são vistas, na sociedade da exploração da mão de obra, como oportunidades de trabalho ou aquisição de experiência, percebemos o quanto o sistema reage contra a valorização da profissão docente.

A contratação de estagiários ou bolsistas em empresas privadas ou instituições públicas para prestação de serviços em educação faz com que haja a diminuição do número de contratos legais de trabalho e também de concursos públicos para efetivação de funcionários nos níveis federais, estaduais e municipais.

Ainda nesse contexto de contratações temporárias para prestação de serviços, encontramos os profissionais que atuam na Educação a Distância. Reconhecendo a

tutoria a distância como uma função ligada diretamente ao processo de aprendizagem dos educandos dessa modalidade de educação, considero que a profissão também concentra muitas vagas temporárias para a prestação de serviços em educação.

Neste sentido, pensar a tutoria a distância como uma função docente que retroage sobre os indivíduos aprendentes da EaD, acompanhando suas caminhadas pela construção do conhecimento possibilita compreender a atividade como pertencente à categoria profissional de trabalhadores em educação que, no contexto do Modo de Produção Capitalista, estão sujeitos à terceirização da mão de obra trabalhadora para prestação de serviços em educação.

Assim questiono: Como se constitui a identidade de categoria profissional em educação com esse contexto de precarização do trabalho docente? A busca pela identidade social coletiva, identidade de classe trabalhadora é destruída pelos governantes, uma vez que a mesma atividade profissional é realizada por profissionais com diferentes níveis de conhecimento e sem vínculos empregatícios, e até pela própria categoria que permite que profissionais que não são licenciados realizem a atividade docente, utilizando o *status* de professor.

Desta maneira, Antunes (2009) problematiza e contribui com as ideias lançadas anteriormente, dizendo que:

[...] a sociedade do capital e sua lei do valor necessitam cada vez menos do trabalho estável e cada vez mais das diversificadas formas de trabalho parcial ou *part time*, terceirizado, que são, em escala crescente, parte de uma constitutiva do processo de produção capitalista. (p.119)

Neste sentido, tenho percebido ao longo de algumas caminhadas pela Educação a Distância que o processo de contratação de profissionais para atuação na modalidade transmitem essa carga de instabilidade e reproduzem a terceirização da mão de obra, conforme explicita o autor.

Estes pequenos exemplos já dimensionam a gravidade do problema que estamos enfrentando. Lutamos contra um sistema que nos guia. Participamos e defendemos causas que são criadas e alimentadas pelo próprio sistema. Reproduzimos, às vezes inconscientemente, o combustível do sistema, ensinando hábitos e posturas para os alunos, cedendo à precariedade da educação e adaptando nossa prática e condições de trabalho para que possamos exercer nossas atividades da melhor maneira possível.



Assim, problematizar a realidade profissional dos tutores que atuam na EaD em busca de uma identidade profissional para os mesmos que atuam diretamente na formação de estudantes da Educação a Distância é pertinente no sentido de que contribui para a constituição de posturas críticas que possibilitem a identificação de estratégias para o estabelecimento de políticas públicas que regulamentem a ação educativa desenvolvida por eles, além de criar possibilidades para estranhar, refletir e agir em contrapartida à lógica estabelecida pelo sistema capitalista.

Da mesma maneira, ao refletirmos sobre a educação na contemporaneidade despertam estranhamentos que nos fazem reavaliar os caminhos que precisamos percorrer para a superação do modo de produção capitalista. A educação problematizadora, que se pensa necessária na conscientização voltada para a emancipação humana e para a transformação da sociedade baseada na exploração através do trabalho, está longe de atender a essas necessidades. Ao contrário, vemos a vulgarização e a precarização do trabalho docente e a mercantilização da educação “vendendo” padrões de comportamento que só contribuem para a perpetuação do sistema.

## **4 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

### **4.1 Contextualizando a Educação a Distância**

Considerando então especificamente a Educação a Distância, para que possamos analisar profundamente o trabalho realizado pelos tutores a distância, bem como elencar elementos que corroboram para que essa modalidade reproduza os preceitos da lógica capitalista, é necessário que entendamos um pouco sobre as disposições que regulamentam a EaD em nosso país.

A iniciar pela proposta de organização dos cursos a distância: de acordo com o Art. 80, da LDB 9.394/96, a oferta de cursos a distância no país poderá ser realizada na Educação Básica, Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação Profissional e Educação Superior, devendo necessariamente possuir o mesmo período de duração de cursos presenciais. Cabe ao MEC credenciar, fiscalizar e promover o reconhecimento, e renovação de instituições públicas ou privadas para o atendimento à Educação a Distância, que devem obrigatoriamente seguir as regulamentações expostas pelos Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância definidos pelo Ministério da Educação em colaboração com os sistemas de ensino.

Dentre os níveis e modalidades educacionais regulamentados para a oferta a partir da educação a distância, a educação superior nos níveis de graduação e especialização são, no Brasil, as mais realizadas. Instituições particulares e públicas têm investido fortemente na expansão da educação a distância no país. Segundo o INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, em dados apresentados no Censo da Educação Superior, no ano de 2011, a oferta de vagas em cursos de graduação na modalidade a distância alcançou 1.224.760 vagas, ultrapassando o número da educação presencial que, na mesma categoria, alcançou 956.741 vagas.

Com relação ao número de cursos de graduação, o crescimento também impressiona. Em 2003 eram apenas 52 cursos realizados na modalidade a distância, enquanto em 2011, o número de cursos oferecidos nessa modalidade foi de 1.044, considerando em ambos os casos a esfera pública e privada<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Dados retirados do Censo da Educação Superior realizado pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira no ano de 2011.

Em 2011, o número de concluintes de cursos de graduação presencial foi de 297.177 formandos e, na mesma categoria, a educação a distância formou 151.552, ou seja, 33,78% dos concluintes de cursos de graduação foram formados através da modalidade a distância. No que se refere ao número de vagas oferecidas em cursos de graduação, no ano de 2011, a Educação a Distância superou a educação presencial, alcançando 56,15% das vagas. Segundo informações publicadas no Censo da Educação Superior de 2011, a porcentagem de inscritos em cursos de graduação oferecidos através da Educação a Distância chegou a 38,29%<sup>6</sup>.

A procura pela educação a distância também aumenta cada vez mais, pois a proposta que é amplamente divulgada pela mídia caracteriza a EaD como um sistema de ensino cuja aprendizagem acontece de maneira mais rápida e prática, pois não exige a presença física dos alunos e explora a realização de estudos individuais e autônomos, cultivando a ideia do tempo flexível para a realização dos estudos.

As características atribuídas à EaD como uma alternativa viável para alcançar a educação superior exploram algumas facilidades que envolvem: a questão do tempo de estudos que pode ser flexível; a autonomia no processo de formação; a economia financeira, pois nessa modalidade a educação vai até o estudante e não o contrário, não existindo mais a necessidade de deslocamento diário até as instituições de ensino superior.

Além dessas facilidades, a comparação com a educação presencial é bastante marcante, pois a maioria dos estudantes têm como referência a educação presencial e a utilização desse argumento pode caracterizar segurança aos interessados na EaD. Outra preocupação das instituições é o reconhecimento dos cursos pelo MEC, pois com a crescente demanda de criação de cursos na modalidade a distância, o reconhecimento é essencial para a continuidade de oferta e assim a continuidade de procura pela EaD.

O ingresso em cursos de graduação a distância oferecidos por universidades públicas através do Sistema Universidade Aberta do Brasil também tem sido explorado por universidades públicas como a garantia de igualdade entre os candidatos que se interessam por essa modalidade. Assim, a realização de processo seletivo utilizando os resultados do ENEM, a partir de 2014, é uma maneira de equiparar educação a distância e educação presencial, ao menos nesse aspecto.

---

<sup>6</sup> Dados retirados do Censo da Educação Superior realizado pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira no ano de 2011.

## 4.2 Sistema Universidade Aberta do Brasil

Como o foco deste trabalho é a tutoria a distância do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade oferecido na modalidade a distância através do Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB, é necessário que entendamos a organização desse sistema para que as compreensões que buscamos sejam contextualizadas a partir dos aspectos que caracterizam tal programa.

Neste contexto, destaco o Sistema Universidade Aberta do Brasil criado pelo Ministério da Educação, em 2005, em parceria com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior - ANDIFES e Empresas Estatais como política pública de articulação entre a Secretaria de Educação a Distância – SEED/MEC e a Diretoria de Educação a Distância – DEED/CAPES com o objetivo de expandir e interiorizar o ensino superior público e gratuito no país, conforme regulamenta o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE. O sistema é integrado por Universidades Públicas que oferecem os cursos a distância de acordo com a demanda dos municípios e microrregiões abrangidas e com o apoio dos polos presenciais que concentram laboratórios de informática, acesso a internet e estrutura necessária para o atendimento aos alunos.

A UAB tem, como enfoque principal, cinco eixos fundamentais, conforme disposto no *site* do sistema<sup>7</sup>:

- Expansão pública da educação superior, considerando os processos de democratização e acesso.
- Aperfeiçoamento dos processos de gestão das instituições de ensino superior, possibilitando sua expansão em consonância com as propostas educacionais dos estados e municípios.
- Avaliação da educação superior a distância tendo por base os processos de flexibilização e regulação implantados pelo MEC.
- Estímulo à investigação em educação superior a distância no País.
- Financiamento dos processos de implantação, execução e formação de recursos humanos em educação superior a distância.

---

<sup>7</sup> <http://www.uab.capes.gov.br> – Acesso em 14 de dezembro de 2012.

A UAB atende também ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica a partir da Plataforma Freire, que regulamenta a formação inicial e continuada dos professores da rede básica de ensino.

A regulamentação para a estrutura de organização dos cursos oferecidos através do sistema UAB também está a cargo dos Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância do MEC.

Para a realização dos cursos na modalidade à distância, a UAB repassa recursos financeiros para as instituições vinculadas ao sistema para que organizem e executem os cursos oferecidos. Esse financiamento, no que se refere ao pagamento de profissionais chamados de “recursos humanos”, provém do governo federal e substitui a contratação formal de docentes e técnicos nas mais diversas categorias, para atuarem especificamente na EaD através da realização de contratos de trabalho temporários.

Neste sentido, a lógica do Modo de Produção Capitalista está presente na estrutura organizacional da UAB, intensificando a terceirização da mão de obra trabalhadora em EaD, envolvendo inclusive a tutoria a distância, realidade que problematizo a partir da análise da contratação temporária de profissionais para atuação na referida modalidade de educação.

A estratégia de contratação temporária para atuação na educação a distância intensifica a exploração da mão de obra trabalhadora, caracterizando a tutoria a distância como prestação de serviços em educação. Assim, uma série de elementos contribuem para que a profissão esteja inserida na lógica do sistema capitalista, em que a alienação do trabalhador quanto a sua situação de exploração é o motor para a permanência dessa situação.

Neste sentido, pensar a EaD como sistema de ensino público, assegurado por políticas públicas, oferecendo a continuidade de cursos e a permanência formal de pessoal especializado para trabalhar com a modalidade torna-se imprescindível, pois enquanto perdurarem as informalidades e financiamentos eventuais de cursos e “recursos humanos” para o trabalho docente em EaD, perduram a exploração, precarização e diminuição da identidade desses profissionais.

Para esclarecer tais elementos, apresento a seguir a contextualização sobre o trabalho na tutoria a distância.

### 4.3 A tutoria a distância

Na organização estabelecida pelos Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância do MEC (2007), para que um curso possa ser oferecido na modalidade a distância, é necessário, entre outras questões, recursos humanos compostos por um corpo docente “vinculado à própria instituição, com formação e experiência na área de ensino e em educação a distância” (p.18) e “Corpo de tutores com qualificação adequada ao projeto do curso” (p.18).

Conforme o referido documento, são atribuições dos tutores a distância o disposto a seguir:

O corpo de tutores desempenha papel de fundamental importância no processo educacional de cursos superiores a distância [...] O tutor deve ser compreendido como um dos sujeitos que participa ativamente da prática pedagógica.[...] Sua principal atribuição é o esclarecimento de dúvidas através de fóruns de discussão pela Internet, pelo telefone, participação em videoconferências, entre outros, de acordo com o projeto pedagógico. O tutor a distância tem também a responsabilidade de promover espaços de construção coletiva de conhecimento, selecionar material de apoio e sustentação teórica aos conteúdos e, freqüentemente, faz parte de suas atribuições participar dos processos avaliativos de ensino-aprendizagem, junto com os docentes. (2007, p.21)

No que se refere à atuação de docentes, os Referenciais de Qualidade do MEC delimitam:

Em uma instituição de ensino superior que promova cursos a distância, os professores devem ser capazes de: a) estabelecer os fundamentos teóricos do projeto; b) selecionar e preparar todo o conteúdo curricular articulado a procedimentos e atividades pedagógicas; c) identificar os objetivos referentes a competências cognitivas, habilidades e atitudes; d) definir bibliografia, videografia, iconografia, audiografia, tanto básicas quanto complementares; e) elaborar o material didático para programas a distância; f) realizar a gestão acadêmica do processo de ensino-aprendizagem, em particular motivar, orientar, acompanhar e avaliar os estudantes; g) avaliar -se continuamente como profissional participante do coletivo de um projeto de ensino superior a distância. (2007, p.20)

Tanto para professores quanto para tutores, as responsabilidades no processo educativo são grandes, pois conduzem a aprendizagem dos estudantes a partir das

mediações tecnológicas e desempenham suas funções tentando vencer os desafios que a distância física impõe.

Entretanto, existem muitas divergências no que se refere ao papel real assumido por essas duas pessoas no processo de aprendizagem em EaD. Vilarinho e Cabanas (2008) dizem que o tutor a distância tem sido excluído do processo de planejamento dos cursos, sendo reduzido à função de orientador da aprendizagem e professores têm sido utilizados como produtores de material educacional digital para serem reproduzidos através das mídias digitais.

Neste sentido, a fragmentação dos papéis desempenhados por professores e tutores da EaD, em comparação com as atribuições realizadas por professores no ensino presencial que são responsáveis por todo o processo educativo, caracterizam a divisão do trabalho nos moldes do Modo de Produção Capitalista, marcadas pelo período da Revolução Industrial em que operários das fábricas fordistas realizavam sempre a mesma função, cada um com atribuições específicas no processo produtivo.

Essas marcas da industrialização presentes no trabalho de tutores e professores também acentuam a hierarquia presente na estrutura organizacional da EaD, visto que professores e tutores são responsáveis pelo processo de formação, mas assumem papéis diferentes no fazer docente que deveria ser único.

Essa realidade reflete diretamente na atuação do tutor, pois muitos entram para a Educação a Distância sem formação específica e sem conhecer seu papel como tutor, atuando como “estimuladores” (estimulam leituras, debates, trabalhos colaborativos e cobram o cumprimento dos prazos de entrega de trabalhos) ou “informantes” (dão informações administrativas) (VILARINHO E CABANAS, 2008, p. 482).

O tutor a distância vem adquirindo funções diversas ao longo dos anos. Vilarinho e Cabanas (2008) construíram, a partir de diferentes autores, um mapa conceitual sobre a figura do tutor, tentando demonstrar como essa função, apesar de essencial no processo de aprendizagem em EaD, ainda se apresenta confusa e desconecta da prática pedagógica. Dentre os conceitos elencados está o elaborado por Almeida (2001) que define o tutor como um reproduzidor da figura do professor, dificultando a construção de uma identidade própria. Na perspectiva de Souza (2004), o tutor é “aquele que garante a inter-relação personalizada e contínua do aluno com o

sistema de ensino, viabilizando a consecução dos objetivos propostos.” (VILARINHO E CABANAS, 2008, p. 483).

Mas talvez a conceituação que melhor defina o papel do tutor é a destacada na perspectiva de Silva (2003):

[...] na EAD apoiada pela internet o tutor deve ser um professor, um interlocutor, não se reduzindo a conselheiro ou facilitador da instrução. Esse personagem está ali para “professorar”, isto é, para indicar múltiplas possibilidades de experimentação e expressão, disponibilizar uma montagem de conexões em rede, formular problemas, provocar novas situações, arquitetar percursos, mobilizar a experiência do conhecimento, tudo isso na teia das interfaces de um ambiente virtual de aprendizagem. (VILARINHO E CABANAS, 2008, p. 484)

Assim, a responsabilidade do tutor a distância pela formação dos estudantes é grande e gera uma carga de trabalho bastante intensa. Quando dizemos que o tutor realiza o acompanhamento, estamos tratando de um número de alunos que, geralmente, está entre trinta e quarenta, quantidade de estudantes que são atendidos por cada tutor, no contexto do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e também em outros cursos oferecidos pela mesma instituição de ensino.

Dentre as atividades cabíveis ao tutor a distância, o acompanhamento nos fóruns de discussão é, talvez, a que demande maior quantidade de tempo, pois as postagens, que são publicadas frequentemente pelos alunos durante o período de duração do fórum, precisam ser lidas e respondidas ao grande grupo. Além disso, é necessário que o profissional atue na mediação, como se fosse um interlocutor, integrando os estudantes e incentivando o debate entre eles para que o fórum não se caracterize apenas como um espaço de tira dúvidas, mas sim como momento de diálogo e reflexão acerca das temáticas abordadas.

O trabalho do tutor a distância também envolve a leitura de produções realizadas pelos estudantes, que são chamadas de tarefas. Durante o período estabelecido pelo professor titular da disciplina, o aluno elabora a tarefa e posta no Ambiente Virtual de Aprendizagem, para que o tutor realize as devidas considerações. Após, complementa a reflexão comentando a atividade do aluno e argumentando acerca dos aspectos que precisam ser melhor aprofundados, bem como ressaltando seu crescimento.

No desenvolvimento das atividades de tutoria existe uma aproximação intensa com os professores titulares das disciplinas. Geralmente, são realizadas reuniões semanais entre o grupo de tutores e o professor para debater os aspectos do conteúdo



que é trabalhado, além de peculiaridades acerca do desenvolvimento da disciplina, tais como: avaliação, atividades a serem realizadas, materiais de apoio, entre outras questões.

Embora algumas dessas atividades não sejam de responsabilidade do tutor, o fazer pedagógico desenvolvido por ele abarca muitas funções que, na maioria das vezes, sobrecarrega esse profissional e o faz assumir, integralmente, o processo de formação dos educandos. A presença dos professores, geralmente, reduz-se a elaborar o material e as avaliações das disciplinas, dialogando, superficialmente, com o grupo de tutores sobre o andamento da aprendizagem de cada aluno, pois como não os acompanha constantemente através da plataforma, não consegue argumentar sobre o caminho percorrido pelos estudantes.

Essa crítica aos professores não se configura como descaso no processo educativo, mas sim como mais uma consequência da organização da Educação a Distância nos moldes do sistema capitalista, visto que o professor titular não tem condições viáveis de atender cerca de quarenta alunos distribuídos em quatro, às vezes, cinco polos diferentes. Neste sentido, compreender que a educação realizada por meio da modalidade a distância exige transformações tanto no que se refere à estrutura, quanto ao trabalho desenvolvido por professores e tutores é eminente.

Para Loureiro (2004), o trabalho deve acontecer por meio da liberdade e de escolhas conscientes, num movimento de interação dialógica entre nós mesmos, os outros, a sociedade e o mundo. Sujeitar-se às relações de dominação que definem a sociedade capitalista como injusta, principalmente no âmbito da educação, é permitir que a alienação a que estamos submetidos se fortaleça e impeça as transformações da sociedade por meio das reflexões críticas sobre as condições de exploração que vivenciamos.

Neste sentido, o autor nos propõe a pensar sobre a educação como elemento de desvelamento da realidade, abrangendo reflexões e ações sobre a política coletiva, mas também na autonomia individual de cada cidadão, em busca de valores que possibilitem "o sentido de realização ao atuar na história modificando-a e sendo modificado no processo de busca de construção de alternativas ao modo como nos organizamos e vivemos em sociedade" (LOUREIRO, 2004, p. 131).

Desta maneira, como forma de construir alternativas para melhorar a atividade profissional desenvolvida pelos tutores, considero que refletir sobre as características que estruturam a EaD na lógica do Modo de Produção Capitalista permite-nos alcançar um nível de conhecimento complexo sobre tal modalidade de educação, possibilitando a transformação dessa realidade.

Além das características apresentadas até este momento como, por exemplo: a mercantilização da educação por meio da oferta de cursos por demanda; a intensidade de trabalho a que estão sujeitos os tutores a distância; a presença da divisão do trabalho docente na EaD; a substituição de papéis no processo de aprendizagem; outras situações contribuem para concebermos a EaD como instrumento de reprodução da lógica capitalista.

A contratação temporária dos profissionais que atuam na EaD também precisa ser problematizada, pois envolve aspectos que estão para além da prestação de serviços em educação. A desvalorização financeira é um elemento que corrobora para o entendimento da função do tutor como trabalhador alienado e explorado pelo capital, pois recebe como remuneração bolsas temporárias que não são caracterizadas como salário e que não condizem com a intensa carga de trabalho e com o tempo necessário à realização das atividades.

Embora saibamos que existem diferentes atribuições para professores e tutores a distância, podemos compreender que existe uma desvalorização significativa com relação à remuneração dos últimos. Para atuar na EaD, no ano de 2013, um professor recebe como pagamento pelo seu trabalho bolsas no valor de R\$ 1.300,00 enquanto que os tutores recebem bolsas no valor de R\$ 765,00 definidos em conformidade com o previsto na resolução CD/FNDE nº 26/09, de 5 de junho de 2009, alterada pela resolução CD/FNDE nº 8, de 30 de abril de 2010, sem reajustes desde então. Ou seja, tutores recebem pouco mais da metade do valor recebido pelos professores.

Essa diferença também demonstra a inserção da Educação a Distância na lógica capitalista, em que trabalhos são mais ou menos valorizados de acordo com as características de cada atividade desenvolvida, embora estejamos tratando de formação e ação docente, reiterando a presença da hierarquia e da divisão do trabalho docente em educação e criando diferenças na própria classe profissional, dimensionando valores diferentes por atividades que se assemelham muito. Compreendo também que mediante a responsabilidade social com a formação de profissionais, ambos são desvalorizados.

O Sistema UAB tem grandes méritos, no sentido de possibilitar que a educação superior possa chegar a locais onde as universidades presenciais ainda não alcançam, porém o sistema de tratamento dos “recursos humanos” está aquém de uma educação humanista e igualitária.

A estrutura organizacional da UAB trata seus colaboradores como peças que são facilmente substituídas, pois a qualidade do trabalho mencionado anteriormente como um dos critérios para atuação na EaD é completamente deixada de lado, quando analisamos os demais critérios de seleção e participação no processo de tutoria ou docência. Para participar como docente, os professores devem pertencer à instituição em que o curso em EaD é oferecido, mas não possuem direitos de redução de carga horária para dedicar-se com maior afinco às atividades a distância.

No mesmo movimento, para a seleção de tutores, conforme legislação vigente, alguns critérios são exigidos:

- Ter experiência mínima de 1 (um) ano no magistério (exercer ou ter exercido a profissão no Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Superior), ou vinculação a um programa de pós-graduação, ou pós-graduação concluída (nos termos das leis 11.273/06 e 11.502/2007, e da resolução CD/FNDE nº 26, de 5 de junho de 2009, alterada pela resolução/CD/FNDE nº 8, de 30 de abril de 2010).
- Ter vínculo com o setor público (são considerados vinculados ao setor público os servidores de qualquer esfera administrativa; discentes de programas de pós-graduação das Instituições de Ensino Superior públicas reconhecidos pela CAPES ou, ainda, profissionais vinculados à IES de origem da tutoria).
- Ter disponíveis 20 horas semanais de trabalho para tutoria.

As seleções para tutores apresentam uma série de pré-requisitos que servem como base para a escolha do grupo de profissionais, mas que não levam em consideração que o tempo para atendimento aos estudantes precisa também ser qualificado. Um profissional da educação que atenda aos requisitos está envolvido com outras demandas de trabalho, como, por exemplo, vínculo com o setor público como docente da educação básica ou ainda em funções técnicas ou então sendo estudante de cursos de pós-graduação.

Mesmo precisando dispor de 20 horas semanais para desenvolver as atividades na Educação a Distância, o valor pago por esse trabalho não é suficiente para prover o

sustento de um profissional qualificado, pois além de não oferecer nenhum tipo de benefício, é pago temporariamente. Dessa maneira, a atuação em espaços distintos de trabalho se faz necessária.

Por isso, a intensificação da jornada de trabalho com o comprometimento de mais tempo diário para atuação em cursos oferecidos na modalidade a distância também pode ser considerada uma problemática latente da EaD, pois quando pensamos em educação, pensamos em qualidade no processo de ensino-aprendizagem e, ao supor que um profissional que estará intimamente ligado ao processo de aprendizagem dos estudantes dedica-se a outros espaços ao mesmo tempo em que se compromete com a tutoria, põe em dúvida a qualidade esperada da EaD.

Por isso a intensidade de trabalho em diferentes espaços profissionais acaba consumindo um tempo que deveria ser livre em prol do valor a ser recebido pelas atividades. Desta maneira, tanto para tutores quanto para docentes existe o aumento do salário, aumentando o trabalho e diminuindo o tempo livre (ANTUNES, 2009).

Retomo então uma expressão utilizada anteriormente: precarização do trabalho. Segundo Antunes (2009), alguns processos históricos vêm depreciando ainda mais o trabalho dos homens, ocasionando a redução do proletariado estável e o crescente desemprego, obrigando esses trabalhadores a buscarem outras alternativas de trabalho. Assim, surge o trabalho precarizado, caracterizado pela terceirização e subcontratação de mão de obra, o que contribui para o aumento do trabalho informalizado e temporário.

Vimos, por meio dos argumentos apresentados acima, que na Educação a Distância os profissionais realizam muitas atividades ao mesmo tempo. Envolvem-se com um trabalho intenso e cansativo e consomem seu tempo livre para dar conta da demanda gerada através da EaD. Em contrapartida, no que se refere à valorização financeira dessa atividade, recebem bolsas temporárias com valores relativamente baixos para assumir a responsabilidade da formação de nível superior e após a realização da atividade são dispensados da função até que possam, em outro curso ou disciplina, atuar novamente.

Essa atuação temporária, característica da lógica de produção capitalista, precisa ser problematizada. Assim, destaco a importância da reflexão crítica dos profissionais que atuam na EaD, pois somente por meio da conscientização e do entendimento sobre a situação de exploração pela qual passam é que será possível transformar a realidade.

Conforme dito anteriormente, pequenas reflexões fazem com que alguns paradigmas se modifiquem. Assim, vejo, com este trabalho, a possibilidade de compreender os sentidos que tutores a distância atribuem ao seu trabalho e com isso proporcionar reflexões sobre outras possibilidades de transformação dessa realidade, pois à luz da Educação Ambiental não se pode dizer que a sociedade e, conseqüentemente, as organizações sociais que a sustentam e dela se sustentam devam, necessariamente, existir sob as condições que caracterizam o sistema capitalista (LOUREIRO, 2007).

Assim como orienta Loureiro (2004), podemos, a partir da construção de conhecimentos complexos, interferir na organização apresentada acima, como agentes sociais concretos, transformando-a com o intuito de diminuir o impacto da exploração a que estão sujeitos os profissionais atuantes na EaD.

Estar condicionado ao modo de produção capitalista é algo que nos parece inevitável, porém temos condições de lutar para perseguir pequenas conquistas e demonstrar que o sistema não é completamente soberano, afinal é mantido pelas nossas próprias ações e por meio da transformação de nossas ações é que alcançaremos melhores condições de trabalho e talvez a plenitude da emancipação humana.

## **5 CONSTRUINDO COMPREENSÕES SOBRE O TRABALHO NA TUTORIA A DISTÂNCIA**

Ao longo desta pesquisa, realizei reflexões que possibilitassem compreender o trabalho dos tutores a distância no contexto do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade. No movimento de diálogo com os sujeitos de pesquisa, percebi que, para além da atividade profissional, estavam dispostos outros elementos que influenciam o trabalho e a vida pessoal e profissional das tutoras.

Neste sentido, apresento, neste capítulo, as discussões tecidas a respeito dos sentidos do trabalho na tutoria a distância realizadas a partir do processo de análise dos discursos das tutoras. Conforme relatado no segundo capítulo, resultante do processo de imersão nos dados da pesquisa, emergiram três categorias de análise que possibilitaram o entrecruzar das bases teóricas da pesquisa com as experiências vivenciadas pelas tutoras no trabalho na tutoria a distância.

Deste processo, para compor este capítulo de análise, construí três artigos, cada qual problematizando uma das categorias emergentes. A opção por escrever o capítulo de análise no formato de artigos deu-se em função das possibilidades de publicação dos mesmos em periódicos que reflitam sobre as temáticas em questão. Assim, cada artigo apresenta, inicialmente, o contexto geral desta pesquisa, que se repete em todas as escritas, no sentido de possibilitar que os leitores contextualizem a origem das discussões e, em seguida, são tecidas reflexões acerca das temáticas abordadas em cada um.

No primeiro artigo, intitulado "Tutoria a distância: sobre o trabalho e a docência", problematizo a desvalorização profissional do trabalho no que se refere ao não reconhecimento do mesmo como um trabalho docente na organização estabelecida pelo Programa Universidade Aberta do Brasil, refletindo, diretamente, no impedimento da construção da identidade profissional dos sujeitos, que se consideram professoras e entendem a tutoria como uma atividade docente. Abarca, também, reflexões sobre a situação contratual das tutoras e a caracterização da atividade como um trabalho precarizado que atende a lógica do Modo de Produção Capitalista, visto que está estruturado a partir da contratação temporária e terceirizada, caracterizando, dessa forma, a exploração e alienação da mão de obra trabalhadora.

O segundo artigo, nomeado "Os sentidos do tempo na tutoria a distância: limites do tempo dentro e fora do trabalho", aborda a organização do tempo das tutoras, problematizando a interferência do trabalho na vida pessoal dos sujeitos da pesquisa, caracterizando o tempo como um elemento de persuasão do Modo de Produção Capitalista para envolver o trabalhador em uma vida voltada para o trabalho. Neste sentido, a intensificação da jornada de trabalho vivenciada pelas tutoras, a partir da inserção das demandas provindas pelas atividades da tutoria, refletem o aumento da carga de trabalho, considerando que a tutoria não é a atividade primeira dos sujeitos, e a ocupação de um tempo extra dedicado ao trabalho organizado em cima do tempo livre.

Intitulei o terceiro artigo como "Tutoria a distância e o relacionamento com os estudantes: desafios do trabalho e da aprendizagem na EaD", onde realizo reflexões sobre as influências do relacionamento constituído com os educandos da EaD no trabalho desenvolvido pelas tutoras, problematizando as especificidades da Educação a Distância e os desafios que elas impuseram aos sujeitos da pesquisa no processo de construção da aprendizagem junto aos alunos.

As problematizações realizadas nos três artigos possibilitaram a construção de compreensões sobre os sentidos que as tutoras a distância atribuem ao trabalho realizado por elas no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, resultando na elaboração de argumentos que sustentam a caracterização da tutoria a distância como uma atividade precarizada no contexto do Modo de Produção Capitalista.

## TUTORIA A DISTÂNCIA: SOBRE O TRABALHO E A DOCÊNCIA

Fabio Alexandre Dziekaniak

Vanise dos Santos Gomes

### RESUMO

Este artigo aborda as reflexões realizadas a partir dos relatos de cinco tutoras a distância que atuaram no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, vinculado ao Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB/CAPES, a respeito dos sentidos do trabalho na tutoria a distância. Ao longo da escrita problematiza-se a ação docente desenvolvida pelos tutores e os diferentes papéis que assumem na organização da Educação a Distância, questionando principalmente as influências do Modo de Produção Capitalista na estrutura da EaD e conseqüentemente no trabalho dos tutores, que se estabelece no âmbito educacional como um trabalho terceirizado, desenvolvido por meio de prestação de serviços temporários e que caracterizam a lógica capitalista da precarização e exploração da mão de obra trabalhadora.

Palavras chave: Educação Ambiental; Educação a Distância; Tutoria; Trabalho Precarizado.

As discussões aqui presentes foram construídas a partir de pesquisa realizada no âmbito do mestrado, caracterizando-se como uma investigação qualitativa e foi realizada por meio de diálogo dirigido junto a cinco tutoras a distância, atuantes na primeira edição do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade (realizado entre agosto de 2010 e junho de 2012), que versaram a respeito de suas experiências com a educação a distância, organização do tempo para atuação na tutoria e os sentidos do trabalho na tutoria a distância. Os cinco sujeitos de pesquisa são graduados e pós-graduados e eram, na época da atuação na tutoria, professoras da Rede Municipal de Educação Básica do Município de Rio Grande, estando vinculadas ao sistema Universidade Aberta do Brasil por meio de contrato temporário.

A citada pesquisa teve por objetivo compreender os sentidos que são atribuídos pelos tutores a distância que atuaram no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade ao trabalho desenvolvido por eles na tutoria, levando em consideração as ações competentes a eles na função de tutor, a estrutura organizacional dos cursos de graduação e pós-graduação públicos oferecidos a distância e realizados com recursos do Programa Universidade Aberta do Brasil - UAB, além de suas percepções acerca do processo educativo realizado na modalidade a distância.



Para respaldar as análises e estudos realizados durante a pesquisa, foram utilizados teóricos que versam sobre: Educação a Distância - EaD, pensando desde as questões organizacionais e de legislação até questões pedagógicas sobre o funcionamento da modalidade; a exemplo, cito Ligia Leite e Aparecida Dias (2010), João Mattar (2012), José Manuel Moran e José Armando Valente (2011); trabalho na teoria marxista construindo compreensões sobre os tipos de trabalho na sociedade capitalista, alienação do trabalhador e precarização do trabalho, analisando principalmente o trabalho docente e o desenvolvido pelos tutores a distância, sendo citados como principais autores Ricardo Antunes (2009) na teoria marxista e Miguel Arroyo (2010) sobre as questões da docência; e Educação Ambiental que conduz as discussões perpassando por todo o trabalho na construção de compreensões acerca das problemáticas da sociedade do capital, encontrando em Carlos Frederico Loureiro (2004), Mauro Guimarães (2004) e José Geraldo Pedrosa (2007) as principais contribuições.

Além do embasamento teórico que alimenta as discussões tecidas, foram utilizados estudos sobre Análise Textual Discursiva - ATD, cunhada por Moraes e Galiuzzi (2007), para compor o *corpus* de análise dos dados produzidos<sup>8</sup>. A metodologia utilizada possibilitou profícuas interpretações a respeito das informações coletadas nos diálogos, tornando possível eleger, após conclusão dos processos que compõem a ATD, três categorias de análise para a construção das compreensões sobre os sentidos do trabalho na tutoria a distância.

Neste artigo, serão abordadas discussões sobre "Tutoria a distância: questões que influenciam as condições de trabalho", construído a partir dos relatos a respeito da estrutura organizacional da EaD, funções do tutor e identidade docente na tutoria. Cabe ressaltar que os dados utilizados para a construção desta escrita fazem referência às experiências individuais dos sujeitos de pesquisa que contextualizam as ações desenvolvidas na tutoria a distância no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, mas também em outros cursos em que tiveram a oportunidade de atuar.

---

<sup>8</sup> Para maiores informações sobre a coleta e análise de dados, ver Capítulo 2 da Dissertação

## **Tutoria e docência: questões que caracterizam o trabalho do tutor a distância**

Início as discussões que me proponho realizar, utilizando uma fala muito marcante nos relatos de todas as tutoras entrevistadas, sendo exemplificada, neste momento, pelas palavras de Leila<sup>9</sup>, tutora desde 2009, e que traduz com firmeza o sentido que dá ao trabalho desenvolvido na tutoria: "[...] *na verdade eu pensava em tutoria como professora sempre... porque o tutor, ele é um professor*". Esse fragmento faz menção a inúmeras situações que podem ser problematizadas no sentido de construção da identidade do profissional que atua na tutoria a distância. Por que essa afirmação? Tutor não é um professor?

As experiências vivenciadas e as ações desenvolvidas dizem que sim, mas a legislação que rege a educação a distância não considera o tutor dessa maneira, ficando a cargo de cada instituição a interpretação a respeito do real papel do tutor no processo de aprendizagem dos alunos. Desta maneira, julgo ser importante explicar o que diz a legislação a respeito do profissional tutor a distância, para posteriormente tentar relacionar as experiências das tutoras ao contexto organizacional da EaD.

Conforme os Referenciais de Qualidade para o Ensino Superior a Distância, do MEC (2007), documento que delibera a respeito da organização de cursos superiores a distância no país, o tutor a distância, ou simplesmente tutor, como mencionado no documento, tem, como principal função, o esclarecimento de dúvidas por meio dos recursos de comunicação disponíveis (fóruns via Internet, telefone ou videoconferência). Há, nesse contexto, o claro rebaixamento da função docente desempenhada pelos tutores. Mattar (2012) aponta que as múltiplas interpretações a respeito da função da tutoria entram em conflito na ação efetiva do trabalho desenvolvido por eles, tanto no que se refere à atividade docente, quanto nas questões financeiras, sendo interpretada em muitos momentos de maneira pejorativa e ainda como rebaixamento da função docente. E ainda complementa: "A escolha do termo é infeliz".

Alice comenta a respeito do termo: "[...] *a própria escrita da palavra é importante e a escrita diz que tu é tutor*. Leila também diz: "[...] *e outra é o nome tutor*,

---

<sup>9</sup> Os nomes utilizados para designar as tutoras que participaram da pesquisa são fictícios. As citações dos sujeitos de pesquisa são apresentadas em itálico ao longo do texto.

*porque aí tutor parece monitor mesmo; por isso que eu falei que é importante ter a palavra professor". Assim, lanço mais um questionamento: Qual o real significado do trabalho do tutor?*

Não é por acaso que a afirmação primeira de Leila esteja tão cheia de firmeza com relação à identidade do tutor como professor. Aquele que vivencia, na prática, a experiência da tutoria, não consegue se desligar da docência como fio condutor de seu trabalho, pois não existe maneira de contribuir com a aprendizagem de outros sujeitos senão assumindo-se como parte responsável do processo de formação. Daiane corrobora com essa perspectiva, dizendo que:

*"[...] a gente tem que ter responsabilidade. Eu penso que é responsabilidade das pessoas, tanto a minha responsabilidade enquanto tutora, de dar esse retorno pras pessoas, né, das tarefas, das atividades que tão sendo feitas, dos textos que tão sendo lidos; e a gente tá fazendo lá o fórum que a gente tá fazendo uma discussão, tá fazendo um trabalho com perguntas e tal sobre aquela teoria ali. Eu tenho que ter responsabilidade também de devolver aquelas respostas pra eles, né, e como é que tá aquele sentido ali?"*

Em contraposição às certezas de Leila e aos entendimentos de Daiane sobre suas responsabilidades, está o engessamento observado por Alice com relação ao termo tutor: *"[...] na tutoria nós sabemos que nós somos tutores e que estamos fazendo a intermediação entre o aluno e o professor".* Mattar (2012) elaborou, a partir da perspectiva de Bonk e Dennen, um conjunto de funções desempenhadas por tutores que perpassam as questões administrativas e organizacionais como: auxiliar os estudantes com o tempo e acesso ao material; a função social, que remete ao estímulo à comunicação entre os estudantes, no sentido de contribuir com a construção do coletivo de alunos; o papel pedagógico e intelectual, em que são elencados aspectos relacionados às avaliações, ao incentivo à pesquisa, à elaboração de atividades, ao esclarecimento de dúvidas; e ainda um papel tecnológico, onde se enquadram o desenvolvimento de habilidades com as mídias digitais disponíveis.

Daiane diz: *"[...] muitas e muitas vezes a gente passou por várias discussões sobre isso, né. Qual é o papel real do tutor, né? E até a gente teve bastante... várias formações com relação a isso e foi muito legal, e acho que tem que ter mesmo".* Esse conjunto de atribuições apresentados por Mattar faz do tutor um profissional que desenvolve muito além da intermediação entre professor e aluno. Na fala de Daiane, fica evidente que o papel do tutor assume diferentes funções, cabendo às instituições

encontrar um tom que possibilite certa homogeneidade nas atividades desenvolvidas por esses profissionais em todos os cursos oferecidos.

Assim, discutir o papel que o tutor irá desempenhar é essencial para que não ocorram situações semelhantes à que relata Daiane: "*[...] muitas vezes nós preparávamos, sim, as atividades; nós preparávamos, sim, aulas, né; mas tu vê assim, não é aquilo que tu tem que fazer, né, não é! A gente vai... vai se confundindo os papéis*".

Por outro lado, o fato de que cada profissional possui diversificadas atribuições pode significar que a função docente vivencia a fragmentação da própria atividade na medida em que são retalhadas as funções pedagógicas do professor em uma série de tarefas que vão desde o planejamento, elaboração do conteúdo, construção do material, mediação, avaliação e administração, desenvolvidas por diferentes pessoas (MATTAR, 2012). Essas características espalhadas nas mãos de diferentes profissionais podem ser consideradas como consequências do Modo de Produção Capitalista no fazer docente, em que a produção em série aligeira a elaboração do produto fim, e no caso da EaD, especificamente, possibilita a ampliação do número de estudantes atendidos, com redução dos custos com pessoal qualificado para o atendimento dessa produção em massa.

*"[...] como tutora, eu faço parte de muita coisa ali, além de mediar tudo que ele tá aprendendo, tudo que ele tá construindo... Eu faço parte daquela disciplina, porque eu me aproprio dela. Eu adoro ver o olhinho aberto antes dos alunos pra poder saber o que que tá acontecendo; pra poder ir ali e cobrar e esse contato que a gente tem direto com eles. Assim, essa linha de frente que é o grande, é a grande diferença. Isso faz com que eu não seja atriz coadjuvante desse palco que é a EaD, né!" (Flávia)*

O relato de Flávia demonstra o quão integrado é o trabalho desenvolvido pelos tutores a distância. O acompanhamento da plataforma de aprendizagem antes do início da disciplina, durante sua realização a partir das interações com os estudantes e ao final das disciplinas com avaliação e atribuição de notas, realmente não permite que o tutor seja um coadjuvante no processo de aprendizagem. Nesse contexto, vemos que há algo incoerente nessa divisão em papéis diferentes para a realização da ação docente, que é única. Essa é uma estrutura justa? Possibilita qualidade no processo educativo?

Estes questionamentos nos apontam para outras problemáticas, também evidenciadas pelos sujeitos de pesquisa, que se referem à organização e estrutura da

EaD a partir das especificações da UAB e do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade.

Duas posturas diferentes são apresentadas pelas tutoras com relação à estrutura da EaD. Flávia relata sobre a organização da UAB:

*"[...] conhecendo assim a UAB, tudo que envolve, porque se a gente parar pra pensar tudo que envolve uma disciplina ir pro ar... desde o pessoal que organiza, o pessoal da correção... quanta coisa envolve uma disciplina estar ali, né, um site estar aberto pra ti aprender com ele, então os sentidos são inúmeros, mas acho que os mais pontuais são esses, a questão da organização."*

Nas palavras de Flávia, podemos perceber a necessária participação de diferentes profissionais para a realização de um curso na modalidade a distância. A visão superficial parece integradora e bastante organizada, porém Mattar (2012) anuncia, de forma bastante contundente, que a estrutura da EaD reforça o rebaixamento do trabalho docente, tanto com relação à remuneração, quanto nas formas de contratação, que são realizadas em regime temporário e com pagamento de bolsas. Essa situação estende-se também aos profissionais que atuam nos bastidores da educação a distância, como é o caso de revisores, equipes administrativas, conforme citado por Flávia, além de equipes técnicas e pedagógicas que apoiam professores e tutores para a realização dos cursos.

Assim como nas fábricas, em que as formas de produzir alteram-se de acordo com a necessidade da própria produção, na EaD também vem acontecendo situação semelhante. Modelos de EaD baseados na concepção fordista em que há a divisão do trabalho em série - o professor conteudista cria o material, o revisor revisa, o diagramador estrutura na plataforma, o tutor acompanha o estudante - estão sendo substituídos por modelos pós e neofordistas com organizações em que existe participação, coletividade e democracia na elaboração e gestão dos cursos, seguindo os rastros do construtivismo (MATTAR, 2012).

A tutora Leila vivenciou experiência semelhante ao exposto acima com relação ao modelo de EaD que se aproxima ao construtivismo em uma de suas atuações profissionais como tutora:

*"[...] a Educação Ambiental é muito diferente. Na Educação Ambiental eles se reúnem todos pra planejar. Não tem essa hierarquia que a UAB impõe, né, que é o professor, o tutor, nem o distanciamento. E eles tinham até na relação a bolsa. Eles dividem a bolsa. Todos, aquele que é professor e o tutor, eles dividem."*

Essa experiência de Leila nos diz que é possível pensar em alternativas para a realização de diferentes modelos de Educação a Distância. Em uma mesma instituição, encontramos cursos em que a hierarquia assume múltiplas características, pois depende da organização estabelecida por cada equipe diretiva. Não é foco deste artigo analisar as propostas de organização dos cursos, mas, sim, pensar que a organização interfere diretamente na função e atuação do tutor a distância, conforme relatado por Leila com relação ao curso de Especialização em Educação Ambiental oferecido a distância pela mesma instituição de ensino superior que o curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, o que justifica o não aprofundamento destas discussões neste momento.

Arroyo (2010) problematiza a afirmação da categoria docente como categoria fragmentada, dizendo "temos muitos magistérios" e "o ofício de mestre é o mesmo". Dentre as colocações do autor, destaco as reflexões acerca do magistério de nível superior, pois ele explica que a porta de entrada para as universidades são os concursos públicos, diminuindo dessa forma as tensões acerca do exercício da docência, porque todos são professores. Entretanto, vemos a inserção da EaD nas Instituições de Ensino Superior públicas e a participação de profissionais com formação, aptos a exercer a docência e atuando ativamente nos processos de construção de aprendizagem, sendo submetidos a diferentes formas de organização, conforme o curso em que estão atuando. Recorro mais uma vez a Arroyo (2010) e questiono: O ofício de mestre é o mesmo?

Alice apresenta uma visão bastante crítica com relação a EaD:

*"[...] eu participava com outras pessoas que comungavam da mesma ideia que eu de uma crítica forte de contestação à Educação a Distância dentro das Universidades Públicas Federais, já que na época contestávamos a baixa qualidade e a mercantilização da universidade no Brasil... a certificação e não a qualificação, então essa discussão estava bem forte e isto talvez nos anos 2003, 2004."*

Ao encontro do que Mattar (2012) nos convida a pensar, Alice pensa uma educação mercantilizada, que na EaD baseia-se no que o autor nomeia como cursos *on demand* e *just-in-time*, ou seja, oferta de cursos por demanda, no momento exato. Nessa perspectiva, vemos que a EaD e a UAB estão a serviço do mercado, oferecendo formação por demanda, conforme a necessidade de produção de mão de obra para executar determinada atividade.

Outra questão importante é que nessa organização não é conveniente manter profissionais com vínculo empregatício para a atuação na Educação a Distância. Por

isso, os contratos temporários assumem papel essencial para permanência de profissionais na modalidade a distância. Nesse sentido Alice diz: "*[...] faço críticas ainda à educação a distância, faço crítica até a questão das tutorias, na questão estrutural, ainda acho que deveria ter alguma valorização maior*". Esse regime de contratação alimenta o que Antunes (2009) chama de precarização do trabalho, termo oriundo das relações de trabalho no Modo de Produção Capitalista, relacionado ao terceiro setor em que a mão de obra é terceirizada e abriga uma parcela de "trabalhadores desempregados pelo capital".

Neste sentido, no contexto educacional, a prestação de serviços temporários materializa-se nas ações desenvolvidas pelos tutores, seguindo a lógica da substitutibilidade e do uso e descarte da mão de obra trabalhadora. Antunes (2009) afirma que o terceiro setor não tem a capacidade de substituir a classe trabalhadora no Modo de Produção Capitalista. Entretanto, compreendo que espaços como a Educação a Distância abrigam trabalhadores informais, tornando as relações de trabalho injustas, na medida em que há a desvalorização financeira e distorção no que se refere à função docente.

### **Dialogando sobre a (des)valorização do trabalho na Tutoria a distância**

Conforme Mattar (2012), o contexto de exploração na Educação a Distância é tão acentuado que um tutor ganha apenas 10% da remuneração de um professor concursado do ensino superior presencial na mesma instituição pública em que são oferecidos os cursos na modalidade a distância. Além disso, o tutor não possui nenhum tipo de benefício como férias, décimo terceiro salário ou vínculo empregatício, passando ainda pela instabilidade no pagamento durante o período de atuação, pois a remuneração pelo trabalho desenvolvido é realizado através de bolsas<sup>10</sup> que ocasionalmente atrasam.

Essa problemática foi vivenciada pelas tutoras, conforme relata Alice:

---

<sup>10</sup> O financiamento do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade foi realizado através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil - UAB e as bolsas pagas através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, até o ano de 2011, e posteriormente pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

*"[...] nós éramos os tutores. Até pela questão da bolsa oferecida pelo MEC já te coloca na tua função de tutor, não na tua condição de professor. [...] Teve momentos que teve colegas que tavam com problemas sérios de financeiro, porque foram se endividando; e nós praticamente ficamos quase três meses sem receber bolsa e sem notícia das bolsas, que era o mais grave."*

Outra questão que legitima a desvalorização no trabalho dos tutores é o reajuste nas bolsas de tutoria. O último reajuste concedido foi deliberado pela Resolução CD/FNDE nº 8, de 30 de abril de 2010 e desde então os valores<sup>11</sup> pagos continuam os mesmos, sem perspectiva de alteração. São quase quatro anos em que muitos cursos iniciaram e já foram concluídos, muitos profissionais atuaram como tutores e o reconhecimento financeiro, parte essencial no mundo do trabalho em que o profissional vende sua mão de obra para subsidiar seu sustento, continua em constante defasagem. Essa problemática atinge, além da tutoria, outros profissionais que atuam na EaD e fora dela, pois, de modo geral, a remuneração destinada à área da educação é desvalorizada.

As falas citadas anteriormente traduzem o sentimento de desprestígio da função do tutor, embora sempre carregadas de um sentimento positivo, de confiança no trabalho realizado, de orgulho por fazer parte da formação de muitas pessoas e também pela esperança de que o trabalho possa ser mais valorizado *"[...] porque é um trabalho que se faz; não é um bico a educação a distância; nem pode ser um bico, até porque nós professores fazemos bico às vezes, mas nesse caso não pode ser um bico"* (Alice).

O termo *"bico"* que Alice utiliza para se referir ao trabalho remete às teorizações que Antunes (2013) discute, dizendo respeito ao valor do trabalho no sistema de produção capitalista, sendo que o valor de uma atividade está ligado à quantidade de trabalho anteriormente empregado para a realização daquela atividade final. Assim, o valor do trabalho é um valor relativo, pois abriga em si a quantidade de trabalho incorporada em todo o processo de desenvolvimento do produto final. A exemplo, o autor cita a produção do tecido de algodão, sendo necessária a produção do fio que, para ser produzido, necessita da matéria prima, que é o algodão, o fuso para tecer o fio e ainda o tempo de produção do fio. Logo, na produção do tecido estão contidos tanto o tempo de produção do fio com as ferramentas necessárias para tal como também o tempo de produção do tecido de algodão (ANTUNES, 2013).

---

<sup>11</sup> O valor das bolsas para tutoria a distância eram de R\$ 600,00 estando fixadas em R\$ 765,00 desde o reajuste realizado no ano de 2010, pagos mensalmente. O número de bolsas varia de acordo com a quantidade de horas em cada disciplina, sendo que a cada 15 horas é paga uma bolsa, não podendo exceder mais do que três bolsas por disciplina.



Entretanto, no exemplo citado acima, a valorização do trabalho está relacionada com o processo produtivo, gerando não somente valores de uso ao produto, mas também valores de troca, visando a comercialização e a geração de lucros com o produto fim. Na EaD não estamos lidando diretamente com a produção propriamente dita e por isso Antunes (2013) diz, seguindo a teoria marxista, que o trabalho no setor de serviços, como é o caso da educação, assume uma característica nomeada como trabalho improdutivo, ou seja, aquele que não gera valor de troca diretamente, mas contém em si o valor de uso aplicado para a produção da mais valia. O que a valorização do trabalho do tutor contém em si é um valor social na medida em que estão depositados sob suas responsabilidades a formação de outros profissionais que possam atuar no mercado a serviço do capital.

Loureiro (2004) corrobora com a análise acima, problematizando a profundidade da crise socioambiental na qual estamos inseridos. Compreender a situação de exploração a que estão sujeitos os tutores a distância só é possível se considerarmos as questões estruturais de uma sociedade elitizada baseada no consumo e na exploração da mão de obra em prol do acúmulo de capital. Assim, ainda conforme o autor, o desafio primeiro dos educadores ambientais é desvelar a realidade em sua complexidade pensando em alternativas viáveis, teóricas e práticas na tentativa de firmar um posicionamento ético que vise o bem comum.

Mesmo diante de tantas adversidades com relação ao reconhecimento, remuneração e legitimação da ação docente dos tutores, os sujeitos desta pesquisa apresentam uma visão bastante otimista sobre a Educação a Distância, dizendo que as experiências que tiveram no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos são diferentes de outras experiências, no sentido de qualidade do curso, seriedade do trabalho desenvolvido e liberdade de participação nas disciplinas, decisões e atividades relacionadas ao planejamento e desenvolvimento das ações pedagógicas, sentimento esse que se estende à universidade à qual estavam vinculados no momento de sua atuação.

*"[...] eu acho que tem toda uma seriedade assim no curso a distância, principalmente na FURG, tanto que é reconhecido nos polos, né; todos os polos dizem isso da seriedade desse curso a distância" (Leila).*

*"[...] e percebi a profundidade do trabalho, a qualidade, o comprometimento, a exigência em relação aos alunos; eu percebi altíssima exigência em relação aos alunos" (Alice).*

Comprometidas e engajadas com a formação dos estudantes que realizaram o curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, as tutoras ressaltam a qualidade do curso, reflexo do trabalho que foi desenvolvido por elas juntamente ao grupo de professores que ministravam as disciplinas. Leila diz: "[...] porque eu acho que a EJA, e principalmente a EJA na Diversidade, tem muito de educação popular e eu acredito e trabalho dentro da universidade, acreditando na educação popular".

*"[...] e aí foi bom, porque era um momento que eu tava trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos aqui na escola, aqui no CAIC, né. Então eu pude também trazer um pouco da minha prática, que eu tava trabalhando com alfabetização. Pude trabalhar um pouco da minha prática lá na tutoria e mostrar pra aquelas, pras pessoas que estavam participando, que eram especificamente professores, né; qual era a importância da EJA, como trabalhar a EJA, né" (Daiane).*

*"De coletividade, de aprendizagem, de mudança na comunidade onde eles trabalham, porque tinham várias coisas... tinha inclusão, reprovação, são todos, são tópicos que na EJA surgem, né. Então tudo aquilo que eu vivenciava na minha sala de aula eu via que eles... que a angústia deles também era essa... e isso traz e a gente pode discutir, né, dentro do coletivo e aí a gente vai se afinando com algumas coisas..." (Ivana).*

Experiências significadas dentro do contexto de formação de professores que atuam ou atuarão na Educação de Jovens e Adultos, respaldadas pela realidade de quem vivencia a EJA, de quem estuda e se aprofunda nos conhecimentos relacionados a essa modalidade de Educação. Por isso a sensação de satisfação em poder contribuir com a prática de tantos professores que atuam na Educação Básica com a EJA e que em muitos momentos sentem-se solitários no enfrentamento de determinadas problemáticas.

Neste sentido, interpreto que, para além das dificuldades com a Educação a Distância, está o fato de que essas cinco tutoras que atuaram na Especialização se identificavam, acima de tudo, com a EJA e por isso o amor e a esperança fazia com que as adversidades com a EaD se tornassem simples com o tamanho e a importância das discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos. A fala de Flávia exemplifica a afirmação acima:

*"[...] que bom que de arrancada eu peguei um curso tão bom pra trabalhar. Minha primeira experiência em EaD foi um curso bom, um curso rico, um curso organizado, um curso bem estruturado, com disciplinas boas, voltados mesmo pra Educação de Jovens e Adultos, se estudou, se aprofundou de fato essa modalidade. Então eu já acho*

*que foi um prêmio pra mim ter trabalhado num curso assim de primeira linha de arrancada."* (Flávia).

Em muitos momentos percebi que as tutoras falavam com tanto carinho das ações que desenvolviam na tutoria, que cheguei a me perguntar se realmente o trabalho na tutoria a distância estava inserido em um contexto de exploração tão agressivo. Reflexão que aponta outra questão bastante importante nessa função: a ingenuidade com relação a sua real situação de exploração.

É na atividade prática exercida pelos trabalhadores de maneira ingênua e naturalizada que estão concentradas as formas de dominação do Modo de Produção Capitalista. Assim, por meio da alienação do trabalhador é que o sistema se alimenta e luta para sobreviver (ANTUNES, 2009). Amar a profissão, gostar do que faz, identificar-se com o trabalho é essencial para que depositemos a mais intensa carga de qualidade ao que fazemos, entretanto sujeitar-se às regras do capitalismo sem questionar a desvalorização do nosso trabalho e as condições impostas pelo sistema impede que alcancemos a plenitude de nossa capacidade reflexiva.

Antunes (2009) confirma:

[...] naquela parcela aparentemente mais "estável" e inserida da força de trabalho que exerce o *trabalho intelectual abstrato* o quadro é ainda mais intenso nos estratos precarizados da força humana de trabalho, que vivenciam as condições mais desprovidas de direitos e em situação de instabilidade cotidiana, dada pelo trabalho *part time*, temporário, etc. (p.132)

Não basta refletir sobre nossas ações isoladamente, mas sim a partir do contexto socioambiental do qual fazemos parte para que as condições de opressão possam ser estranhadas e superadas (LOUREIRO, 2004).

Ao encontro do que nos diz Loureiro (2004),

O resultado esperado nesse processo é adquirir a capacidade de articularmos o específico com o global, o conjuntural com o estrutural, reformular valores e comportamentos, repensar o sentido da vida e de nossas relações na natureza e atuar politicamente na sociedade. (p.46)

É neste sentido que são tecidas as reflexões deste artigo, pois de nada adianta compreender que mesmo em uma situação tão desfavorável o trabalho dos tutores aconteça com qualidade e comprometimento, sem questionar a alienação e precarização a que estão submetidos.

A afirmação de que a tutoria a distância é um trabalho está posta. A afirmação de que o trabalho realizado por eles é docente está posta. O entendimento de que a

estrutura organizacional da Educação a Distância vinculada ao Sistema Universidade Aberta do Brasil baseia-se na terceirização do trabalho docente na formação de nível superior, na desvalorização dos profissionais que atuam na modalidade e na manutenção contínua da exploração dos tutores também está posto.

Cabe agora pensar alternativas para que possamos alimentar o mérito da Educação a Distância em possibilitar a formação inicial e continuada de profissionais em regiões em que não existem instituições de ensino superior públicas sem subjulgar o exercício legítimo da ação docente desenvolvida pelos tutores, menosprezando financeira e pedagogicamente a atuação séria e responsável realizada por eles.

Os próprios tutores refletem a respeito da institucionalização da função que desempenham, pensando na qualidade do trabalho desenvolvido e também na maior valorização profissional. Flávia diz:

*"Era uma boa, assim de ter tutores de carreira assim, porque é um trabalho muito bom, muito bom mesmo, assim, de organizarem o quadro, que a gente pudesse se dedicar mais pra isso, porque na verdade, por mais que seja... hãã é um trabalho, estou realizando um trabalho, mas não é... eu não vivo disso, né, ele é apenas um complemento."*

A necessidade de institucionalização da profissão do tutor vem sendo amplamente discutida, principalmente no âmbito da Associação Nacional dos Tutores de Educação a Distância - ANATED, entidade que representa a categoria e se propõe a pesquisar e estudar as atividades desempenhadas por tutores presenciais e a distância, incentivando e apoiando a elaboração de políticas públicas e diretrizes que tornem o trabalho do tutor mais valorizado e qualificado<sup>12</sup>.

Neste sentido, o movimento pela institucionalização da profissão do tutor ganha força e relevância no âmbito nacional, pois a problemática é reconhecida em diferentes espaços educativos realizados na modalidade a distância e não somente no sistema UAB. Segundo Mattar (2012), existe nas redes sociais um movimento denominado "Tutor é professor" que está crescendo e ganhando seguidores, com o intuito de pressionar as autoridades competentes para que regulamentem a profissão.

*"[...] se tivesse alguma coisa voltada assim que fosse... que eu pudesse me dedicar mais, que eu pudesse estudar mais, dentro até mesmo da própria universidade, acho que teríamos mais qualidade ainda nas tutorias, embora o pessoal que eu trabalhei é de primeira, né, em todos os sentidos." (Flávia).*

---

<sup>12</sup> <http://www.tutor.anated.org.br> - Acesso em 27 de dezembro de 2013.

*"[...] a gente quer ter um aprofundamento do nosso trabalho, a gente quer estudar, a gente quer fazer isso, mas tu precisa te identificar, né, assim como qualquer outra área de trabalho, né. Se tu vai ser um médico, tu vai ter que te especializar em alguma coisa, em alguma área, né, ou cardiologia ou ginecologia, enfim..." (Daiane).*

As reivindicações de Flávia e Daiane exemplificam a necessidade de reestruturação da Educação a Distância no nosso país. A realização de cursos *on demand* sem a certeza de continuidade de ofertas de cursos de graduação e pós-graduação limitam as possibilidades de organização e constituição de políticas públicas que regulamentem a ação docente dos tutores a distância.

Desta maneira, a institucionalização de tutores se inviabiliza em função das incertezas de continuidade na realização de cursos EaD. Entretanto não podemos simplesmente aceitar essa postura sem questionar e refletir sobre possíveis soluções. Com relação à estrutura da EaD, Daiane diz: *"Olha, eu acho que impossível não é, mas eu acho que vai ter que ter uma reestrutura muito grande, né, porque como tá posto..."*. Reestruturar a organização e a oferta de cursos na modalidade EaD é uma demanda necessária e urgente.

Por conseguinte, os relatos de Daiane e Flávia tornam-se mais dotados de sentido na medida em que valorizam o trabalho desenvolvido por elas mesmas, pensando na qualidade que empenham na formação dos estudantes e também nas possibilidades de melhoria nas ações que realizam na tutoria.

Outro aspecto relevante relatado por Flávia relaciona-se à dedicação necessária para atuação na tutoria a distância. O trabalho exige do tutor atenção e responsabilidade para o acompanhamento das discussões nos fóruns, leitura das atividades e tarefas e ainda avaliação do processo de aprendizagem, tornando a junção desse material volumosa e bastante complexa.

A esse respeito, Daiane relata:

*"Então foi bem puxado assim, foi bem puxado mesmo, porque a gente tinha muita coisa mesmo da EaD pra fazer, né; tinha muito trabalho pra corrigir, né; a gente tinha que corrigir os trabalho, tinha os retornos dos fóruns, né, lá dos fóruns de discussão; tinha as mensagens né. Muitas vezes elas acabavam até ligando pra gente pro celular, pro número particular, pra tirar dúvidas e tal, né, muitas das vezes; ou então deixavam recado na secretaria da EaD e a gente tinha que retornar".*

A quantidade de atividades desenvolvida pelos tutores a distância também é uma marca da exploração imposta pelo sistema capitalista. Conforme os Referenciais de

Qualidade para Educação Superior a Distância, do MEC (2007), um tutor atende em média trinta alunos, geralmente pertencentes ao mesmo polo, o que facilita o deslocamento de tutores para a participação em Encontros Presenciais, além de possibilitar que esse profissional possa atender os estudantes por meio da plataforma interagindo com um grupo que se constitui a partir das experiências coletivas que vivenciam.

Ao refletir sobre a quantidade de alunos atendidos podemos constatar que as formas de dominação capitalistas persuadem sobre a ação docente do tutor, limitando sua forma de participação no planejamento, organização de conteúdos e elaboração de materiais didáticos e avaliações, mas em contrapartida depositando altas cargas de responsabilidades no que se refere ao acompanhamento das atividades dos estudantes (MATTAR, 2012).

É na ação docente dos tutores que estão concentradas as formas de exploração características do Modo de Produção Capitalista, pois na medida em que há uma quantidade de trabalho que ultrapassa a quantidade de tempo disponível para executá-la existe a produção do sobretrabalho, conceito da teoria marxista que se refere ao quanto de trabalho é necessário para pagar a mão de obra do trabalhador e o quanto de trabalho excedente é necessário para a geração de lucro, ou mais valia. Embora no contexto da EaD o lucro não seja o aspecto visado pela UAB, mas sim a quantidade de estudantes atendidos com apenas um profissional.

*"[...] então, muitas vezes assim, a gente fica sobrecarregado porque tu tem que corrigir prova, tu tem que corrigir trabalho, né; depois orientação de TCC; e aí busca teoria, porque cada uma quer fazer uma pesquisa diferente e aí a gente tem que buscar pra dar o suporte pras alunas" (Daiane).*

Essa organização nos remete ao que Antunes (2009) pensa a respeito da mão de obra trabalhadora, cujas principais funções são dar conta do processo produtivo de acordo com os interesses primordiais da empresa. No caso da EaD, o trabalho desenvolvido pelos tutores carrega expressões significativas da classe trabalhadora que vive pressionada para cumprir com as obrigações que lhe cabem, carregando as marcas de uma instituição na responsabilidade com a formação profissional dos estudantes. Daiane corrobora com o exposto acima, dizendo:

*"[...] então tu carrega uma marca; tu carrega uma responsabilidade, né; tu carrega a universidade. Então se eu tô carregando isso, tô carregando, né, essas marcas. Eu acho que eu tenho que ser o melhor*

*que eu puder, né, porque eu não posso dar o meu nome; eu não posso dar o nome de uma universidade, né; eu não posso dar o nome de um curso, sem ter a responsabilidade daquilo. Então, claro a gente sempre fica com aquele receio: "não, eu tenho que dar o retorno, eu tenho que mostrar o meu trabalho, eu tenho que tá pontual nisso".*

Para problematizar as responsabilidades assumidas pelos tutores, apresento contribuições de Antunes (2009) que diz que, se os trabalhadores não demonstrarem as aptidões, caracterizadas pelo autor como *vontade, disposição e desejo*, necessárias ao processo produtivo no sistema capitalista, são facilmente substituídos por trabalhadores que apresentem o perfil e os atributos para enfrentar os desafios da produção. Ou seja, a lógica do uso e descarte de trabalhadores presente no Modo de Produção Capitalista também rege a organização da Educação a Distância, pois se os tutores porventura em determinada situação deixarem de atender algum dos critérios para atuação na tutoria, um novo edital de seleção é aberto e os tutores são substituídos por outros que atendam os critérios.

Desta maneira, a expressão "*carrega*" utilizada por Daiane para caracterizar suas responsabilidades demonstra o quão pesado se torna o trabalho na tutoria a distância, no sentido de que as obrigações depositadas nos tutores estão presentes a todo instante: uma instituição que tem seu nome a zelar, mas que em contrapartida não assume nenhum tipo de responsabilidade com o profissional que zela por ela; professores que na ânsia de querer fazer o melhor em sua disciplina transferem para o tutor o desenvolvimento de seus desejos, de suas responsabilidades, pois sozinhos não dão conta da quantidade de alunos em cada disciplina; e ainda as expectativas dos estudantes que veem no tutor alguém que possa solucionar todas as suas dificuldades no processo de aprendizagem.

*"[...] mas ao mesmo tempo tu vê assim: Qual é o direcionamento do teu trabalho? Qual é a validade do teu trabalho? Tu tá ali preparando... tu tá preparando profissionais, né, pra competir comigo... que é isso, né, pra fazer um concurso público. Mas qual é o direcionamento do teu trabalho? O que tu vais conduzir essas meninas a fazer, né?" (Daiane).*

Os desabafos de Daiane também apontam outras questões que são relevantes no âmbito da atuação profissional, visto que os tutores se dispõem a formar novos profissionais nas mais diversas áreas, formando dessa maneira concorrentes para competir com eles próprios no mercado de trabalho, considerando que a tutoria, por ser um trabalho temporário, não garante a estabilidade e permanência na função que

ocupam, ficando à mercê de outras oportunidades de trabalho em outros espaços, conforme citado pela tutora.

Fica evidente que as oportunidades que a tutoria traz para a vida dos sujeitos da pesquisa são significativas, pois a participação na EaD é uma forma de se manter próximo à instituição de ensino superior e também de vivenciar experiências docentes que vão além do processo de aprendizagem.

*"É, é verdade... até porque eu já tava afastada da FURG, um ano e meio, né; tinha me graduado, mas não tinha mais trabalhado nada, e num primeiro momento eu digo: "ai que bom, pelo menos eu ainda vou ter um vínculo com a universidade", que é uma coisa que a gente sempre quer, né" (Flávia).*

Vivenciar a universidade significa, para elas, manterem-se em constante processo de formação, pois, na medida em que realizam a formação dos estudantes, estão tendo a oportunidade de ampliar seus próprios conhecimentos por meio da socialização de vivências e teorias. Alice diz: *"porque eu tenho medo de me afastar dessa Universidade e me transformar em uma pessoa tarefaira; e eu não quero isso pra mim"*.

Ivana também carrega em sua fala os efeitos transformadores da tutoria em sua vida profissional:

*"[...] muda a forma de ser na sala de aula... sei lá... pelas perguntas que haviam também, né, quando nós íamos no polo com os professores que eram das disciplinas de determinada disciplina... e o que eles traziam também pra nós dá pra ver que havia uma... eu chamaria até de transformação"*.

As transformações de que nos fala Ivana são o espelho das próprias reflexões sobre as autoimagens construídas pelas tutoras acerca das atividades que realizaram na tutoria. Arroyo (2010) faz diversos questionamentos sobre a evolução da docência ao longo da história e um deles diz: *"Como não perceber que o que-fazer de mestre teve alterações profundas com as tentativas de incorporação desses processos "racionais" na gestão dos sistemas de ensino, na organização e divisão do trabalho?" (p.19).*

A exemplo cito as palavras de Alice: *"[...] no final do curso, quando fomos orientar, aí nós fomos pra categoria de professor"*. Mesmo desenvolvendo atividades completamente relacionadas com a formação profissional, as próprias participantes da pesquisa reconhecem que sua condição de professoras somente se deu quando o planejamento e as ações da orientação do trabalho de conclusão de curso foram



repassadas integralmente para as mãos dos tutores, que nesse momento assumiram a condição de professores orientadores.

A EaD e a tutoria a distância são apenas outras formas de se vivenciar a docência carregadas com suas especificidades e suas problemáticas. Somos nós, docentes, tutores, equipes que atuam na EaD que precisamos aprender a manifestar e superar esses problemas, reivindicando para garantir condições dignas de trabalho e aprendendo a lidar com todas as situações presentes no cotidiano educacional que permeia a EaD.

Para finalizar, trago uma fala bastante significativa da tutora Leila:

*"[...] eu aprendi a ser professora do ensino básico, da educação básica no fundamental, aprendi a ser professora no médio... aprendi...tô aprendendo a ser professora no universitário que não é muito diferente e aprendi a ser a distância que também não é muito diferente".*

Essa fala aponta caminhos para o questionamento de Arroyo (2010), e também nos possibilita pensar que, para superar as dificuldades que a vida nos apresenta, é necessário refletir e aprender sempre com elas. Somos capazes de questionar e podemos superar as situações adversas sem deixar que nosso trabalho continue sendo desvalorizado.

### **Considerações Finais**

As reflexões construídas a partir dos momentos vivenciados pelas tutoras a distância durante sua atuação no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade possibilita-me pensar o trabalho na tutoria como uma atividade em que as responsabilidades com a formação profissional e com a ação docente são as maiores preocupações dos sujeitos dessa pesquisa.

Ao evidenciar que as atividades que desenvolvem são sim um trabalho realizado por professoras qualificadas para tal, é reforçada a necessidade de maior valorização da ação educativa dos tutores conforme manifestado em muitos momentos deste artigo através das falas das tutoras. A maneira simplista, conforme mencionado anteriormente, como são abordadas as funções dos tutores a distância nos documentos que deliberam

sobre seu papel, não significa que na prática o trabalho desenvolvido por eles aconteça da mesma forma.

Ao contrário, os tutores demonstram um envolvimento muito além do que realmente está previsto na legislação e regulamentação da EaD no país. Fruto de uma dedicação com o processo de formação dos estudantes, pois o foco das ações é sempre em benefício aos mesmos, o que corrobora com a perpetuação do sentimento de amor à profissão e também com a permanência da ingenuidade e alienação do desenvolvimento do trabalho como atividade profissional.

As situações vivenciadas por elas no que se refere ao acúmulo de trabalho e instabilidade e desvalorização na remuneração agravam a situação de exploração à qual estão sujeitos, ampliando dessa maneira a necessidade de intervenção, *a priori*, a partir de estudo científico, para que o futuro da Educação a Distância no país possa ser favorável tanto com relação ao oferecimento do ensino superior com qualidade e comprometimento, conforme relatam as tutoras, como em relação à igualdade de direitos e melhores condições de trabalho para tutores, professores e equipes multidisciplinares que atuam na organização para o funcionamento da EaD nas instituições públicas.

As estratégias para a institucionalização da Educação a Distância no Brasil ainda estão longe de serem firmadas e por isso este estudo demonstra que a utilização de prestação de serviços na área da educação precariza o trabalho docente e impede que a identidade profissional na tutoria possa ser construída e consolidada como forma de garantir, ao menos, a estabilidade de atuação e pagamento sem caracterizar o trabalho desenvolvido como terceirização da mão de obra trabalhadora.

Ao idealizar as possibilidades de institucionalização da Educação a Distância nas Universidades Públicas Federais, é necessário que sejam previstas outras formas de organização do trabalho do tutor, pois com o volume de cursos oferecidos nessa modalidade e a quantidade de estudantes atendidos pela EaD, manter a informalidade na contratação dos tutores é inviável. Portanto, como estratégia para evitar baixas na qualidade dos cursos oferecidos a distância no país, os profissionais que desempenham a função de tutoria precisam conquistar seu espaço legítimo, considerando inclusive a realização de concurso público para essa função como uma das possibilidades de garantir a dedicação exclusiva para a realização do processo de formação dos estudantes.

Com relação à legitimação do tutor como um professor também é necessário que pensemos cuidadosamente em um perfil que realmente contemple as atividades desenvolvidas pelos tutores para que, assim, possamos contribuir para que se efetivem políticas públicas que regulamentem a profissão e que garantam o *status* que exercem como docentes. Essa legitimação contribuirá também para fins de comprovação de experiência profissional no ensino superior, visto que, nas condições atuais apresentadas neste trabalho a tutoria não é reconhecida como experiência docente.

Por fim, considero que o trabalho do tutor a distância é essencial no desenvolvimento do processo de formação realizado nessa modalidade de educação, sendo necessário que se estabeleça outra organização estrutural e pedagógica que se possível superem, mas se não, ao menos diminuam as situações de exploração, alienação e precarização que vivenciam atualmente na realização de suas funções. Face ao exposto neste artigo muitas são as demandas de trabalho desenvolvidas por esse profissional; desta maneira a desvalorização tanto financeira quanto pedagógica deve ceder espaço para a legitimação de uma profissão valorizada e necessária nas ações educativas realizadas a distância.

## **REFERÊNCIAS**

- ANTUNES, Ricardo. A Dialética do Trabalho. São Paulo : Expressão Popular, 2013.
- ANTUNES, Ricardo L. C. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre afirmação e a negação do trabalho. 2º Ed. São Paulo : Boitempo, 2009.
- ARROYO, Miguel G. Ofício de Mestre: Imagens e autoimagens. 12º Ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.
- BRASIL – Ministério da Educação – MEC, Secretaria de Educação a Distância – SEED/MEC. Referenciais de Qualidade para Educação Superior a distância. Brasília : Ministério da Educação : Brasília, 2007. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/referenciaisead.pdf>>. Acesso em 26 de dezembro de 2013.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. São Paulo, SP : Cortez, 2004.
- MATTAR, João. Tutoria e interação em educação a distância. São Paulo : Cengage Learning (Série Educação e Tecnologia), 2012.
- VALENTE, José Armando. MORAN, José Manuel. Educação a distância: Pontos e Contrapontos. ARANTES, Valéria Amorin (organizadora) - São Paulo : Summus, 2011.

# **OS SENTIDOS DO TEMPO NA TUTORIA A DISTÂNCIA: LIMITES DO TEMPO DENTRO E FORA DO TRABALHO**

Fabio Alexandre Dziekaniak

Vanise dos Santos Gomes

## **RESUMO**

Este artigo aborda as reflexões realizadas a partir dos relatos de cinco tutoras a distância que atuaram no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, vinculado ao Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB/CAPES, a respeito dos sentidos do tempo de trabalho na tutoria a distância. Ao longo da escrita, problematiza-se o tempo necessário para o desenvolvimento das atividades de tutoria a distância, questionando as influências do Modo de Produção Capitalista na organização do tempo de trabalho e do tempo livre desses profissionais que acentuam a situação de exploração e precarização da atividade de tutoria no contexto estrutural em questão.

Palavras chave: Educação Ambiental; Trabalho; Tempo; Tutoria a Distância.

O debate acerca da educação a distância tem estado cada vez mais presente no cenário de discussão entre professores e acadêmicos, considerando que a inserção de cursos realizados na modalidade a distância através do Sistema Universidade Aberta do Brasil tem abrangido diferentes profissionais como professores, tutores, revisores, diagramadores e tantos outros, todos envolvidos no desenvolvimento da EaD nas instituições de ensino superior públicas. Neste sentido, a realização de estudo científico acerca do trabalho desenvolvido por esses profissionais tem se tornado cada vez mais necessário para que se possa refletir sobre a estrutura que regulamenta as ações educativas nessa modalidade de educação, dialogando sobre os impactos socioambientais dessa outra organização presente no campo educacional.

Desta forma, as discussões aqui presentes foram construídas a partir de pesquisa realizada no âmbito do mestrado, caracterizando-se como uma investigação qualitativa e foi realizada por meio de diálogo dirigido junto a cinco tutoras a distância atuantes na primeira edição do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade (realizado entre agosto de 2010 e junho de 2012), que versaram a respeito de suas experiências com a educação a distância, organização do tempo para atuação na tutoria e os sentidos do trabalho na tutoria a distância. Os cinco sujeitos de pesquisa são graduados e pós-graduados e eram, na época da atuação na tutoria, professoras da Rede

Municipal de Educação Básica, do Município de Rio Grande, estando vinculadas ao sistema Universidade Aberta do Brasil por meio de contrato temporário.

A citada pesquisa teve por objetivo compreender os sentidos que são atribuídos, pelos tutores a distância que atuaram no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, ao trabalho desenvolvido por eles na tutoria, levando em consideração as ações competentes a eles na função de tutor, a estrutura organizacional dos cursos de graduação e pós-graduação públicos oferecidos a distância e realizados com recursos do Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB, além de suas percepções acerca do processo educativo realizado na modalidade a distância.

Para respaldar as análises e estudos realizados durante a pesquisa, foram utilizados teóricos que versam sobre: Educação a Distância - EaD, pensando desde as questões organizacionais e de legislação até questões pedagógicas sobre o funcionamento da modalidade; a exemplo, cito Ligia Leite e Aparecida Dias (2010), João Mattar (2012), José Manuel Moran e José Armando Valente (2011); trabalho na teoria marxista construindo compreensões sobre os tipos de trabalho na sociedade capitalista, alienação do trabalhador e precarização do trabalho, analisando principalmente o trabalho docente e o desenvolvido pelos tutores a distância, sendo citados como principais autores Ricardo Antunes (2009) na teoria marxista e Miguel Arroyo (2010) sobre as questões da docência; e Educação Ambiental que conduz as discussões perpassando por todo o trabalho na construção de compreensões acerca das problemáticas da sociedade do capital, encontrando em Carlos Frederico Loureiro (2004), Mauro Guimarães (2004) e José Geraldo Pedrosa (2007) as principais contribuições.

Além do embasamento teórico que alimenta as discussões tecidas, foram utilizados estudos sobre Análise Textual Discursiva - ATD, cunhada por Moraes e Galiuzzi (2007), para compor o *corpus* de análise dos dados produzidos<sup>13</sup>. A metodologia utilizada possibilitou profícuas interpretações a respeito das informações coletadas nos diálogos, tornando possível eger, após conclusão dos processos que compõem a ATD, três categorias de análise para a construção das compreensões sobre os sentidos do trabalho na tutoria a distância.

---

<sup>13</sup> Para maiores informações sobre a coleta e análise de dados, ver Capítulo 2 da Dissertação.

Neste artigo, abordo discussões sobre o tempo de trabalho na Tutoria a Distância, objetivando refletir a respeito da organização necessária para o desenvolvimento das atividades da tutoria e o quanto essa organização interfere no tempo de lazer e de trabalho dos sujeitos dessa pesquisa, abrangendo problematizações acerca dos artifícios do Modo de Produção Capitalista na ampliação do tempo destinado ao trabalho. Passo, então, a entrelaçar os discursos das tutoras participantes da pesquisa com o suporte teórico que orienta esta escrita, construindo compreensões que foram possibilitadas no percurso de análise dos dados. Cabe ressaltar que os dados utilizados para a construção desta escrita fazem referência às experiências individuais dos sujeitos de pesquisa que contextualizam as ações desenvolvidas na tutoria a distância no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, mas também em outros cursos em que tiveram a oportunidade de atuar.

### **Tutoria a distância: organização do trabalho e ocupação do tempo livre**

O tempo de trabalho, tanto na Educação a Distância quanto além dela, foi marcado por inúmeros comentários a respeito da necessidade de organização do próprio tempo e do quanto ele se torna intenso, rápido, pequeno e necessário para a atuação na tutoria a distância. Este é um aspecto que me faz pensar: como o tempo que nos cabe pelo relógio, no sentido de tempo cronometrado, interfere na organização das nossas ações cotidianas?

Neste sentido, o tempo que problematizo neste artigo está muito mais relacionado com o tempo de trabalho e de lazer, do que com o tempo cronológico do relógio, ou seja, a quantidade de atividades possíveis de serem desenvolvidas em um período de vinte e quatro horas. Antunes (2009) nos fala sobre o tempo como um tempo de consumo, em que a vida gira em torno do tempo do capital, aquele que nos exige mais tempo para produzir, mais tempo para trabalhar, mais tempo para se qualificar, sempre com foco em torno de atividades que envolvam a indústria do consumo, pois trabalhar e produzir mais significa ganhar mais para consumir mais; qualificar-se mais significa conquistar oportunidades que possibilitem ganhar mais para consumir mais.

A partir da análise do discurso das tutoras participantes da pesquisa, foi possível construir considerações acerca da categoria tempo, chegando até o debate aqui posto, a

que denominei "Os sentidos do tempo na Tutoria a Distância: limites do tempo dentro e fora do trabalho", o que contribui para que possamos compreender a organização do tempo de trabalho dos tutores e também o quanto as atividades da tutoria têm consumido o tempo livre dos profissionais que atuam na EaD, acabando por representar o trabalho nessa modalidade de educação como trabalho precarizado.

As tutoras que participaram desta pesquisa se dizem satisfeitas com o tempo ocupado com o trabalho que realizam na EaD e fora dela. A experiência docente em tantos espaços para além da tutoria as faz afirmar que o tempo do professor é *elástico* e que em todos os momentos foi possível dar conta de todo o trabalho, sem deixar que a qualidade profissional diminuísse.

Interessante ressaltar, aqui, o que diz Antunes (2009), ao afirmar que, na sociedade em que vivemos, o tempo exerce sobre os indivíduos, por meio de relógios, calendários e outras maneiras de contagem de horário, formas de coerção que suscitam o desenvolvimento de autodisciplina e uma pressão relativamente discreta, mas que nem por isso se faz menos presente e à qual é impossível escapar.

Esse tempo dotado de pressão alimenta o sistema e causa culpa e ansiedade nos sujeitos, visto que é a partir da realização do trabalho efetivo e da quantidade de tempo que se emprega para desenvolvê-lo que organizamos nossa vida dentro e fora do trabalho.

A exemplo, cito a fala da tutora Leila<sup>14</sup>, ao dizer: "*[...] eu acho que o professor é meio, meio carimbado nisso; é assim: se você trabalha 60 horas meio tranquilamente, eu não percebia, eu não sentia sobrecarga, eu não!*". Também ponho em destaque a fala da tutora Ivana, ao expressar: "*mas esse tempo eu me organizava, porque a gente já sabia que ia acontecer dessa forma, então... processava as coisas da escola antes, pra deixar aquele espaço ali pra fazer da tutoria... Então pra mim foi tranquilo*". A experiência profissional como professoras da rede básica de educação as faz concluir que o trabalho desenvolvido nos três turnos é *natural*, inclusive afirmando que não se sentiam sobrecarregadas.

A naturalização do acúmulo de tempo destinado ao trabalho constata que estamos vivenciando a máxima da exploração da mão de obra trabalhadora em

---

<sup>14</sup> Os nomes utilizados para designar as tutoras que participaram da pesquisa são fictícios. As citações dos sujeitos de pesquisa são apresentadas em itálico ao longo do texto.

educação, em que a intensificação do trabalho aparece como alternativa para suprir os baixos salários e supostamente beneficiar os sujeitos que trabalham exageradamente, permitindo que usufruam das possibilidades de consumo que o sistema capitalista oferece.

Os tempos capitalistas de que nos fala Antunes (2009) não levam em consideração uma vida dotada de sentido para além do trabalho, pois gira em torno dele próprio, ou seja, o tempo destinado ao trabalho é crucial na manutenção e permanência do sistema capitalista, visto que é por meio da centralidade da vida voltada para o trabalho que o sistema mantém o acúmulo de capital, instigando a sociedade a trabalhar para consumir. Alice comenta a respeito da realização do trabalho em função do dinheiro: "[...] *ninguém trabalha sem receber; não se trabalha por hobby, por um gosto; mas também porque queremos ter acesso às questões materiais da sociedade que vivemos, isso é uma realidade*".

Desta maneira, lanço um questionamento inicial: Que motivos levam as tutoras a comprometer seu tempo com o trabalho na tutoria?

Esse questionamento remete ao que Daiane fala a respeito da procura pela Educação a Distância: "[...] *vou fazer uma seleção pra simplesmente assim: "eu vou ter mais vinte horas e vou ganhar uma bolsa" né, mas se identificando com aquilo ali*". A fala de Daiane exemplifica o exposto acima sobre a necessidade de trabalhar mais para poder ganhar mais. Assim, o fato de que serão comprometidas mais vinte horas semanais de trabalho, para que se possa receber a bolsa paga pela Universidade Aberta do Brasil, demonstra que estamos sempre em busca de múltiplas possibilidades para ganhar dinheiro.

Entretanto, os motivos expressados pelas tutoras vão além da questão financeira. Daiane, por exemplo, diz que a justificativa para o comprometimento de seu tempo com a intensificação da carga de trabalho é a identificação com as atividades realizadas na tutoria a distância. A experiência profissional adquirida com a tutoria torna-se relevante em relação à sobrecarga de trabalho em função das exigências do mercado que valorizam as experiências profissionais como critério seletivo para outros espaços de atuação.

Assim, Daiane relata a respeito da experiência com a tutoria: "[...] *quando surgiu essa oportunidade do curso de especialização a distância, aí eu pensei, né: "não,*



*vou fazer", porque se eu passei todo aquele tempo fazendo tutoria, de repente vou ter a oportunidade; e tive mesmo, e foi muito legal assim".* As vivências em outros espaços como tutora possibilitaram que Daiane conseguisse realizar a seleção, pois, entre outros critérios, utilizou a experiência anterior para conquistar o que ela chama de *oportunidade*.

A valorização da experiência profissional no capitalismo tende a seguir o fundamento das economias de escala humanas, realidade vivenciada a partir do processo de reestruturação do capitalismo na transição entre taylorismo/fordismo para o toyotismo e que consiste na valorização do raciocínio no ato do trabalho a ser desenvolvido. Ou seja, aquele trabalhador que possui conhecimentos mais avançados sobre o processo produtivo, integrado pelos processos tecnológicos e econômicos, acaba se tornando polivalente e conquista outros espaços, realizando um maior número de atividades, substituindo outras e coadjuvando os processos em regime de cooperação com outros trabalhadores (ANTUNES, 2009).

Neste sentido, o autor aborda a incorporação do trabalhador improdutivo na classe trabalhadora da sociedade contemporânea, caracterizando-o como aquele que realiza atividades nos setores de serviços à sociedade, é assalariado, mas não participa diretamente do processo produtivo, pois tem seu trabalho consumido apenas como valor de uso. Desta maneira, a atividade intelectual desenvolvida pelos professores, e no contexto dessa pesquisa, também, por tutores, a serviço da educação, está inserida na parcela que abrange os trabalhadores improdutivos.

Essa realidade, perceptível não somente na EaD, mas também em tantos outros espaços profissionais da sociedade capitalista, retrata a disputa por oportunidades no mercado de trabalho e demonstra o quanto o tempo, as experiências vivenciadas e a capacidade do sujeito, que é medida pela relação entre esses dois fatores citados, contribuem para a manutenção de um sistema excludente que não valoriza financeiramente os profissionais, mas que se alimenta da dedicação (tempo de trabalho) e do comprometimento (qualidade na realização do trabalho) que os mesmos empenham para permanecerem no mercado.

Com isso, novamente é possível enxergar as influências do Modo de Produção Capitalista na decisão de Daiane por comprometer-se com mais trabalho em prol de dinheiro. E a quantidade de trabalho é que interfere diretamente na organização do tempo dos tutores. A atividade primeira desses profissionais não é a tutoria.

Conforme os critérios para atuação na tutoria a distância, é necessário que os candidatos sejam estudantes de pós-graduação, oriundos de instituições de ensino superior públicas, ou profissionais vinculados ao sistema público nas esferas municipal, estadual ou federal. Assim, os profissionais que se submetem aos processos seletivos, com a intenção de conquistar uma vaga de trabalho como tutor a distância estão envolvidos com outras demandas para além da Educação a Distância.

Além disso, conforme os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância do MEC e também de acordo com os critérios de seleção para atuação como tutor na EaD, para que um candidato possa preencher a vaga de tutor é necessário que possua vinte horas semanais disponíveis para atendimento aos estudantes, reuniões com a equipe multidisciplinar dos cursos e também para participação em encontros presenciais.

Desta maneira, as cinco tutoras que participaram desta pesquisa realizavam outras atividades além da tutoria, às vezes ocupando os três turnos (manhã, tarde e noite) com todas as demandas de trabalho com que estavam comprometidas. Por isto, problematizo a questão do tempo de trabalho necessário à tutoria, no sentido de refletir sobre a legitimação desse tempo na jornada diária de trabalho das tutoras, pois possuir vinte horas semanais disponíveis não significa dispor de tempo qualificado para a realização das atividades necessárias a um processo de formação.

Daiane, por exemplo, diz: "[...] *tava trabalhando sessenta horas. Então eu tinha quarenta horas como professora substituta da universidade e mais vinte horas na educação básica. Então são sessenta horas currículo*". Lanço assim mais um questionamento: Como um profissional que trabalha sessenta horas consegue dar conta de mais uma demanda de vinte horas de trabalho semanal na EaD?

As atividades desenvolvidas por Daiane sugerem que, na Educação a Distância, é possível realizar todas as atividades, mesmo que não se tenha um tempo específico para tal, pois refletindo pedagogicamente sobre as metodologias que embasam a EaD, a independência e autonomia nos processos de aprendizagem possibilitam que o próprio estudante realize suas construções, sem a necessidade de acompanhamento em tempo real. É o que Valente (2011) chama de virtualização da sala de aula, em que o tempo e o espaço independem entre si, seja no caso do estudante que aprende, seja com o tutor que ensina.

Dessa maneira, a EaD está modificando as formas de ensinar e aprender em todos os aspectos, pois ao flexibilizar a necessidade da presença física, reorganizar os espaços e tempos e utilizar mídias e linguagens diferenciadas, transformam-se também os processos de ensino e aprendizagem e as possibilidades de oferta de ensino superior em todo o país (VALENTE, 2011).

Ainda assim, é necessário refletir sobre a qualidade do tempo destinado ao trabalho na Educação a Distância, pois embora a organização de atendimento aos estudantes não necessite da presença do tutor em tempo real, o volume de trabalho é crescente e exige do profissional um tempo de dedicação para realizar as leituras e retornar aos alunos comentários, dúvidas e reflexões acerca das temáticas abordadas em cada disciplina.

Flávia corrobora com o exposto acima, deixando claro que o tempo para dedicação é, sim, muito importante e determinante na qualidade que se deposita para a EaD: "*Bom é, e a tutoria exige muito tempo, mais do que aquelas 20 horas ali que a gente marca quando a gente faz a entrevista*". Além de ressaltar a necessidade de tempo, ainda relata que as vinte horas solicitadas não são suficientes para o cumprimento de todas as demandas de trabalho com a EaD.

Dessa maneira, a sobrecarga de trabalho, que era negada anteriormente, aparece nesse momento como um fator que dificulta a organização e *sequestra* o tempo livre das tutoras. As palavras de Alice demonstram que a quantidade de trabalho é proporcional ao envolvimento e à qualidade que os profissionais constroem no curso:

*"[...] porque o tutor, ele tem uma carga enorme de trabalho. É um trabalho que não é como tu ter alguma coisa mais prática pra corrigir... Nós tínhamos muito trabalho. Eu acho que os tutores ficam muito sobrecarregados quando é um curso dessa grandeza, que foi um curso de EaD. Nós realmente teve momentos assim."*

Nesse movimento, a sobrecarga e o tempo de trabalho representam a concretização da exploração da mão de obra, terceirizada, do tutor a distância, visto que o discurso da flexibilização de tempo e espaço, autonomia na realização do trabalho e da própria organização presentes na estrutura e teorias que embasam a Educação a Distância carregam as formas ocultas e dissimuladas do trabalho precarizado, o que pode ser identificado a partir das problematizações de Antunes (2009) a respeito das características do contexto de crescimento do toyotismo na sociedade contemporânea,

com tendências a intensificação da jornada de trabalho, ampliação da produção *just in time* e expansão da subcontratação de trabalhadores.

A ideia de que o tempo na EaD é flexível é uma falácia utilizada para mascarar e alienar o trabalhador. Em algum momento será necessário reservar um tempo considerável para a realização das atividades geradas pela EaD. E as formas de organização variam de acordo com cada pessoa, pois a carga de trabalho de cada uma das entrevistadas variava conforme a quantidade de funções que executava para além da tutoria.

A esse respeito, Daiane relata: "[...] *teve uma vez que uma professora me falou: "Que que tu faz da meia noite às seis?" E isso eu aplicava realmente naquela época, porque tinha que ser... não tinha como*". Ocupar as madrugadas para a realização das atividades da EaD foi uma das alternativas para dar conta de todo o compromisso que se assume perante a responsabilidade de formação dos estudantes da Educação a Distância.

Nesse movimento, Moran (2011) aponta a questão da organização do tempo como um dos desafios a serem superados na Educação a Distância, no que se refere ao tempo de trabalho dos tutores, argumentando que a atividade desenvolvida por esse profissional é uma atividade docente e por isso deve haver políticas que regulamentem os vínculos institucionais, avançando dessa forma na organização das atividades do tutor e também na regularização da situação profissional desses indivíduos.

Alice ressalta a organização do seu tempo com as atividades relacionadas a EaD:

*"[...] estávamos trabalhando em um curso de pós-graduação e isso exigia de nós um grande esforço, tempo intelectual, porque nós tínhamos muitos trabalhos pra ler e corrigir. Então isso é um desafio porque, se nós tínhamos quarenta alunos no polo, mas como as minhas alunas, meus alunos, que eu tinha um aluno, também eram professores, eles tinham uma vida muito parecida com a minha. Então os nossos horários, sinceramente, nossos horários reais, eram nas madrugadas"*.

A estratégia da tutora de organizar o tempo com o grupo de alunos demonstra a tentativa de integração entre o tutor e sua turma. O atendimento coletivo, planejado de acordo com o tempo dos próprios estudantes, retrata a realidade dos bastidores de uma educação mercantilizada, pois reafirma a necessidade de qualificação constante em favor de melhores condições de trabalho na sociedade do capital e reforça a ocupação do tempo livre em ambos os lados para dar conta do viés financeiro que está por trás da formação e do trabalho.

Neste sentido, Antunes (2011) afirma:

[...] são enormes as evidências do domínio do capital na vida fora do trabalho. Um exemplo ainda mais forte é dado pela necessidade crescente de qualificar-se melhor e preparar-se mais para conseguir trabalho. Parte importante do "tempo livre" dos trabalhadores está crescentemente voltada para adquirir "empregabilidade", palavra que o capital usa para transferir aos trabalhadores a necessidades de sua qualificação. (p. 131)

A intensidade na jornada de trabalho diária é relatada por Alice no fragmento a seguir:

*"[...] direto até a uma da madrugada; trabalhávamos direto e os fins de semana. Na verdade, esses eram os nossos horários de trabalho. Era assim que eu organizava o meu tempo, porque elas também organizavam o tempo assim. Não que eu organizasse por causa das minhas alunas. Era o que me sobrava".*

As lutas de classes trabalhadoras pela redução das jornadas de trabalho diárias, reivindicação importante que há décadas vêm sendo discutidas por diferentes esferas sociais (ANTUNES, 2009), inclusive pela classe trabalhadora da área da educação que solicitam a redução da carga de trabalho em sala de aula, além da consolidação de planos de carreira que incluam na carga semanal de trabalho de professores a hora atividade, estão sendo repelidas na medida em que os próprios professores sujeitam-se a cargas semanais exorbitantes com a ocupação praticamente integral do dia para a vida em torno do trabalho.

Segundo Antunes (2009), as lutas pela redução do tempo de trabalho estão carregadas de ações que se contrapõem às formas de opressão, alienação e exploração da mão de obra trabalhadora, estruturando um conjunto de ferramentas que possibilitem o esclarecimento da classe trabalhadora e o estranhamento sobre as formas de dominação do capitalismo. Assim, ao falar de tempo, não estou apenas refletindo sobre o tempo que as tutoras dedicam ao trabalho, ou o tempo que não dedicam aos sentidos da vida, mas estou, sim, refletindo sobre as formas de dominação do Modo de Produção Capitalista sobre nossas vidas, sobre nossas atividades, sobre nossas famílias e sobre a qualidade do nosso tempo livre.

A exemplo Daiane diz: *"[...] então a gente acaba sacrificando a nossa carga horária pessoal, sim, pra tá na tutoria, com certeza"*. Pelas palavras mencionadas por Daiane, o tempo dedicado ao trabalho na tutoria constitui-se como o sacrifício do tempo livre e fortalece o trabalho como momento predominante da vida desses profissionais.

Desta maneira, é necessário que pensemos sobre os limites que impomos aos trabalhos que nos propomos a desenvolver. Como forma de estranhamento aos artifícios do capitalismo para sequestrar nosso tempo livre, Flávia diz: "[...] *mas eu me reservava ao direito de não trabalhar nos finais de semana*".

Tentar estabelecer os limites para diminuir a interferência do trabalho para conquistar o que Antunes (2011) chama de "uma vida dotada de sentido fora do trabalho", pode ser considerado um passo significativo para a superação das formas de exploração da mão de obra trabalhadora. Embora a atuação na Educação a Distância apresente muitas outras características como a terceirização da mão de obra, instabilidade, privação de direitos trabalhistas entre outras que classificam a modalidade como uma esfera social a serviço do capitalismo e que reproduz a lógica do Modo de Produção Capitalista, principalmente no que se refere à atividade da tutoria a distância e que ainda precisam ser superadas.

O sequestro do tempo livre para a intensificação da jornada de trabalho e a necessidade de ocupação integral do tempo para garantir melhores oportunidades, tanto profissionais quanto de acesso aos bens materiais da sociedade do capital, são outros elementos que constituem o conjunto de estratégias do sistema capitalista para manter a alienação do trabalhador. Exemplo disso é a dita flexibilidade da Educação a Distância que movimenta o tempo de tal forma que nos impede de estabelecer os nossos próprios limites para o trabalho, pois ela não existe de maneira real, mas sim escondida na ocupação do tempo livre, visto que o principal argumento para sua existência é a possibilidade de desenvolver as atividades em qualquer tempo que não esteja sendo ocupado pelo trabalho formal, ou seja, tempo livre, tempo ocioso, tempo em que não se estejam desenvolvendo outras atividades com objetivo de ganhar dinheiro.

O discurso ingênuo da flexibilidade está presente na fala de Daiane:

*"[...] eu também preciso me adequar um pouco àquilo que tá sendo pedido, né. Porque, a partir do momento que eu fiz uma seleção, que eu entrei pra esse curso, né... pra determinado curso de educação a distância, pra essa faculdade e tal... eu preciso também pensar assim: "Não, eu preciso delimitar um tempo pra fazer aquilo ali." E aí eu acho que a organização da carga horária da gente... a gente tem que fazer, porque lá no trabalho eu vô sê chamada, eu vô sê questionada pelo meu trabalho. Então eu tenho que também seguir algumas regras".*

As expressões utilizadas pela tutora "*preciso me adequar*" e "*preciso delimitar um tempo*" colocam a responsabilidade do cumprimento das tarefas, independentemente

de outras demandas de trabalho, para o próprio sujeito. Assim, a flexibilidade exerce sua potência na organização da vida do indivíduo e acaba sequestrando o tempo livre para o cumprimento dessas atividades.

Somadas à flexibilidade do tempo, estão as regras para atuação na tutoria. E a principal regra relacionada com a organização do tempo é acessar constantemente a plataforma de aprendizagem sem afastar-se dela por mais de quarenta e oito horas. Dessa maneira, a necessidade de interação no ambiente virtual e de comunicação com os estudantes acabam se tornando rotineiras e entram para a organização do tempo das tutoras não como um trabalho, mas sim como um vício, conforme demonstra Leila em sua fala: "*[...] mas era assim praticamente quase toda noite. Acho que era meio viciante, assim, é sério, sabe aquele vício de Facebook? Dava o vício!*".

Esse vício de que nos fala Leila está relacionado com a virtualização do mundo real em que as redes sociais, correios eletrônicos, jogos *online* e outros recursos disponíveis através da Internet consomem nosso tempo livre como se outro mundo existisse para além do mundo real materializado. A geração que vivencia a Era da Comunicação tende a tornar suas experiências muito mais intensas no mundo virtual do que no real, manifestando-se e interagindo com outras pessoas especialmente por meio das redes sociais, principal ferramenta de interação vivenciada no mundo digital na atualidade.

As reflexões de Mattar (2012) afirmam que os conceitos de cibercultura que sustentam teoricamente as discussões sobre interações humanas através de redes sociais são interessantes, mas não são suficientes para debater a atuação do tutor em Educação a Distância. Como o foco deste artigo não está centrado no debate sobre as intensidades das interações no contexto educacional, mas sim pensar a questão do tempo consumido para tal, não realizarei aprofundamento nesse sentido, apenas cito como uma das características influentes na quantidade de tempo disposto pelos tutores para as interações nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

### **Interferências no tempo de trabalho: dialogando sobre os recursos tecnológicos na EaD**

As ferramentas digitais disponíveis na plataforma de aprendizagem que viabilizam a comunicação por meio da Internet são recursos tecnológicos que

aproximam o tutor e o aluno, diminuindo, a distância física, e aumentando as possibilidades de interação entre ambos. Neste sentido, o tempo de trabalho do tutor a distância está diretamente relacionado com as interações que faz com os estudantes por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Um aspecto importante a ser tratado refere-se à realização de atividades síncronas e assíncronas em EaD. Segundo Mattar (2012), dependendo do propósito da disciplina, são necessários momentos em que o tutor esteja presente na plataforma em tempo real com os estudantes para a realização de debates via *chats*, vídeoconferência, webconferência e também para o esclarecimento de dúvidas através da plataforma de aprendizagem, que seriam os momentos ditos síncronos.

Sobre os momentos síncronos Daiane diz:

*"[...] então, a partir de um momento lá, depois das seis horas que eu chegava em casa, aí, sim, aí eu tinha que ir lá; vou lá pra plataforma, né; combinava com elas um horário de atendimento; aí tinha um dia específico marcado com as alunas; aí, nesse dia específico, nesse horário, eu vô tá disponível, vô tá on-line, né, pra vocês".*

Leila também relata a respeito dos momentos em que estava conectada à plataforma: *"[...] todos os momentos principalmente à noite, eu ficava conectada e participando e interagindo com eles, tanto que tinha uns que diziam: "A gente pergunta e ela responde rápido". É porque eu tava conectada e eles aparecia e eu já respondia!"*. Assim, a dedicação e organização de um tempo que possa contemplar as necessidades da sincronia na comunicação com os estudantes recebem um *status* diferenciado na EaD, obviamente exigindo das tutoras o empenho de um tempo extra para tal comunicação.

Em outros momentos, as tutoras puderam acompanhar o andamento do estudante de forma assíncrona, o que, conforme Mattar (2012), acontece por meio do acompanhamento de fóruns, leitura de textos produzidos pelos estudantes e envio de mensagens individuais ou coletivas. Para a realização da interação assíncrona, as tutoras utilizavam estratégias que possibilitaram a organização e economia de tempo em momentos em que o acesso à plataforma não estava disponível.

Para problematizar, apresento a fala de Alice:

*"Eu lia, sim. Eu imprimia muito. Eu imprimi muito trabalho; imprimia fóruns... Eu fui uma das primeiras tutoras a ter a ideia de imprimir fóruns que era pra poder ler quando eu estava longe de casa, no*



*ônibus, que eu uso ônibus. Então eu gasto uma hora e pouco indo e vindo pra escola, e eu usava muito esse tempo pra ler".*

As tarefas e fóruns elaborados de maneira assíncrona contribuem para a melhor distribuição do tempo livre das tutoras em momentos ditos como "tempo perdido", como é o caso do tempo de deslocamento entre a casa e a escola, conforme dito por Alice. Porém, é importante pensar que o tempo dotado de sentido para além do trabalho tem sido preenchido com mais trabalho.

Outro aspecto abordado pelas tutoras é a dificuldade de acesso à internet, que se torna um desafio a ser superado por elas. A esse respeito, Alice comenta: *"Na minha escola mesmo não se tinha acesso à Internet; então nem nas minhas horas de folga eu podia acessar"*. O trabalho desenvolvido sem as condições necessárias também rouba o tempo livre. Embora a universidade dispusesse dos recursos necessários (laboratório de informática, internet) para o acesso à plataforma, nem sempre os horários e o tempo disponíveis dos tutores davam conta de utilizar esses recursos.

A tutora Alice comenta outro aspecto que interfere na organização do tempo para o acompanhamento das atividades da EaD: *"[...] a própria plataforma, às vezes ela não consegue dar conta da parte tecnológica, cai muito... Então isso foi um grande desafio, porque nós tínhamos datas; tudo ia se acumulando; Então foi um grande desafio esse entendimento"*. As constantes quedas ou lentidão no Ambiente Virtual e a dificuldade de acesso às informações aumentam a necessidade de tempo para o cumprimento das atividades.

Relacionado ao tempo de dedicação ao acesso à plataforma está o volume de interações provindas dos estudantes. Para corroborar, Daiane diz: *"[...] muitas vezes eu ficava uma hora ou duas horas só, sem acessar a plataforma; e daqui a pouco tinha dez mensagens"*. O acúmulo de mensagens individuais ou em fóruns exigiu das tutoras o acompanhamento diário do ambiente, visto que, mesmo que elas acessassem todos os dias, a quantidade de interações era crescente e o trabalho chegava a suas mãos em algum momento. Por isso, a necessidade de um planejamento que facilite e diminua a ocupação de um tempo extra de dedicação para a EaD são essenciais para atuação na tutoria a distância.

Em concordância com o exposto acima, as estratégias de organização do tempo que foram apresentadas a partir das falas das tutoras com vistas ao cumprimento das responsabilidades assumidas com a tutoria contribuem para a realização da EaD, mas

em nada contribuem para que a atividade de tutoria possa ser desenvolvida como atividade profissional dotada de sentido para além da exploração da mão de obra trabalhadora. Isso porque essas estratégias tendem a abrigar soluções que possibilitem ao sistema capitalista a manutenção das situações que caracterizam o trabalho desenvolvido como trabalho precarizado.

Neste sentido, o tempo ou a falta de tempo para desfrutar de atividades para além do trabalho somente contribuem para que a vida desses profissionais girem em torno das responsabilidades geradas por um sistema que sobrevive do tempo cronometrado no relógio.

Portanto, as concepções de tempo precisam ser ressignificadas, pois da maneira como concebemos o tempo na atualidade, como um tempo capitalista, tempo de consumo, tempo de trabalho, homens e mulheres, indivíduos sociais que formam e são formados por essa sociedade, não são capazes de se desvincular da vida e do tempo voltados para o trabalho. Os sentidos que tornam nossa vida prazerosa só serão capazes de extrapolar a centralidade da vida para o mundo do trabalho quando as barreiras existentes entre o tempo que dedicamos ao trabalho e o "tempo do não trabalho" conseguirem libertar-se das ligações existentes com o capital (ANTUNES, 2009).

No mesmo movimento, os tempos da tutoria a distância precisam também ser ressignificados. Assim, problematizo os tempos da EaD a partir da fala da tutora Daiane:

*"[...] não tem tempo hábil pras coisas... e as coisas são muito corridas, né... A gente acha que no ensino regular é corrido. No ensino a distância é mais corrido ainda, muito mais; porque a gente tem uma carga horária pra cumprir e a gente tem que cumprir, e o tempo é menor. A sensação que a gente tem é que parece que a disciplina dura dois meses e aí tu tem que encerrar tudo".*

As representações de que por meio da Educação a Distância a conquista por um título de nível superior é mais fácil e rápido, vinculadas à organização de cursos cujas disciplinas acontecem por meio de módulos mais curtos do que no ensino presencial, corroboram para que os tempos da EaD sejam vistos como tempos insuficientes para a qualificação e formação de profissionais que optam por essa modalidade.

A fala de Daiane retrata um "tempo menor" para a formação e caracteriza a realização das atividades em EaD como corridas, exatamente pela organização dos cursos em módulos e disciplinas que acontecem em um período menor do que na

educação presencial. Neste sentido, é necessário que pensemos a EaD como uma educação que precisa ser realizada com outros ritmos, pois, segundo Moran (2011), ela é mais flexível, não cabendo a equiparação com cursos presenciais, pois a ideia da EaD não está vinculada à transposição da educação presencial para a modalidade a distância.

No entanto, ainda conforme o autor, o mínimo de comparações entre a organização do tempo de cursos a distância e presenciais é necessário, visto que existem instituições sem credibilidade que tendem a acelerar mais do que o possível a oferta de cursos a distância, utilizando-se do argumento da flexibilidade de tempo para tal e pensando prioritariamente na venda de certificados e na obtenção de lucro com a crescente demanda pela procura dessa formação aligeirada.

A ilusão de que na EaD a obtenção de um diploma será mais fácil e feita em pouco tempo contribui para a manutenção do discurso sobre a industrialização do ensino presente nas problematizações realizadas por Costa (2008), em sua Tese de Doutorado, a respeito da política de educação a distância do nosso país. Em suas reflexões, o autor aponta para a influência do modelo de produção industrial na organização da política nacional de educação a distância do Brasil, ressaltando a presença e regência do discurso da industrialização do ensino nos documentos e publicações produzidos por órgãos do Governo Federal.

Costa (2008) também expressa que a organização da educação a distância baseada nos meios tecnológicos, amparados pelo progresso científico, e também a análise econômica capitalista aplicada à educação por meio da máxima da eficácia total e alta produtividade corroboram para a ampliação de um sistema de ensino que otimiza os fatores relacionados à aprendizagem.

Assim, ao invés de focar na qualidade voltada para os meios que possibilitam o processo de aprendizagem, tais como ampliação do nível de leitura, debates, aproximação e interação entre os indivíduos, o ensino industrializado preza pela formação em massa como garantia de fornecer trabalhadores capazes de atender as necessidades do mercado.

Neste sentido, as percepções ingênuas das tutoras a distância sobre a aceleração no processo educativo ressaltam a alienação do trabalhador no Modo de Produção Capitalista, visto que, ao desempenhar suas atividades, está concretizando a aceleração da aprendizagem, pois ao assumir a responsabilidade por acompanhar, mesmo que em

um tempo curto, e por fazer com que o aluno consiga construir sua aprendizagem dentro dos moldes da educação aligeirada, está corroborando para a manutenção dessa situação.

E a mesma necessidade que se tem de enquadrar o aluno da educação a distância nesse tempo diferenciado também se tem na atuação direta na tutoria. A necessidade de organização e ocupação de todo tempo disponível está marcado nos relatos das entrevistadas: "*[...] assim eu preciso daquele horário, eu tenho uma hora pra trabalhar, então durante essa uma hora eu vou ler, vou tentar me organizar*" (Flávia).

A aceleração do processo educativo e as necessidades de enquadramento no tempo disponível para o acompanhamento dos estudantes, no sentido de dar conta do processo de formação, superando as dificuldades destacadas neste artigo e tantas outras vivenciadas no cotidiano da tutoria, somadas às necessidades financeiras das tutoras que utilizavam a tutoria como mais uma fonte de renda, são os elementos utilizados pelo Modo de Produção Capitalista para reproduzir as formas de dominação e alienação da mão de obra trabalhadora nesse contexto de exploração precarização.

A maneira como o tempo de trabalho das tutoras a distância interfere em suas vidas, ultrapassando os limites do tempo disponível para dedicação ao trabalho, representa a inserção da profissão na lógica do Modo de Produção Capitalista, caracterizando a mesma como um trabalho precarizado. Nessa realidade, os sujeitos do processo produtivo ficam em segundo plano, sendo priorizadas a realização das atividades voltadas para geração de renda e capital, o que, no caso da EaD, materializa-se a partir da formação em massa, realizada através da modalidade a distância.

Desta maneira, a situação de exploração enfrentada por esses profissionais pode ser percebida na fala de Daiane, que representa a impossibilidade de permanecer na tutoria, pois vivencia um momento bastante comum para as mulheres trabalhadoras:

*"Agora, no momento, eu tô dando uma parada em tudo, né, por estar grávida de sete meses. Aí não tenho como agora assumir. Até vi que teve uma seleção pro curso de Pedagogia e fiquei tentada em fazer, super tentada em fazer. Fiquei pensando dez dias em cima do edital, né, mas pensei assim: "Não, agora não é o momento, né. Não, agora não posso, porque agora eu preciso também me dedicar a minha família, né". Mas com certeza, numa próxima oportunidade eu quero fazer, sim".*

Mesmo com um tempo considerável de trabalho na EaD e com a experiência adquirida durante a atuação no curso de Especialização em Educação de Jovens e

Adultos na Diversidade, o fato de estar grávida não garante a permanência e a segurança para que a profissional usufrua de direitos trabalhistas como a licença maternidade, porque não possui vínculo empregatício com a instituição. Mais um elemento que caracteriza a tutoria a distância como um trabalho precarizado, pois como se estabelece através de contratação temporária, resta como única alternativa para a tutora o afastamento sem nenhum vencimento financeiro e posteriormente a realização de nova seleção para tentar conquistar novamente a *oportunidade* de atuar na tutoria.

Por outro lado, a escolha por não participar da seleção em prol da priorização da família também representa um momento de reflexão sobre o tempo necessário para a EaD e o tempo disponível para atenção aos objetivos de sua vida pessoal, que se materializa através da maternidade e do cuidado com o bebê que está por vir. Assim, Daiane estabelece limites ao tempo que o trabalho ocupa em sua vida pessoal, priorizando os sentidos do tempo livre para além da atividade profissional.

As experiências e estratégias utilizadas pelas tutoras para cumprir as obrigações que lhes foram dadas demonstram que a vida em torno do capital está dotada de responsabilidades que nos prendem ao trabalho e não nos permitem imaginar outras possibilidades de superação das condições de ingenuidade. Assim, ao considerar o trabalho na tutoria a distância como oportunidade de aproximação do ensino superior, como possibilidade de mais uma fonte de renda ou através da justificativa de identificação com o trabalho, as tutoras a distância estão confirmando a capacidade de persuasão do capitalismo em uma vida sem sentido fora do trabalho, além de reforçar a exploração da mão de obra trabalhadora na atividade profissional.

Por outro lado, conforme as experiências com a tutoria vão se concretizando, as tutoras percebem que é inviável manter uma carga de trabalho além do que o tempo do cronometrado pelo relógio pode dar conta. Assim, vivenciar a aceleração do tempo e a corrida pela organização em todos os momentos do dia voltada exclusivamente para o trabalho atinge seu limite e possibilita a reflexão sobre a real condição a que esses profissionais estão expostos.

Quando situações semelhantes acontecem, existe a necessidade de reavaliar o próprio tempo, como é o caso de Daiane quando diz:

*"Depois aliviou um pouco, porque aí eu fiquei com quarenta horas na educação básica, né; e aí eu tinha vinte horas pra me dedicar à educação a distância, né, o que muitas vezes também não acontecia,*

*né, porque principalmente na educação básica, a nossa carga horária é bem usada. A gente trabalhava mesmo as quarenta horas, né".*

Flávia também reflete sobre a organização do tempo e sobre os limites que impôs para atuação na tutoria: "*Assim, oh, eu tinha as manhãs livres. Então pra mim já era... Eu tinha aquelas quatro manhãs livres durante a semana que eu tentava me organizar. Nos finais de semana eu confesso que dava só uma olhada*". Estabelecer os momentos de dedicação ao trabalho é um caminho viável para dotar a vida de sentido para além do trabalho, pois a intenção não é fazer apologia contra o trabalho, mas sim pensá-lo e vivenciá-lo como uma atividade social justa em que a liberdade e a necessidade possam realizar-se mutuamente (ANTUNES, 2011).

A vida dentro do contexto social do trabalho também motiva prazeres. As atividades que realizamos enchem-nos de orgulho na medida em que conquistamos nosso espaço e nos tornamos referência na realização de determinado trabalho. Não é possível direcionar aos sujeitos trabalhadores a responsabilidade pela emancipação e superação das formas de exploração do Modo de Produção Capitalista, bem como não cabe a esses sujeitos a transformação das formas de dominação e precarização da atividade que desempenham na tutoria a distância; entretanto, é possível que esses indivíduos possam estabelecer alguns limites para a interferência da atividade profissional em suas vidas para além do trabalho, conquistando seus objetivos, tornando o tempo livre um pouco mais dotado de sentido.

Para Flávia, o trabalho tem um valor especial e a vontade de intensificar a dedicação à tutoria vem com a esperança de que um dia a situação de precarização desse profissional seja superada: "*Adoro! Adoro, adoro... Se eu tivesse tempo assim eu teria quarenta horas na tutoria e vinte no Estado (risos)... Não vão fazer concurso pra tutoria?*". A possibilidade de realização de concurso público para a tutoria seria, em grande escala a superação da situação da terceirização da mão de obra trabalhadora para prestação de serviços em educação, possibilitando, inclusive, a regularização de um tempo de trabalho que não intensificaria exorbitantemente a jornada diária dos profissionais que atuam na EaD.

Nesse movimento, caminham as lutas e reivindicações de muitos profissionais da Educação a Distância, pensando na institucionalização e regularização da situação contratual dos tutores e equipes técnicas que trabalham para o funcionamento dessa modalidade de educação. A continuidade na oferta dos cursos também refletiria a

superação da oferta *on demand* e possibilitaria mais segurança e garantia de direitos aos profissionais da EaD.

Perante o exposto, Antunes (2009) diz que a necessidade de instaurarmos um novo metabolismo social, baseado na realização do trabalho socialmente necessário e no tempo disponível para produzir valores de uso, também socialmente necessários, são os princípios centrais de uma nova organização social que garantirá que o sentido da vida esteja voltado exclusivamente para o atendimento das efetivas necessidades humanas e não mais para as necessidades do capital.

Para atingirmos a construção desse novo sistema o exercício do trabalho deve, prioritariamente, tornar-se sinônimo da autoatividade, ou seja, atividade livre, voltada para si e baseada no tempo disponível dos indivíduos (ANTUNES, 2009). Nessa nova ordem, o trabalho deverá superar a dicotomia entre o tempo de trabalho necessário para a reprodução social e o tempo de trabalho para a reprodução do capital, tempo em que o trabalho e a mão de obra servem ao sistema e não de forma autônoma desligando-se das formas de controle e dominação externas e superiores da esfera de convívio social.

Por ora, são as problematizações acerca da exploração da mão de obra trabalhadora e da intensificação do tempo de trabalho dos tutores a distância que possibilitam que a situação de opressão a que estão sujeitos esses profissionais sejam estranhadas.

### **Considerações finais**

A busca por uma vida cheia de sentido dentro e fora do trabalho perpassa pela realidade de vivenciarmos uma educação mercantilizada, em que a mão de obra terceirizada sumariza a reprodução social da exploração e alienação do trabalhador.

Os artifícios utilizados pelo sistema capitalista, para estabelecer os compromissos profissionais como prioridade na vida dos sujeitos, acabam por sufocar o trabalhador da EaD com o acúmulo de atividades e a ocupação de praticamente todo seu tempo disponível a serviço do mercado de trabalho, o que limita a vida social emancipada e humanizada. Assim, a situação de exploração a que estão submetidos

precisa ser colocada em evidência para que não sejam mais aceitas como naturalizadas as características da precarização do trabalho na vida desses indivíduos.

Desta maneira, problematizar o tempo utilizado pelos tutores para o cumprimento das demandas de trabalho da EaD e também a intensificação da carga horária semanal a que se sujeitam, somando às atividades para além da tutoria, possibilita que realizemos uma profícua reflexão sobre a lógica destrutiva do sistema capitalista, dotado de interesses financeiros e que em nada contribuem para a utilização do tempo em consonância com uma vida que valorize a identidade do indivíduo como um ser humano social, verdadeiramente livre (ANTUNES, 2011).

As lutas pelo direito ao trabalho digno na tutoria, a superação da situação contratual vigente desses profissionais, a regularização do tempo de trabalho e o estabelecimento de uma organização que possibilite a dedicação a essa modalidade de educação, sem extrapolar a ocupação integral do tempo livre dos tutores em prol do trabalho, caminham juntas para a desconstrução da atividade precarizada para a reconstrução de uma profissão socialmente necessária e politicamente valorizada.

Neste sentido, o alcance de um tempo livre e autônomo fora do trabalho, o estabelecimento de limites para o atendimento aos alunos da EaD e a realização do acompanhamento, seja em momentos síncronos ou assíncronos, sem comprometer os tempos de lazer dos profissionais, devem ser as buscas incessantes dos tutores a distância para que suas vidas fora do trabalho possam, também, contemplar atividades que não visem apenas a geração de recursos financeiros. Essa é uma maneira de se contrapor, ainda que minimamente, à lógica de exploração da mão de obra trabalhadora no sistema capitalista, embora ainda assim se saiba que essas ações não sejam suficientes para superar essa lógica.

Embora na EaD o tempo realmente seja mais acelerado do que na educação presencial, o trabalho desenvolvido pelos tutores não é menor, visto que a responsabilidade pelo acompanhamento dos estudantes é grande e gera acúmulo de atividades em um tempo reduzido para cumprimento das mesmas. Dessa maneira, a luta pela redução do tempo de trabalho e pela criação de políticas públicas que possibilitem a organização do tempo dos tutores torna-se legítima.

Para finalizar, ressalto que as estratégias utilizadas pelas tutoras para poder cumprir as responsabilidades assumidas são dignas de profissionais competentes e que



honram seu trabalho e sua profissão, pensando prioritariamente na formação dos sujeitos que optam pela Educação a Distância, o que, no entanto, não pode servir como justificativa para a manutenção das artimanhas do capitalismo na permanência da alienação, exploração e precarização do trabalho realizado pelos tutores a distância.

## **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15. ed. - São Paulo : Cortez, 2011.

ANTUNES, Ricardo L. C. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre afirmação e a negação do trabalho. 2º Ed. São Paulo : Boitempo, 2009.

ARROYO, Miguel G. Ofício de Mestre: Imagens e autoimagens. 12º Ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.

BRASIL – Ministério da Educação – MEC, Secretaria de Educação a Distância – SEED/MEC. Referenciais de Qualidade para Educação Superior a distância. Brasília : Ministério da Educação : Brasília, 2007. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/referenciaisead.pdf>>. Acesso em 26 de dezembro de 2013.

COSTA, Antonio Roberto F. O discurso da industrialização do ensino na Política Nacional de Educação a Distância. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. São Paulo, SP : Cortez, 2004.

MATTAR, João. Tutoria e interação em educação a distância. São Paulo : Cengage Learning (Série Educação e Tecnologia), 2012.

VALENTE, José Armando. MORAN, José Manuel. Educação a distância: Pontos e Contrapontos. ARANTES, Valéria Amorin (organizadora) - São Paulo : Summus, 2011.

# **TUTORIA A DISTÂNCIA E O RELACIONAMENTO COM OS ESTUDANTES: DESAFIOS DO TRABALHO E DA APRENDIZAGEM NA EAD**

Fabio Alexandre Dziekaniak

Vanise dos Santos Gomes

## **RESUMO**

Este artigo aborda as reflexões realizadas a partir dos relatos de cinco tutoras a distância que atuaram no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, vinculado ao Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB/CAPES, a respeito dos desafios do relacionamento com os estudantes que optam pela formação através da modalidade a distância. Ao longo da escrita, problematiza-se as experiências vivenciadas pelas tutoras no processo de constituição do relacionamento com os alunos do referido curso de Especialização, considerando as especificidades que a educação realizada a distância apresentam no cotidiano do trabalho das tutoras, analisando-as no sentido de refletir sobre as estratégias desenvolvidas pelas tutoras para alcançar a comunicação efetiva e construir com os estudantes as dinâmicas necessárias ao processo de aprendizagem em EaD.

Palavras chave: Educação Ambiental; Tutoria a Distância; Estudante; Aprendizagem.

O debate acerca da educação a distância tem estado cada vez mais presente no cenário de discussão entre professores e acadêmicos, considerando que a inserção de cursos realizados na modalidade a distância através do Sistema Universidade Aberta do Brasil tem abrangido diferentes profissionais como professores, tutores, revisores, diagramadores e tantos outros, todos envolvidos no desenvolvimento da EaD nas instituições de ensino superior públicas. Neste sentido, a realização de estudo científico acerca do trabalho desenvolvido por esses profissionais tem se tornado cada vez mais necessário, para que se possa refletir sobre a estrutura que regulamenta as ações educativas nessa modalidade de educação, dialogando sobre os impactos socioambientais dessa outra organização presente no campo educacional.

Desta forma, as discussões aqui presentes foram construídas a partir de pesquisa realizada no âmbito do mestrado, caracterizando-se como uma investigação qualitativa e foi realizada por meio de diálogo dirigido junto a cinco tutoras a distância atuantes na primeira edição do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade (realizado entre agosto de 2010 e junho de 2012), que versaram a respeito de suas experiências com a educação a distância, organização do tempo para atuação na tutoria e os sentidos do trabalho na tutoria a distância. Os cinco sujeitos de pesquisa são

graduados e pós-graduados e eram, na época da atuação na tutoria, professoras da Rede Municipal de Educação Básica, do Município de Rio Grande, estando vinculadas ao sistema Universidade Aberta do Brasil por meio de contrato temporário.

A citada pesquisa teve por objetivo compreender os sentidos que são atribuídos, pelos tutores a distância que atuaram no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, ao trabalho desenvolvido por eles na tutoria, levando em consideração as ações competentes a eles na função de tutor, a estrutura organizacional dos cursos de graduação e pós-graduação públicos oferecidos a distância e realizados com recursos do Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB, além de suas percepções acerca do processo educativo realizado na modalidade a distância.

Para respaldar as análises e estudos realizados durante a pesquisa, foram utilizados teóricos que versam sobre: Educação a Distância - EaD, pensando desde as questões organizacionais e de legislação até questões pedagógicas sobre o funcionamento da modalidade; a exemplo, cito Ligia Leite e Aparecida Dias (2010), João Mattar (2012), José Manuel Moran e José Armando Valente (2011); trabalho na teoria marxista construindo compreensões sobre os tipos de trabalho na sociedade capitalista, alienação do trabalhador e precarização do trabalho, analisando principalmente o trabalho docente e o desenvolvido pelos tutores a distância, sendo citados como principais autores Ricardo Antunes (2009) na teoria marxista e Miguel Arroyo (2010) sobre as questões da docência; e Educação Ambiental que conduz as discussões perpassando por todo o trabalho na construção de compreensões acerca das problemáticas da sociedade do capital, encontrando em Carlos Frederico Loureiro (2004), Mauro Guimarães (2004) e José Geraldo Pedrosa (2007) as principais contribuições.

Além do embasamento teórico que alimenta as discussões tecidas, foram utilizados estudos sobre Análise Textual Discursiva - ATD, cunhada por Moraes e Galiuzzi (2007), para compor o *corpus* de análise dos dados produzidos<sup>15</sup>. A metodologia utilizada possibilitou profícuas interpretações a respeito das informações coletadas nos diálogos, tornando possível eleger, após conclusão dos processos que compõem a ATD, três categorias de análise para a construção das compreensões sobre os sentidos do trabalho na tutoria a distância.

---

<sup>15</sup> Para maiores informações sobre a coleta e análise de dados, ver Capítulo 2 da Dissertação.

Neste artigo, abordo discussões sobre os desafios relatados pelas tutoras no processo de constituição de relacionamento com os estudantes ao longo da realização do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, refletindo sobre as experiências vivenciadas e as estratégias desenvolvidas pelas tutoras no estabelecimento da comunicação com os alunos. Passo, então, a entrelaçar os discursos das tutoras participantes da pesquisa com o suporte teórico que orienta esta escrita, construindo compreensões que foram possibilitadas no percurso de análise dos dados. Cabe ressaltar que os dados utilizados para a construção desta escrita fazem referência às experiências individuais dos sujeitos de pesquisa que contextualizam as ações desenvolvidas na tutoria a distância no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, mas também em outros cursos em que tiveram a oportunidade de atuar.

### **Tutoria a distância e o relacionamento inicial com os estudantes: dialogando sobre as especificidades da EaD**

No processo de formação realizado na modalidade de Educação a Distância, no contexto do Sistema Universidade Aberta do Brasil, o contato entre os estudantes e os tutores a distância acontece, principalmente, por meio de um Ambiente Virtual de Aprendizagem denominado Moodle, que se constitui por representar um espaço de comunicação, configurando-se como uma sala de aula virtual que abrange, além da troca de informações, o estabelecimento de relacionamentos entre os envolvidos no processo. Nesse ambiente, são realizadas as orientações e diálogos que compõem o processo de aprendizagem. É por meio do contato direto entre esses indivíduos que a EaD acontece, possibilitando que estudantes construam seus conhecimentos e debatam com os colegas sobre as temáticas abordadas nas disciplinas.

Neste sentido, o tutor adquire papel fundamental na construção do processo de aprendizagem, pois sendo ele o profissional responsável por orientar o estudante durante as descobertas acerca dos conhecimentos em questão, está sempre envolvido com os alunos, porque atua diretamente, através do Ambiente Virtual de Aprendizagem, na formação dos alunos, caracterizando-se como um professor mediador da aprendizagem, ou seja, aquele que realiza efetivamente o acompanhamento de todo o processo de

construção do conhecimento. Desta maneira, as experiências vivenciadas por eles tornam-se relevantes, compondo, neste momento, por meio dos diversos relatos das cinco tutoras participantes desta pesquisa a respeito das relações que se estabelecem com os estudantes, o artigo aqui intitulado "Tutoria a distância e o relacionamento com os estudantes: desafios do trabalho e da aprendizagem na EaD".

O trabalho docente desenvolvido por tutores adquire grande sentido, quando são relatadas, pelos sujeitos dessa pesquisa, as experiências e os conhecimentos socializados a partir do contato direto com os estudantes do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade. Os desafios da distância, os limites na comunicação através da linguagem escrita e a ansiedade gerada pelo afastamento dos estudantes do Ambiente Virtual de Aprendizagem são algumas das problemáticas citadas pelas tutoras ao longo de suas falas e que caracterizam o quanto o relacionamento com os estudantes é intenso e necessário para que possam se estabelecer vínculos afetivos que possibilitem a constituição de uma relação de confiança realmente sólida que contribua para a superação dos desafios enfrentados.

Para destacar esta análise inicial, trago a fala de Daiane<sup>16</sup> que, em poucas palavras, sintetiza um dos ensinamentos mais significativos de Freire a respeito da aprendizagem: *"[...] é por isso que eu sempre falo assim: A gente precisa conversar muito com os alunos e conhecer os alunos da educação a distância"*. Em consonância com os pensamentos de Freire (1996) a respeito da necessidade do diálogo no processo educativo, Daiane observa que, também na EaD, a base para a realização da formação de um sujeito está vinculada ao estabelecimento do diálogo como ação educativa indispensável. Neste sentido, o conhecimento inicial sobre cada aluno foi essencial para que o trabalho desenvolvido pelas tutoras pudesse contemplar os objetivos do curso ao qual estavam vinculadas, visto que, conhecendo os educandos, medidas puderam ser tomadas para que o acompanhamento do estudante acontecesse com respeito às dificuldades e ao tempo de aprendizagem de cada um.

Desta maneira, foi através do diálogo que as tutoras orientaram os estudantes nos primeiros passos necessários para a realização do processo de formação na modalidade a distância. Assim, ao refletir sobre as especificidades da EaD, as tutoras dizem que o principal conhecimento necessário à permanência do estudante nessa modalidade refere-

---

<sup>16</sup> Os nomes utilizados para designar as tutoras que participaram da pesquisa são fictícios. As citações dos sujeitos de pesquisa são apresentadas em itálico ao longo do texto.

se ao entendimento sobre o funcionamento da EaD, desmistificando a falsa ideia de que um curso realizado a distância seja fácil.

A esse respeito, Leila relata: "*É que na verdade eu acho que existe uma construção assim, de que a educação a distância é fácil*". O relato de Leila nos mostra o quanto o paradigma sobre a facilidade dos cursos a distância é difícil de ser desconstruído, principalmente com os próprios estudantes que, ao desconhecer os processos pedagógicos que envolvem a aprendizagem na EaD, não compreendem que a formação que estão se propondo a realizar é o alicerce para as futuras profissões que irão desempenhar.

Em consonância, Flávia também relata a importância de desconstruir com os alunos esse paradigma, orientando-os para o esclarecimento das especificidades que envolvem a EaD:

*"Uma outra questão que pra mim também foi bastante importante, é desmistificar que a EaD é fácil, né. Sempre se pensa: "Ah, como é que um curso a distância vai formar, vai ser um espaço de troca de aprendizagem, se a pessoa tá lá? Como são feitas as avaliações?"."*

A tutora aborda uma questão central no relacionamento inicial com o estudante da EaD: a importância de estabelecer com o aluno os espaços para a construção da aprendizagem. Dias e Leite (2010) dizem que a Educação a Distância, realizada via *web*, condensa uma infinidade de recursos tecnológicos que possibilitam que a comunicação entre os sujeitos se desenvolva a partir de uma nova concepção, em que todos interagem com todos, caracterizada pela reciprocidade no processo comunicacional. Assim, recursos do Ambiente Virtual Moodle como fóruns de discussão, ferramenta wiki, *chat* e glossário possibilitam o diálogo entre todos os participantes, permitindo a socialização de saberes e experiências que significam o processo de aprendizagem.

Em concordância com o relato de Flávia, Leila também fala da questão dos espaços e ferramentas utilizadas na EaD para a realização de diálogos e debates acerca das disciplinas, refletindo sobre as dificuldades que enfrentava para construir a cultura de participação nesses espaços: "*Pô, mas o professor põe um fórum e eles não participam, né. Eles não, não percebiam essa sala de aula que é o fórum, o quanto é importante esse diálogo, né*".

Neste sentido, Dias e Leite (2010) refletem a respeito das mudanças necessárias na postura do aluno que se propõe a participar da Educação a Distância, pois o processo educativo realizado em rede, em que todos os envolvidos estão conectados, exige o fim da passividade do educando na aprendizagem, dando espaço para a construção de sua autoformação, através da autonomia do sujeito na ação educativa.

As autoras dizem ainda que esse cenário tecnológico que vivenciamos na EaD nos tempos presentes aponta para leituras hipertextuais que exigem do educando uma mudança na concepção de ensino e aprendizagem. Assim, alcançar esse outro nível de compreensão acerca do processo de aprendizagem realizado a distância leva um certo tempo, necessitando de ambas as partes (tutores e estudantes) o estabelecimento de regras nessa complexa tarefa que é educar.

Levar em consideração o fato de que os estudantes da EaD não conhecem a dinâmica de trabalho dessa modalidade é essencial. A tendência inicial dos estudantes é tentar transpor os conhecimentos que se construiu a partir das experiências com o Ensino Presencial para o Ensino a Distância. Leila relata a respeito do estabelecimento de uma cultura de Educação a Distância: *"[...] então isso é uma coisa que eu acho que foi um choque que os alunos tiveram, principalmente os que primeiro fizeram"*.

Desta maneira, auxiliar os estudantes no entendimento sobre a organização da EaD foi um trabalho que coube às tutoras do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade realizarem. Por isso, o esclarecimento sobre a necessidade de utilização dos novos espaços para produção e socialização de conhecimentos como as listas de discussão, chats e comunidades virtuais auxiliaram no pertencimento dos estudantes à modalidade em questão. Para corroborar com o exposto, apresento o relato de Flávia a respeito da necessidade de auxiliar o estudante na construção dessa nova concepção de aprendizagem: *"A gente tem que fazer com que eles entendam que eles precisam de disciplina pra trabalhar com isso"*.

O reconhecimento da necessidade de esclarecimento inicial sobre o funcionamento da Educação a Distância foi tratado por todas as tutoras como um dos principais aspectos no relacionamento com os estudantes, pois foi a partir desse contato que o curso foi caracterizado como um curso responsável e dedicado na formação concreta dos educandos que se propuseram a participar.

E foi também por esse esclarecimento que aconteceram algumas desistências logo no começo do curso, conforme relata Daiane:

*"E na ocasião, muitas desistiram, porque algumas pensavam que a Educação a Distância da FURG ia ser a mesma Educação a Distância de outras universidades particulares, por exemplo, que aí tu faz um ano e tu tá com o canudo na mão e é tudo muito simples, tudo muito rápido".*

A questão abordada por Daiane está relacionada às diversas instituições que oferecem cursos na modalidade a distância. Muitas delas, principalmente as particulares, fazem da EaD uma mercadoria em que o produto a ser comercializado são os títulos.

A conquista por credibilidade na Educação a Distância dá-se de maneira lenta, pois a lógica do Modo de Produção Capitalista está presente na constituição e venda de formação de nível superior, na medida em que cursos de pouca qualidade, oferecidos por demanda, com tempo reduzido para realização, têm a mesma validade do que cursos que desejam uma formação sólida e responsável, prezando pela qualidade na constituição de sujeitos críticos e respeitando as etapas da aprendizagem. Mészáros (2008) apresenta a educação em tempos capitalistas como o processo de interiorização das condições de legitimidade do sistema que explora o trabalho como uma mercadoria, induzindo a aceitação dessas condições de maneira passiva e alienada.

Interessante pontuar, aqui, o que diz Leila, a respeito da Educação a Distância mercantilizada:

*"Outro é a questão dos cursos a distância particulares que são muito fáceis... são muito fáceis. Tinham colegas tanto no CAIC como no Zeli, que diziam: "Ah, mas em um ano eu faço um curso de especialização e tem melhora. Aí, eu vou lá de vez em quando"."*

A quebra de paradigma a respeito das facilidades na formação realizada através de cursos na modalidade a distância, no que diz respeito ao tempo de aprendizagem e à exigência dos cursos, está presente constantemente na fala das tutoras. Embora a estrutura da EaD subsidiada pela Universidade Aberta do Brasil não seja exatamente a melhor no que se refere ao trabalho docente e à organização do tempo de trabalho e do



tempo livre<sup>17</sup>, a seriedade dos cursos realizados pela instituição ao qual as tutoras estavam vinculadas não foi questionada; ao contrário, foi exaltada.

A esse respeito, Flávia relata: "[...] a gente entra na FURG e percebe que essa UAB tem, sim, muitos momentos bons". Assim, ao experienciar a tutoria a partir da UAB as tutoras demonstram que existe uma grande preocupação no que se refere à qualidade do curso em que estão trabalhando. A necessidade de formar um sujeito capaz de analisar e produzir conhecimentos acerca do que estudou estava marcada constantemente nos objetivos das tutoras.

Neste sentido pontuo o relato de Daiane que diz:

*"[...] vamos falar assim: então eu acho que tem coisas que o aluno, ele tem que perceber isso; eu não posso sair de uma faculdade, eu não posso terminar um curso superior, sem saber nada daquilo; eu preciso saber alguma coisa, né; pelo menos as teorias básicas, pra depois me levar lá pra prática, porque senão não tem função. Aí não é um profissional".*

A busca por uma formação que possibilitasse um olhar atento às problemáticas vivenciadas no contexto da Educação de Jovens e Adultos era a maior preocupação dos sujeitos dessa pesquisa. Logo, o incentivo e o acompanhamento aos alunos da especialização era constante. Tanto que, em muitos momentos, os afastamentos da plataforma e o desinteresse que transparecia aos olhos das tutoras com relação ao comprometimento dos estudantes foram motivo de muita angústia para as cinco profissionais entrevistadas.

Dias e Leite (2010) afirmam que na Educação a Distância a necessidade de constituição de um sujeito aprendiz caminhar por sua formação de maneira autônoma é essencial para a realização do processo formativo na modalidade em questão. A fala de Daiane retrata que o interesse e o engajamento pela aprendizagem devem partir da iniciativa do estudante, que precisa ter em mente que sua formação dependerá da construção de conhecimentos básicos que possibilitem a atuação profissional que almeja.

Em EaD discute-se que o aprendiz precisa adquirir autonomia em sua formação profissional. Assim, conforme esta premissa, Dias e Leite (2010), embasadas na teoria Piagetiana, definem a autonomia como a capacidade de autogovernar-se

---

<sup>17</sup> As discussões sobre trabalho e tempo na tutoria a distância foram desenvolvidas em artigos anteriores, intitulados, respectivamente: "Tutoria a distância: sobre o trabalho e a docência" e "Os sentidos do tempo na tutoria a distância: limites do tempo dentro e fora do trabalho".

conscientemente a partir das regras sociais de conduta, considerando que esse seja o estágio mais alto de reflexão sobre o controle das próprias ações de um indivíduo, devendo necessariamente passar por etapas anteriores no período da infância até atingir esse nível de maturidade.

Desta maneira, as autoras relatam que a construção dessa autonomia não se dá imediatamente, pois requer conhecimentos sobre a própria capacidade de o indivíduo auto-organizar-se, visto que são as experiências vivenciadas que possibilitam o desenvolvimento da autorreflexão e posteriormente da auto-organização.

Com isso, na Educação a Distância, o indivíduo que nunca vivenciou experiências semelhantes relacionadas à sua formação intelectual, obviamente necessitará de um tempo de experiencição para realizar as reflexões necessárias no que se referem à organização do tempo, comprometimento com a aprendizagem, hábito de estudo, entre outras questões específicas a cada sujeito.

Neste sentido, as tutoras dizem que, no início do curso, a presença delas era essencial na construção e nos entendimentos sobre essa outra realidade que se apresentava aos estudantes: a construção de uma aprendizagem autônoma. Para Belloni (1999), a aprendizagem autônoma significa centrar o processo de aprendizagem no sujeito aprendente, aproveitando suas experiências como recursos pedagógicos para realizar a construção do conhecimento. Nesta perspectiva, o professor e o tutor são também recursos disponíveis ao educando no processo de formação, visto que, considerando o aluno como um sujeito autônomo, gestor de seu processo de aprendizagem, deve ser capaz de autodirigir esse processo.

Com relação a esse aspecto, Daiane diz: *"[...] e eles precisam, era um curso que tava começando, então os alunos pediam muito da gente assim, era mensagem toda hora, mensagem, mensagem até no celular, e-mail, mensagem direto na plataforma"*. Por isso, ainda que o sujeito aprendiz em EaD necessite do desenvolvimento da autonomia em seu processo de formação, o acompanhamento das tutoras sempre foi frequente, considerando que na EaD, desenvolvida na instituição em que as entrevistadas estavam vinculadas, a aprendizagem dava-se pelo diálogo teórico e pela socialização de experiências entre os estudantes mediadas pelas tutoras.

Neste sentido, a aproximação entre as tutoras e os estudantes possibilitaram, além do desenvolvimento da aprendizagem autônoma, alguns entendimentos sobre a

presença de um outro profissional, além do professor, durante o processo de formação. A atuação do tutor no Ambiente Virtual de Aprendizagem em alguns momentos confunde os estudantes, pois a figura central no processo educativo sempre foi o professor.

Arroyo (2010) convida-nos a pensar sobre a cultura do cotidiano escolar em que a ação educativa gira em torno dos professores, do ofício que desempenham e da qualificação que possuem. Essa cultura instaurada da centralidade do professor tornou o relacionamento com os estudantes da EaD tumultuado em alguns aspectos.

Como exemplo, Leila fala de uma situação que vivenciou com um aluno a respeito da participação do tutor no processo de aprendizagem:

*"[...] uma vez, uma pessoa lá em São Lourenço, chegou pro professor e pegou e falou assim: "Professor, o meu trabalho é assim, assim e assim. O senhor viu?" E o professor falou assim: "Meus ouvidos e meus olhos é a Leila, eu não vi... o que ela me diz é que eu sei o que é"."*

Construir com os estudantes a cultura de que o tutor é tão responsável pelo processo educativo quanto o professor da disciplina foi desafiador, pois a tendência é que sigamos em direção ao que Arroyo (2010) fala a respeito do dever ser do professor, aquele sujeito que acompanha o processo educativo e que domina os saberes, artes, teorias e métodos dos processos pedagógicos. A hierarquia que acompanha o professor, mesmo que esse sujeito não sinta o poder que lhe é atribuído, impede que a figura do mestre seja substituída pela de outro profissional, que acaba por adquirir características de incapacidade para realizar o acompanhamento da aprendizagem.

Flávia também relata a respeito do relacionamento entre estudantes e professores: *"[...] os alunos estão preocupados com aquela disciplina e com aquele professor, tanto que, quando eles têm alguma coisa pra reclamar, mais, assim, pontual, eles vão direto no professor, como se eu, como tutora, não fosse resolver"*. Relato que marca além da hierarquia a posição do professor como superior no processo educativo, inferiorizando a ação docente realizada pelo tutor.

Em concomitância, trago outra fala de Leila a respeito da insegurança e do poder da avaliação no reconhecimento do professor como detentor desse poder: *"[...] para os estudantes então fica parecendo: "Não, eu tô diretamente ligado ao professor; não tô ligado ao tutor; aí quem vai me dar a nota é o professor", que não é verdade"*. O medo da avaliação e a dependência pelo professor são reproduções das vivências dos próprios

estudantes que, como profissionais, são em sua maioria professores e têm com seus alunos a mesma relação hierárquica que é tecida quando estão na condição de alunos.

Segundo Arroyo (2010), esse contexto também abriga marcas de uma educação mercantilizada, em que há a racionalização empresarial do processo educativo, descentralizando a relação interpessoal e focando na qualidade total que se espera da ação educativa. Para desmistificar essa condição de educação industrializada, é que educadores e educandos convivem entre si no ambiente de sala de aula (e, no caso da EaD, pelo Ambiente Virtual e pelos contatos por meio dos Encontros Presenciais), possibilitando que o conhecimento e o esclarecimento sobre a ação educativa estejam sempre vinculados ao relacionamento entre as pessoas que fazem parte do processo e não apenas no resultado que se deseja alcançar.

Desta maneira, a comunicação entre professores, tutoras e estudantes é essencial para estabelecer as devidas relações, bem como a importância e o reconhecimento do papel de cada profissional no fazer pedagógico em EaD. Para corroborar, Flávia destaca que suas ações estavam sempre em concordância com professores e estudantes, dizendo o seguinte: "*[...] eu fico mediando entre eles e o professor*".

A permanência constante do tutor na plataforma de aprendizagem garante que a comunicação com o estudante seja contínua, realidade representada por Valente (2011), a partir da teoria do "estar junto virtual" que compreende a realização de ciclos de ações que facilitam a comunicação via Internet e conseqüentemente o processo de construção da aprendizagem. Nesses ciclos, alunos e tutores realizam diversas trocas de informações com o objetivo de compreender e superar o nível de conhecimento sobre determinado assunto.

As informações decorrentes dessa comunicação são analisadas pelo tutor e retornadas ao estudante com questionamentos e problematizações, possibilitando que o estudante realize nova reflexão e dê continuidade nas interações com o tutor. Também é possível e necessário que as interações sejam realizadas entre os estudantes, formando uma roda de diálogo virtual com vistas a atingir os objetivos da disciplina em questão.

Assim, o ciclo integra aprendizes e tutores que refletem, agem, descrevem indagações e reportam ideias, formando a rede do "estar junto virtual".

Entretanto, segundo o autor, essa perspectiva tem sucesso apenas se, ao interagir com o tutor e com os demais colegas, o estudante estiver engajado e comprometido com

sua formação objetivando a resolução de um problema ou com intenção de satisfazer alguma dúvida, considerando que a interação depende do interesse pela participação nos diálogos.

Essa realidade, em alguns momentos, causou instabilidade tanto para os tutores quanto aos estudantes, pois conforme a fala de Flávia só é possível que um estudante mantenha-se na EaD se houver um interesse grande por sua própria aprendizagem: "*[...] aquele aluno que não tivesse muito interesse ou aquele aluno que tava entrando ali só por entrar, chegasse a um ponto que ele de fato ou ele reagia e tomava conta daquilo ou ele desistia do curso*".

Assim, interesse e autonomia no processo de aprendizagem dependem, entre outros fatores, do tratamento que o estudante dá à sua formação, pois, conforme Dias e Leite (2010), as duas questões citadas pressupõem que, para atingi-las, o indivíduo precisa crescer, amadurecer a partir da interação com os outros e comprometer-se ética e profissionalmente, agindo, intervindo e mudando sua condição em busca do aperfeiçoamento intelectual e da superação de suas dificuldades.

Outra questão que interfere no interesse dos educandos pela formação está relacionada ao tempo disponível para o acompanhamento das atividades realizadas na modalidade a distância. Assim como os tutores, os estudantes também estão inseridos na lógica do Modo de Produção Capitalista, sujeitos à intensificação da jornada de trabalho e à ocupação do tempo livre com a necessidade crescente de qualificação imposta pelo sistema capitalista com vistas a prepararem-se mais para trabalharem mais.

Essa realidade é evidenciada nas palavras de Alice: "*[...] nós trabalhávamos muito nas madrugadas. Eu tinha várias alunas que era assim, e os fins de semana... porque elas também organizavam o tempo assim*". A organização do tempo para atender as demandas de formação também se apresenta aos alunos como um desafio para a permanência na Educação a Distância, interferindo diretamente na intensidade que dedicam aos estudos.

Foi nesse sentido que as tutoras trabalharam e dedicaram sua atenção à construção de um relacionamento próspero com os estudantes, pois o compromisso com a formação e a responsabilidade que assumiram com a tutoria apoiavam-se na vontade de vê-los crescer. Da mesma maneira, em virtude de garantir que, ao longo do processo de aprendizagem não houvesse dúvidas sobre a exigência e seriedade que construíram

desde o início do curso, foi necessário que estabelecessem limites que possibilitassem aos estudantes a construção de um ritmo de estudos para o acompanhamento das disciplinas, evitando o acúmulo de tarefas e o estreitamento dos prazos.

Ainda assim, com todo o diálogo tecido, as tutoras manifestam em seus relatos que os estudantes, em muitos momentos, não *encararam* o curso com a devida responsabilidade.

*"[...] a disciplina de Meio Ambiente mesmo, eu lembro que na atividade presencial era a apresentação de um trabalho, e todos aqueles alunos que já vinham com uma certa dificuldade na disciplina, que não participavam de fórum, que não dava retorno nas mensagens, foram os que mais tiveram dificuldade de responder questões naquela aula presencial" (Flávia).*

As palavras de Flávia relatam o quanto o afastamento dos alunos prejudica o desempenho nas atividades das disciplinas. Nesse processo, podemos compreender que a interação entre os sujeitos realmente possibilita a construção da aprendizagem, visto que, ao afastar-se, o estudante não acompanha os diálogos realizados e conseqüentemente não consegue articular-se diante de uma apresentação, como foi o caso citado.

Neste sentido, a tutora fala:

*"Esse desaparecimento todo deles, às vezes da plataforma, pô, tu olha e ele não entrou; faz 4 dias, faz 5 dias que ele não entra e a tarefa tá ali pra ser postada; e eles te procuram aos 45 do segundo tempo, lá faltando vinte minutos pra encerrar o horário pra entregar a tarefa" (Flávia).*

Com o exposto, trago contribuições de Valente (2011) a respeito da realização de um diálogo com os estudantes e o real aproveitamento desse diálogo no processo de aprendizagem. O autor afirma que, embora exista o esclarecimento entre tutores e estudantes sobre o funcionamento da EaD, fato também relatado pelos sujeitos dessa pesquisa, a realização de diálogo com o coletivo não garante que a interação entre os participantes aconteça de forma efetiva, ocorrendo em diversos momentos apenas a troca de informações com sentido comunicacional.

Assim, o afastamento da plataforma exige que o diálogo estabelecido com o estudante a respeito da necessidade de dedicação e comprometimento com sua própria aprendizagem atinja um nível mais profundo, devendo o tutor, e também o professor da disciplina, estarem preparados no sentido de conhecer realmente os processos de

construção do conhecimento em EaD para que a interferência que farão no relacionamento com o aluno possa ser mais efetiva.

Valente (2011) ainda diz que o diálogo tem um espaço tão importante na formação de um sujeito, que o fato de o professor agir sobre o estudante ou do estudante agir sobre o professor não significa que existam momentos de interação entre ambos. O que realmente possibilitará a interação é a intensidade da participação das duas partes e principalmente o interesse do aluno em alcançar níveis superiores de conhecimento, visto que a simples transmissão de informações não possibilita aprendizagem, mas sim a realização de um tratamento crítico dessas informações mediante reflexão e socialização com a turma e com o tutor.

Por outro lado, as tutoras apontam para mais uma situação que pode prejudicar o estabelecimento de momentos de interação entre tutores e estudantes e que está relacionado com a dificuldade dos alunos em estabelecer a comunicação por meio da linguagem escrita, principal ferramenta utilizada em EaD para realização de diálogos.

*"[...] ainda como desafio... um também bastante significativo é o fato de que às vezes parece que eles não entendem o que foi pedido. O professor posta uma tarefa, né, e o aluno não entende assim... e aí tu explica, mas ele ainda não entendeu e daí parece que tu queres pegar e sentar do lado deles e: "só um pouquinho, é assim que isso funciona, o professor quer que tu faça isso, isso e isso"" (Flávia).*

A comunicação estabelecida com os estudantes reflete o grau de interação que será realizado no ambiente virtual. Mas quando a comunicação não consegue atravessar as barreiras da distância, como é o caso citado por Flávia, encontramos um impasse complexo que envolve tanto a linguagem utilizada nessa comunicação, quanto os recursos, que nesse caso é a Internet.

A linguagem escrita utilizada em EaD para comunicação direta entre os participantes possui limitantes quando comparada à comunicação oral realizada presencialmente. Abreu-e-Lima e Alves (2011) relatam que estudos realizados a respeito da interação por meio das ferramentas tecnológicas, seja em momentos síncronos ou assíncronos, perdem cerca de 93% das possibilidades de expressão utilizadas nas interações presenciais.

Ainda conforme os autores, tonalidade, intensidade e ritmo da voz e linguagem corporal são elementos que compõem a comunicação presencial e que na modalidade a distância precisam ser substituídos por artifícios que a linguagem escrita possui. Neste

sentido, a utilização de recursos tipográficos como as imagens com expressões faciais denominadas *emotions* (emoção + ícone), a combinação de letras maiúsculas e minúsculas, utilização de recursos como itálico, negrito e sublinhado, e também a escolha de palavras de fácil entendimento, tempos verbais e principalmente os sinais de pontuação conferem às mensagens escritas outras possibilidades de transmitir a informação, complementando a comunicação com o estudante.

Outra dificuldade citada por Flávia está relacionada com a distância geográfica existente entre tutor e estudante. Embora pensemos a partir das contribuições de Valente (2011) a respeito do "estar junto virtual" que minimiza em grande escala os efeitos da distância física no processo de aprendizagem, permanecem as dificuldades no entendimento por meio da comunicação escrita, o próprio afastamento do Ambiente Virtual de Aprendizagem e as dificuldades com a tecnologia.

Alice fala a respeito dessas dificuldades:

*"Em muitos momentos, nós ainda temos dificuldade em realizar o trabalho a distância e não estar ali com o teu aluno... ainda temos... por mais até estranho que possa parecer... Nós vivemos num mundo com tantas possibilidades tecnológicas, mas nem sempre todos têm esse acesso. Então os nossos alunos, era o grande desafio, os alunos, nem todos tem o acesso que a gente imaginava que eles tinham e isso dificultava".*

Um somatório de fatores que, em conjunto com os desafios da distância física, influenciam e determinam as relações que são constituídas entre tutores e estudantes, pois dependendo das problemáticas enfrentadas durante o período do curso, a relação estabelecida afeta positivamente ou negativamente o processo de aprendizagem do estudante e o trabalho desenvolvido pelas tutoras.

A falta de acesso à internet, por exemplo, atrapalha e distancia os estudantes, mesmo que esse afastamento seja em função de uma força externa, pois impede que o estudante participe das atividades, estando menos presente no Ambiente Virtual de Aprendizagem. A pouca frequência na plataforma limita o contato entre o tutor e o estudante e impede que se construam relações que possibilitem maior confiança entre ambos. Consequentemente, com o afastamento, intensificam-se as cobranças e exigências de participação.

Outra situação comum no processo de comunicação em EaD está relacionada à interpretação das informações presentes no diálogo. As formas e os artifícios da linguagem escrita citados acima estabelecem o tom que desejamos dar ao diálogo.



Segundo Abreu-e-Lima e Alves (2011), esse tom pode ser agradável, bem humorado, curioso ou ainda sarcástico, bajulador e autoritário. Entretanto, mesmo o tutor utilizando os recursos da língua escrita para dar o tom que deseja a sua escrita, a interpretação fica a cargo do estudante no momento da leitura da mensagem.

Mais um desafio da comunicação a distância, conforme relata Leila: "*Ah, aí esse distanciamento às vezes fazia parecer que eu era muito dura. Eu sou mesmo. Eu sou das ciências duras. Então eu sou muito direta*". A tutora diz que, em muitos momentos, suas intervenções foram consideradas críticas demais, inclusive afetando as características de seu perfil profissional e até pessoal perante alguns alunos, sendo considerada como uma pessoa rude e severa por parte dos estudantes.

Neste mesmo movimento, Leila também fala dos impactos de suas contribuições no processo de aprendizagem dos alunos:

*"Mas não é reclamar, né... mas também eu acho que isso é a visão que se tem de educação; não é reclamar, não. A pessoa outra tá pra contribuir. Eu falo que "olha essa parte não tá boa, precisa melhorar." Na verdade eu tô querendo ajudar"*.

As avaliações realizadas pelas tutoras em relação aos trabalhos dos alunos eram vistas como críticas, quando na verdade o processo de construção da aprendizagem passa obrigatoriamente pela apropriação da escrita do estudante, análise e retorno com os devidos questionamentos. Mattar (2012), ao tratar sobre a avaliação, relata que, dependendo do relacionamento estabelecido com o estudante, o processo avaliativo torna-se brando ou agressivo, pois o impacto dos retornos realizados aos alunos dependerá do nível de satisfação do estudante com relação ao trabalho do tutor. Se o estudante considera o tutor muito crítico e insensível o retorno de suas avaliações impactará negativamente. Porém, se o estudante compreende o tutor como um profissional afetivo, que está disposto a auxiliar, considerará a avaliação como uma possibilidade de ampliação de sua visão crítica, afetando-o de maneira positiva.

Mattar (2012) também diz que, na medida do possível, o tutor deve discutir com os alunos a respeito do processo avaliativo bem como os demais aspectos da disciplina e da Educação a Distância. Assim, considerar a avaliação como uma prática educativa possibilita que ambas as partes do processo apropriem-se de subsídios que ampliem a compreensão crítica da realidade sem se desvincularem da teoria.

Neste sentido, a avaliação deixa de ser um instrumento de verificação da aprendizagem e transforma-se em parte integrante e essencial no processo de ensino-aprendizagem (DIAS E LEITE, 2010). Dessa maneira, estabelecer e esclarecer os critérios avaliativos e de acompanhamento da aprendizagem dos estudantes diminui o impacto negativo que culturalmente se tem com relação à avaliação. Para exemplificar, Leila relata problemática semelhante: "*[...] eu sei, porque no fim, na última banca, tinha uma das pessoas que se incomodava comigo, que falou: "Ai, eu sabia que a Leila ia tá na banca, ia reclamar"*".

Por outro lado, o relacionamento com os estudantes também representa a constituição de relações concisas que perduraram para além do período de realização do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade. Sobre o estabelecimento de tais relações, Alice relata: "*[...] tenho relacionamentos com alunos que se tornaram amigos*".

A respeito do relacionamento que construiu com os estudantes da EaD, Daiane fala: "*E ao mesmo tempo assim, pontos positivos né, acho que a gente conheceu muitas pessoas diferentes, lugares diferentes, perspectivas de vida diferentes*". O fato de poder estabelecer com os estudantes relações que caminham para além da aprendizagem demonstra que as tutoras conseguiram, mesmo com as adversidades apresentadas anteriormente, construir relações interpessoais com os alunos que se constituíram como elemento facilitador no processo de aprendizagem, possibilitando a efetivação das ações educativas no trabalho da tutoria (acompanhamento aos alunos, diálogo, avaliação).

No mesmo sentido, Flávia fala com satisfação do relacionamento que constituiu com os estudantes e do quanto o trabalho dela contribuiu no caminho que os educandos percorreram para a construção de suas aprendizagens:

*"[...] o que eu mais gostei na especialização mesmo, que foi um curso que eu posso dizer que eu fui do início ao fim, é ver o crescimento, né. Alunos que não... que não escreviam uma lauda e que fizeram um TCC maravilhoso. Alunos que tinham dificuldades de responder simples questões, uma entrevista e depois fizeram trabalhos riquíssimos, lá no final, deram um show na banca, então, ver aquele crescimento"*.

Perceber que a ação docente desenvolvida pelos tutores contribui para a aprendizagem e formação de diversos profissionais orgulha e motiva. As tutoras demonstraram satisfação em poder acompanhar os estudantes e relacionar-se com eles,

possibilitando além da construção dos conhecimentos a superação de dificuldades no curso e até fora dele.

Os reflexos desse relacionamento positivo nos possibilita contrapor, ainda que minimamente, a lógica do Modo de Produção Capitalista, pois alcança em muitos momentos uma educação mais humanizada que se baseia no diálogo, compreensão e no relacionamento afetivo entre tutoras e estudantes. Esses momentos tornaram a aprendizagem mais significativa, conforme relata Ivana: *"[...] mas ao mesmo tempo feliz, porque eu via a vontade deles também de aprenderem, e do compromisso que eles tinham; e isso tudo motiva a gente, quando tu vê que o aluno também corresponde né aquilo que é lançado pra que ele faça"*.

A tutora ainda comenta brevemente sobre os reflexos do bom relacionamento com os alunos, apontando o respeito ao tempo da aprendizagem como uma premissa essencial para a permanência na EaD: *"[...] eu acho que a maioria aproveitou muito assim. Tem algumas exceções, mas algumas coisas que a gente não sabe lidar de uma forma, mas cada um tem o seu tempo pra responder àquilo que é exigido pra eles"*.

O relacionamento entre os estudantes e o grupo de tutores é tão complexo quanto os relacionamentos que se estabelecem em um ambiente presencial entre professores e alunos. Conquistar, ser afetivo, entender os problemas, conseguir comunicar-se não é tarefa fácil em nenhum espaço. O importante é pensar que, mesmo com uma confusão de sentimentos, tutoras e alunos conseguiram alcançar seus objetivos e fizeram desse curso muitas possibilidades de evolução intelectual e profissional.

Para finalizar, ressalto que o trabalho desenvolvido pelas tutoras buscou a realização do processo de formação dos estudantes com qualidade, comprometimento e atenção às dificuldades de cada educando. Os conflitos e as lutas estiveram presentes no diálogo e no engajamento para a constituição de profissionais capazes de refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos de forma ética e crítica. E o estabelecimento de um relacionamento verdadeiro e comprometido com a aprendizagem culminou na superação de grande parte das dificuldades vivenciadas pelas tutoras no trabalho realizado, possibilitando que os impactos dos desafios enfrentados na Educação a Distância diminuíssem.

## **Considerações Finais**

O estabelecimento de um bom relacionamento entre tutores e estudantes da Educação a Distância possibilitou que os problemas vivenciados na aprendizagem fossem sendo superados na medida em que as situações aconteciam. Vivenciar uma modalidade de educação diferente da que se está acostumado é um desafio complexo e exige postura profissional e ética para que o trabalho realizado seja comprometido e qualificado.

O estigma criado em torno da EaD de que as ações educativas são fracas e de que os processos de aprendizagem são fáceis faz com que muitos estudantes procurem a modalidade para receber uma titulação sem que sejam dispostos muitos esforços para essa conquista. O trabalho inicial das tutoras está no sentido de esclarecer a qualidade que se pensa necessária em qualquer tipo de formação, independente do nível ou do modo de sua realização, além de orientar sobre a seriedade do curso ao qual estavam se propondo a participar. Com isso, a desmistificação de que um curso realizado a distância é mais fácil possibilitou que os estudantes realmente interessados na temática empenhassem-se para que sua formação pudesse refletir a construção de profícuas aprendizagens.

Entretanto, outras dificuldades foram enfrentadas durante a realização do curso. Assim, ao pensar em possibilidades para auxiliar nas problemáticas vivenciadas, as tutoras conquistaram tanto a confiança dos estudantes como demonstraram que seu profissionalismo contribuiu para que os impactos desses problemas fossem sendo diminuídos e superados conforme passaram os períodos do curso.

Neste sentido, considerar a valorização das pessoas e a construção da aprendizagem foi o foco do trabalho desenvolvido pelos sujeitos desta pesquisa, visto que as ações educativas foram direcionadas para viabilizar o desenvolvimento intelectual dos educandos, possibilitando que os desafios da modalidade de educação a distância interferissem minimamente no processo de formação. Foi nesse contexto que as tutoras, em alguns momentos, pareceram até rígidas demais, pois exigiam comprometimento dos estudantes e cobravam deles a postura de responsabilidade perante seus processos de formação.

No mesmo movimento, as problemáticas vivenciadas no caminho da comunicação entre alunos e tutoras estava entre as principais medidas de ação dessas profissionais. Estudar, analisar as situações e pensar estratégias para possibilitar que a comunicação efetiva se realizasse e que a interação entre os sujeitos fosse proveitosa no processo de aprendizagem realizado a partir das especificidades da EaD (linguagem escrita, recursos tecnológicos, aprendizagem autônoma) contribuiu tanto para a formação dos estudantes quanto para a confirmação, por parte das tutoras, da EaD como uma alternativa viável de realização do processo de aprendizagem.

As tutoras realmente esforçaram-se para que os estudantes pudessem vivenciar momentos profícuos de discussão, sem deixar de valorizar e repetir as dificuldades de cada um. Neste sentido, a superação dos desafios impostos pela tecnologia e pela comunicação através da linguagem escrita exigiu tanto das tutoras quanto dos estudantes, inicialmente, paciência para compreender as formas que possibilitassem o estabelecimento do contato entre ambos efetivando o processo de comunicação.

Além disto, em um segundo momento, exigiu que ambos, mas principalmente os estudantes, se comprometessem com a aprendizagem, provocando uma mudança no processo de comunicação, ou seja, passando da simples transmissão de informações para interação entre tutores e estudantes e também entre os próprios estudantes.

No mesmo movimento, houve grandes transformações nos hábitos dos estudantes com o auxílio das tutoras, no sentido de tornar a aprendizagem mais autônoma, visto que na EaD a autonomia está elencada como método utilizado para a formação dos indivíduos.

Diante de tudo que foi exposto acerca do relacionamento que se constituiu entre estudantes e tutores ao longo do período de realização do curso, pude considerar que a superação das dificuldades e conquista dos objetivos só foi possível em virtude do estabelecimento de um diálogo verdadeiro que orientava e direcionava tanto o trabalho dos tutores com relação a medidas que foram necessárias para a resolução de cada situação vivenciada, quanto à aprendizagem dos alunos nas ações educativas desenvolvidas em suas formações.

Portanto, o estabelecimento do diálogo e das formas de comunicação é necessário em qualquer espaço educativo. Estudantes e tutores da EaD precisam apenas adaptar para a realidade que a tecnologia apresenta as formas de comunicação que

melhor satisfaçam as especificidades dessa modalidade. No que se refere ao relacionamento entre as pessoas, não se pode determinar estratégias fixas para a efetivação da comunicação interativa.

A EaD oferece múltiplas possibilidades educacionais, podendo ser exploradas diversas ferramentas com vistas a estabelecer a comunicação entre os participantes. Cada contexto exige que estratégias diferentes sejam pensadas e executadas para atender as necessidades de cada grupo. Assim, as abordagens realizadas neste artigo representam apenas uma realidade, sem generalizações, e retratam os conhecimentos e experiências de um grupo de profissionais que, engajadas com a formação de seus alunos, fizeram o que estava ao seu alcance para estabelecer com eles um relacionamento ético e afetivo.

## REFERÊNCIAS

- ABREU-E-LIMA, Denise M. de. ALVES, Mario Nunes. O feedback e sua importância no processo de tutoria a distância. *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 189-205, maio/ago. 2011.
- ANTUNES, Ricardo L. C. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre afirmação e a negação do trabalho. 2º Ed. São Paulo : Boitempo, 2009.
- ARROYO, Miguel G. Ofício de Mestre: Imagens e autoimagens. 12º Ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.
- BELLONI, Maria Luísa. Educação a Distância. Campinas: Autores Associados, 1999.
- DIAS, Rosilâna A. LEITE, Lígia S. Educação a Distância : da legislação ao pedagógico. 2. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP : Paz e Terra, 1996.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. São Paulo, SP : Cortez, 2004.
- MATTAR, João. Tutoria e interação em educação a distância. São Paulo : Cengage Learning (Série Educação e Tecnologia), 2012.
- MÁSZÁROS, Instván. A educação para além do capital. 2.ed. São Paulo, SP : Boitempo, 2008.
- VALENTE, José Armando. MORAN, José Manuel. Educação a distância: Pontos e Contrapontos. ARANTES, Valéria Amorin (organizadora) - São Paulo : Summus, 2011.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever as considerações finais de um trabalho não significa dizer que ele chegou ao fim. O início da caminhada é repleto de incertezas, dúvidas, possibilidades e os direcionamentos que tomamos nos levam a algumas respostas, mas não a todas. Já o final da caminhada permite-nos dizer que conhecemos aquele trecho, mas somente os pequenos espaços em que nossas pegadas ficaram marcadas, restando uma infinidade de outros caminhos a serem percorridos. A contribuição da minha caminhada servirá como orientação para a descoberta de outras trilhas, fortalecendo meus laços com a pesquisa e ampliando meu campo de atuação enquanto pesquisador.

Quando iniciei este estudo desejava aprofundar meus conhecimentos sobre o trabalho na tutoria com a intenção de compreender a complexidade do trabalho desenvolvido pelos tutores, visto que os espaços que tive a oportunidade de vivenciar possibilitaram o despertar de diferentes inquietações a respeito da referida atividade.

Neste sentido, para realizar a construção dos referidos entendimentos, ouvi cinco tutoras que atuaram no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade acerca de suas experiências com a Educação a Distância e com as atividades desenvolvidas por elas na tutoria, objetivando compreender que sentidos atribuíam ao trabalho de tutoria a distância. Este contato oportunizou que eu conhecesse suas vivências, significando-as e ampliando meu olhar sobre o trabalho realizado na tutoria.

Neste percurso investigativo, o aprofundamento teórico nos referenciais sobre Educação Ambiental, Educação a Distância e Trabalho no Modo de Produção Capitalista possibilitou que meu entendimento sobre essa atividade profissional alcançasse um olhar mais crítico. Assim, ao refletir sobre os relatos das tutoras, três categorias emergiram do processo de análise: Tutoria a distância - questões que influenciam as condições de trabalho; Os sentidos do tempo na Tutoria a Distância - limites do tempo dentro e fora do trabalho; Tutoria a distância e o relacionamento com os estudantes - desafios do trabalho e da aprendizagem na EaD.

No movimento de análise, compreendi que trabalho, tempo e aprendizagem estão relacionados entre si e formam um conjunto de elementos que corroboram para que a tutoria a distância se desenvolva atendendo aos moldes da sociedade capitalista.

Percebi que a tutoria envolve diferentes aspectos que estão para além da efetivação do trabalho na prática, considerando que sua realização se entrecruza com uma estrutura organizacional que abrange muitas características da exploração da mão de obra trabalhadora no contexto do sistema capitalista.

Assim, o reconhecimento dessa outra concepção acerca do trabalho das tutoras, que se diferencia do romantismo idealizado por mim em torno da profissão no início da pesquisa, possibilitou que o olhar crítico e atento às formas de dominação do sistema capitalista se sobressaísse em relação à concepção primeira sobre a tutoria. Neste movimento, o discurso das tutoras sobre a realização de suas atividades revelou que a tutoria está caracterizada como um trabalho precarizado, porque se concretiza a partir da terceirização e subcontratação da mão de obra trabalhadora, na medida em que as relações de trabalho com esses profissionais é feita a partir de contratos temporários, para atuação isolada em determinadas disciplinas ou cursos e em determinado período de tempo.

Ao construir este entendimento, percebi que a tutoria a distância baseia-se e alimenta a lógica do Modo de Produção Capitalista, pois configura-se como um espaço que abriga trabalhadores temporários a serviço da educação, o que reflete a mercantilização da Educação a Distância realizada através da Universidade Aberta do Brasil, que é organizada por meio da oferta de cursos por demanda e sem a certeza da reoferta contínua.

Neste sentido, compreendi que as tutoras, ao relatarem suas experiências sobre o trabalho na tutoria a distância, consideram-se como sujeitos ativos no processo de aprendizagem, e entendem que suas ações vão além da mediação através do ambiente virtual de aprendizagem, concretizando-se como ações educativas realizadas por professoras com o objetivo de qualificar o processo de formação dos educandos. Desta maneira, a função do tutor expressa nos Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância, apenas como um mediador entre o professor e o aluno, não se configura como tal no contexto do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, visto que as ações desenvolvidas abarcaram um acompanhamento intenso na aprendizagem dos estudantes, realizado do início ao fim do curso pelas tutoras.

Por isto, a legitimação da ação docente realizada pelas tutoras não pode ser colocada em segundo plano. À guisa de confirmação de sua identidade docente, as



tutoras reiteram sua condição de professoras, caracterizando por meio de suas falas as ações educativas desenvolvidas no âmbito da EaD e os reflexos do seu trabalho no processo de formação dos estudantes.

Com relação a este aspecto, nos diálogos apresentados na terceira categoria de análise, as tutoras abordam a atuação direta no contato e acompanhamento aos alunos, reafirmando a importância de suas ações para a realização do processo educativo na modalidade a distância. As estratégias desenvolvidas por elas para driblar os desafios da comunicação, envolvendo a linguagem escrita e os recursos tecnológicos, corroboram para a concretização de ações que realmente legitimem a realização de cursos a distância lidando estrutural e pedagogicamente com suas especificidades, sem desconsiderar o contexto em que as ações são desenvolvidas, ou seja, as tutoras realizaram ações que propuseram a superação das dificuldades no processo de aprendizagem realizado a distância, intervindo por meio dos recursos disponíveis na modalidade (ambiente virtual, ferramentas de comunicação *on line*, acompanhamento diário, entre outros).

Neste contexto, considero que o trabalho realizado por elas confirma a ocupação de um tempo extra gerado em cima do tempo livre, considerando que as cinco tutoras realizavam outras atividades para além da tutoria. Este aspecto, discutido na segunda categoria, também caracteriza a referida função nos moldes do Modo de Produção Capitalista, que exige que os sujeitos intensifiquem suas jornadas de trabalho para poder aumentar seu rendimento mensal.

A desvalorização financeira, presente em todo o contexto educacional, força os trabalhadores da educação a assumir diversas responsabilidades profissionais. Neste sentido, a tutoria a distância representa um dos espaços que abriga trabalhadores da área da educação que buscam, além da complementação financeira, possibilidades de inserção no ensino superior, objetivando a aquisição de experiência profissional e qualificação de sua prática educativa.

Essa característica também abarca elementos do Modo de Produção Capitalista, que interfere na a vida das pessoas, incentivando-as a ocupar seu tempo com vivências que garantam maior qualificação e, conseqüentemente, melhores oportunidades no mercado de trabalho. Assim, a vida em torno do trabalho é uma realidade vivenciada diretamente pelas tutoras, visto que estão sob as influências do sistema capitalista,

porque se constituem a partir dele por pertencerem a essa organização como sujeitos sociais e o constituem por reproduzirem suas características.

Entretanto, mesmo que a atividade na tutoria agrupe características do Modo de Produção Capitalista que fazem a profissão legitimar a precarização e exploração da mão de obra trabalhadora e sequestrar o tempo livre das tutoras em uma vida voltada para o trabalho, nos diálogos com Alice, Daiane, Flávia, Ivana e Leila, percebi que o trabalho na tutoria a distância também significava uma realização profissional, pois o argumento da identificação com a atividade esteve presente em todos os relatos.

A ingenuidade aparente dessa identificação com o trabalho não impede que as tutoras reflitam criticamente sobre a função que desempenham, pois a identificação com o trabalho permite que realizem reivindicações para melhoria nas condições de desenvolvimento de suas atividades. O olhar crítico com relação a sobrecarga de trabalho, e a percepção sobre a necessidade de reestruturação da Educação a Distância e da reorganização do trabalho dos tutores, inclusive com propostas de realização de concursos públicos para a profissão estavam entre os argumentos das tutoras como formas de qualificar os processos educativos realizados a distância.

Como forma de nos opormos às situações expostas ao longo desta escrita, confirmo a relevância da pesquisa no campo da Educação Ambiental, refletindo que a contextualização dos problemas sociais que enfrentamos na EaD, organizada sob influências do capitalismo, somados a ações políticas efetivas que possibilitem a transformação consciente no que se refere a toda estrutura dessa modalidade, mas principalmente ao trabalho desenvolvido pelos tutores, possam se constituir como práticas que promovam uma sociedade ecologicamente e socialmente justa.

Por isto, com vistas à proposição de mudanças no âmbito da organização do trabalho dos tutores a distância e da estrutura da EaD, penso que o caminho viável seja a institucionalização imediata da modalidade a distância nas instituições de ensino superior, com regulamentação de cursos de oferta contínua e a contratação efetiva, por meio de concursos, de profissionais que atendam as necessidades da educação a distância nas universidades.

Com a institucionalização também são necessárias a constituição de políticas públicas que deliberem acerca da profissão dos tutores, orientando de forma justa a realização das atividades desempenhadas por eles, sem sobrecarregar a função. No

mesmo movimento, a intervenção do poder público também deve se fazer presente na fiscalização e no reconhecimento do trabalho do tutor como essencial para a realização do processo educativo realizado a distância, elevando o nível de valorização financeira compatível com a qualidade do trabalho desenvolvido e com a responsabilidade social que assumem na formação em nível superior.

Por fim, ressalto a importância de problematizar o trabalho dos tutores para compreender a atividade desenvolvida por eles, esperando que as discussões que foram tecidas nesta pesquisa possam colaborar para que as ações futuras que permeiam a organização da Educação a Distância no país, principalmente no que se refere à função do tutor, considerem o contexto de exploração em que estão estruturadas, buscando sua superação.

## REFERÊNCIAS

- ABREU-E-LIMA, Denise M. de. ALVES, Mario Nunes. O feedback e sua importância no processo de tutoria a distância. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 189-205, maio/ago. 2011.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. Afonso de. Etnografia da prática escolar. Campinas, SP : Papyrus, 1995.
- ANTUNES, Ricardo. A Dialética do Trabalho. São Paulo : Expressão Popular, 2013.
- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15. ed. - São Paulo : Cortez, 2011.
- ANTUNES, Ricardo L. C. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre afirmação e a negação do trabalho. 2º Ed. São Paulo : Boitempo, 2009.
- ARROYO, Miguel G. Ofício de Mestre: Imagens e autoimagens. 12º Ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.
- BARCELOS, Valdo. Navegando e traçando mapas: uma contribuição à pesquisa em educação ambiental. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente de. (Orgs.) Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. – Ijuí, RS : Unijuí, 2005.
- BELLONI, Maria Luísa. Educação a Distância. Campinas: Autores Associados, 1999.
- BRASIL - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopse do Censo dos Profissionais do Magistério da Educação Básica: 2003. Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.
- \_\_\_\_\_ - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da Educação Superior: 2010 – Resumo técnico. Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012.
- \_\_\_\_\_ - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da Educação Superior: 2011 – Sinopse Educação Superior - 2011. Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012.
- \_\_\_\_\_ – Ministério da Educação – MEC, Secretaria de Educação a Distância – SEED/MEC. Referenciais de Qualidade para Educação Superior a distância. Brasília : Ministério da Educação : Brasília, 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/referenciaisead.pdf>. Acesso em 10 de janeiro de 2013.
- \_\_\_\_\_ – Ministério da Educação – MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9.394/96. Brasília : Ministério da Educação : Brasília, 1996.
- \_\_\_\_\_ - Universidade Aberta do Brasil – UAB, CAPES. Legislação UAB. Disponível em [www.uab.capes.gov.br](http://www.uab.capes.gov.br) Acesso em 14 de dezembro de 2012.
- COUSIN, Cláudia da Silva. Pertencer ao naveg@r, agir e narr@r: a formação de educadores ambientais. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Rio Grande, 2010.

- COSTA, Antonio Roberto F. O discurso da industrialização do ensino na Política Nacional de Educação a Distância. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.
- DIAS, Rosilâna A. LEITE, Lígia S. Educação a Distância : da legislação ao pedagógico. 2. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP : Paz e Terra, 1996.
- GUIMARÃES, Mauro. A formação de educadores ambientais. Campinas, SP : Papyrus, 2004.
- HART, Paul. Narrativa, conhecimento e metodologias emergentes na pesquisa em Educação Ambiental: questões de qualidade. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente de. (Orgs.) Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. – Ijuí, RS : Unijuí, 2005.
- LESSA, Sérgio. TONET, Ivo. Introdução à filosofia de Marx. 2º Ed. São Paulo : Expressão Popular, 2011.
- LÉVY, P. As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, RJ : Ed. 34. 2008.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. São Paulo, SP : Cortez, 2004.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. (ORG.) [at al.]. A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação. Rio de Janeiro : Quartet, 2007.
- MATTAR, João. Tutoria e interação em educação a distância. São Paulo : Cengage Learning (Série Educação e Tecnologia), 2012.
- MARQUES, Mario Osório. Escrever é preciso: o princípio da pesquisa. – 2. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.
- MÁSZÁROS, Instván. A educação para além do capital. 2.ed. São Paulo, SP : Boitempo, 2008.
- MORAES, Roque. GALIAZZI, Maria C. Análise textual discursiva. Ijuí : UNIJUÍ, 2007.
- MORAES, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente de. (Orgs.) Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. – Ijuí, RS : Unijuí, 2005.
- MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. In: Ciência & Educação v. 9, n. 2, p.191-211, 2003.
- MORIN, Edgar, 1921 – A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 14º ed. 128p. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- OLIVEIRA, Caroline. O conceito do trabalho: fundamento ontológico do ser humano. Plataforma Moodle – Especialização em Educação de jovens e adultos na Diversidade – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2011.

PEDROSA, José Geraldo. O capital e a natureza no pensamento crítico. In: LOUREIRO, Carlos Frederico B. (ORG.). A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação. Rio de Janeiro : Quartet, 2007.

PETERS, O. A educação a distância em transição. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

RECUERO, Raquel. Teoria das redes e redes sociais na internet: Considerações sobre o orkut, os weblogs e os fotologs. Anais do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM realizado em Setembro de 2004. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br>. Acesso em 07/03/2013.

REIGOTA, Marcos. O que é educação ambiental. São Paulo, SP : Brasiliense, 1996.

VALENTE, José Armando. MORAN, José Manuel. Educação a distância: Pontos e Contrapontos. ARANTES, Valéria Amorin (organizadora) - São Paulo : Summus, 2011.

VILARINHO, Lúcia R. G. CABANAS, Maria. I. C. Educação a Distância (EaD): o tutor na visão de tutores. Revista Educação, Santa Maria, v. 33, n. 3, p. 481-494, set/dez. 2008. Disponível em <http://www.ufsm.br/revistaeducacao> Acesso em 12 de abril de 2013.

## **ANEXOS**